

**Redes Concelhias/Interconcelhias de Bibliotecas:
um estudo descritivo baseado em inquérito por questionário**

Maria do Rosário Torrão Caldeira Fernandes

*Dissertação apresentada à escola Superior de Educação de
Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tecnologias da
Informação e Comunicação na Educação e Formação*

Orientado por
Vítor Barrigão Gonçalves

**Bragança
Junho - 2013**

**Redes Concelhias/Interconcelhias de Bibliotecas: um estudo descritivo
com base num inquérito por questionário**

Maria do Rosário Torrão Caldeira Fernandes

*Dissertação apresentada à escola Superior de Educação de
Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tecnologias da
Informação e Comunicação na Educação e Formação*

Orientada por
Vitor Barrigão Gonçalves

**Bragança
Junho - 2013**

Agradecimentos

Para que esta dissertação se tornasse possível, convergiram vários fatores que nos cumpre reconhecer.

Em primeiro lugar, a disponibilidade permanente, o apoio certo, o profissionalismo e a competência do meu orientador, Professor Vítor Gonçalves.

Agradeço, de forma particular, à Dr.^a Teresa Calçada, Coordenadora Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, que apoiou a realização deste estudo.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas Coordenadores Interconcelhios da RBE pela prontidão nas respostas e, em especial, ao António Teixeira e à Dina pelas sugestões, pela partilha e pelo incentivo. À Regina pela companhia “virtual” e pelas palavras de apoio pela noite dentro.

A todos colegas que, de alguma forma, me apoiaram neste percurso, em especial ao António Luís, à Luísa e à Mitó, pela força e pelo incentivo, particularmente nos momentos difíceis que tornaram esta minha caminhada mais longa.

Agradeço a longa paciência e a imensa compreensão da minha família e, especialmente, o apoio da minha filha Joana que, mesmo à distância, generosamente me disponibilizou. Agradeço ternamente aos meus netos, Álvaro, Juka e Matilde, por compreenderem as minhas longas ausências.

A todos os professores bibliotecários e responsáveis das bibliotecas municipais que participaram no estudo, o meu agradecimento pela colaboração prestada.

A todos, a nossa gratidão.

Maria do Rosário Caldeira

Bragança, junho de 201

Resumo

O objetivo deste estudo consiste em avaliar de que forma as redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas podem contribuir para a melhoria das práticas na biblioteca escolar. Existindo pouca investigação em Portugal nesta área, não nos foi possível obter dados para estabelecer comparações ou cruzar informações com outros estudos.

Como instrumento principal da recolha de dados, recorreu-se a um inquérito por questionário aplicado aos coordenadores interconcelhios, professores bibliotecários e bibliotecários municipais das redes institucionalmente constituídas.

Os principais resultados obtidos apontam para uma mais-valia destas redes no que diz respeito ao trabalho colaborativo, à partilha e ao sentido de pertença a uma comunidade de prática.

Os resultados indicam, também, que apesar da valorização do portal concelhio e do catálogo coletivo pelos professores bibliotecários e pelos bibliotecários municipais, ainda não se rentabilizam todas as potencialidades e funcionalidades dos mesmos ao serviço dos utilizadores.

Conscientes da importância das redes concelhias e interconcelhias na promoção da leitura e das literacias do século XXI, concluímos o estudo com algumas sugestões para a melhoria do funcionamento das mesmas e de um uso mais profícuo do portal concelhio e do catálogo coletivo.

Palavras-chave: Redes; Bibliotecas; Trabalho colaborativo; Web 2.0;

Abstract

The aim of this study is to evaluate how public and school libraries, articulated within local networks, may contribute to improve and strengthen practices in school libraries. Since there is little research in this area in Portugal, we were unable to obtain data to compare and crosscheck the results with other studies.

As the main instrument of data collection, we used a survey questionnaire applied to school teacher librarians, public librarians and RBE (Portuguese School Library Network) regional advisers and coordinators.

The main results point to a great asset of these local library networks, behaving as real communities of practice.

The results also indicate that, despite the appreciation shown by teacher librarians and public librarians of the portal and the collective catalogue, not all their pedagogical features and potential are placed at the service of users.

Aware of the libraries networks value in promoting reading and 21st century literacies, the study concluded by pointing to some strategies for improving the performance of local library networks and for a more profitable use of the portal and the collective catalogue as Web 2.0 tools

Keywords: Networks; Libraries; Collaborative work; Web 2.0

Índice

Capítulo I – Introdução.....	14
1.1. Contextualização e justificação do estudo	14
1.2. Definição do problema e objetivos	16
1.3. Estrutura do trabalho.....	18
Capítulo II – A biblioteca escolar na Sociedade da Informação e do Conhecimento	19
2.1. Programa da Rede de Bibliotecas Escolares: o percurso.....	22
2.2. Da biblioteca 1.0 à biblioteca 3.0 e tecnologias associadas	25
2.2.1. A biblioteca escolar e os novos ambientes de aprendizagem.....	37
2.3. O papel do professor bibliotecário como agente de mudança	38
2.3.1. Formação do professor bibliotecário	41
2.3.2. Relação professor bibliotecário/utente	42
Capítulo III – Redes: novas formas de comunicar, aprender e ensinar	44
3.2. Bibliotecas escolares/Bibliotecas Municipais: a parceria desejável.....	46
3.3. Redes concelhias de bibliotecas: objetivos e implementação	48
3.3.1. O Portal concelhio. Programa para a criação de catálogos coletivos da Rede de Bibliotecas Escolares (PCCRBE)	49
3.3.2. Utilização pedagógica do catálogo coletivo	50
Capítulo IV – Metodologia.....	52
4.1. Natureza do estudo	53
4.2. Instrumento de recolha de dados: o inquérito por questionário	54
Capítulo V - Apresentação e interpretação dos resultados	56
Capítulo VI – Considerações finais	106
6.1. Conclusões.....	106
6.2. Limitações do estudo	108
6.3. Sugestões para futuras investigações.....	108
Referências	109
Anexos.....	116
Anexo I- Da Web 1.0 à Web 3.0 : Conceitos e Tecnologias.....	117
Anexo II - Questionário.....	124
Anexo III – E-mail dirigido ao(s) diretor(es) das escolas integradas nas redes concelhias do estudo solicitando colaboração na resposta a um questionário	139
Anexo IV – E-mail dirigido ao(s) PB coordenadores das bibliotecas das escolas integradas nas redes concelhias do estudo.....	141

Anexo V – E-mail dirigido aos bibliotecários municipais solicitando colaboração na resposta a um questionário	143
---	-----

Índice de Gráficos

PARTE I

Gráfico 1 - Classificação dos participantes por faixa etária (Idade em anos)	58
Gráfico 2- Classificação dos participantes por função	58
Gráfico 3.1- Número de horas de formação na área das bibliotecas	59
Gráfico 3.2.1- Formação em Organização e Gestão de Bibliotecas	60
Gráfico 3.2.2- Formação em Tratamento Documental/Ciências Documentais.....	61
Gráfico 3.2.3- Formação em Comunicação Educacional Multimédia/Produção de documentos áudio/vídeo/multimédia/digitais.....	62
Gráfico 3.2.4- Formação em TIC	63
Gráfico 3.2.5- Formação em gestão de equipamentos	63
Gráfico 3.2.6 – Formação para a(s) literacia(s)	64
Gráfico 4 - Experiência profissional nestas funções	65

PARTE II

Gráfico 1 - Importância de uma rede concelhia/interconcelhia de bibliotecas.....	66
Gráfico 2.1 – Falta de hábitos de trabalho colaborativo.....	66
Gráfico 2.2 – Uniformização de procedimentos.....	67
Gráfico 2.3 – Constituição de equipas de trabalho	68
Gráfico 2.4 – Falta de tempo	68
Gráfico 2.5 – Cumprimento de prazos.....	69
Gráfico 2.6 – Dificuldades técnicas.....	70
Gráfico 2.7 – Desconhecimento de uma filosofia de rede.....	70
Gráfico 3.1 – Um grupo de trabalho formalizado	71
Gráfico 3.2 – Uma comunidade de prática	72
Gráfico 3.3 - Uma estrutura de colaboração e partilha.....	72
Gráfico 3.4 - Um grupo de profissionais com objetivos comuns	73
Gráfico 3.5 - Uma rede de informação e de conhecimento	73
Gráfico 4 - Quem lidera o processo de criação de uma rede de bibliotecas.....	74
Gráfico 5 - Existe uma identidade coletiva na rede onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s)?.....	75
Gráfico 7 - De que forma acompanha as redes de bibliotecas do seu território?	76

PARTE III

Gráfico 1 - Qual a sua participação na atualização do portal da rede concelhia a que pretence?.....	77
Gráfico 2 - Indique a periodicidade da atualização do portal.....	77
Gráfico 3 - Com que frequência visita o portal	78
Gráfico 4.1 - A inexistência de competências tecnológicas por parte dos responsáveis por essa tarefa	79
Gráfico 4.2 - Falta de apoio por parte dos órgãos diretivos	79
Gráfico 4.3 - Falta de tempo por parte dos responsáveis por essa tarefa	80
Gráfico 4.4 - Falta de formação no domínio das tecnologias por parte dos responsáveis por essa tarefa	80
Gráfico 4.5 - Falta de motivação por parte dos responsáveis por essa tarefa.....	81
Gráfico 5.1.1 - Encoraja a partilha e acrescenta dinamismo e interatividade aos trabalhos desenvolvidos	81
Gráfico 5.1.2 - Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao que é publicado.	82
Gráfico 5.1.3 - Permite uma maior divulgação das atividades e práticas das bibliotecas.	82
Gráfico 5.1.4 - Confere uma grande visibilidade às bibliotecas.....	83
Gráfico 5.1.5 - Possibilita a disponibilização de recursos educativos digitais para os utilizadores	83
Gráfico 5.1.6 - Permite a divulgação da informação de forma mais ágil e rápida.	84
Gráfico 5.1.7 - Possibilita a disponibilização de documentos essenciais para os utilizadores	84
Gráfico 5.1.8 - Potencia o trabalho em rede.	85
Gráfico 5.1.9 - Permite a disponibilização e acesso permanentes ao catálogo.	85
Gráfico 5.1.10 - Constitui-se como uma ferramenta de marketing	86
Gráfico 5.1.11 - Os utilizadores sentem-se mais motivados	86
Gráfico 5.1.12 - A comunidade, em geral, conhece melhor os recursos existentes nas bibliotecas.....	87
Gráfico 5.1.13 - As bibliotecas são mais inovadoras e procuram estar sempre atualizadas.	87
Gráfico 5.2 – Tipos de ligação do portal	89
Gráfico 5.6 - O portal integra ferramentas da Web 2.0?	90
Gráfico 5.7 – Ferramentas integradas no portal	90
Gráfico 5.9 - A que instrumentos recorre para medir o impacto do portal nas escolas/bibliotecas municipais?.....	91

Gráfico 6 - Relativamente ao portal concelhio onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s), os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?	92
---	----

PARTE IV

Gráfico 1.1 - Fomenta a leitura.....	94
Gráfico 1.2 - Permite o acesso livre e permanente à informação	94
Gráfico 1.3 - Permite a economia de tempo	94
Gráfico 1.4 - Valoriza o trabalho em rede	95
Gráfico 1.5 - Disponibiliza uma maior oferta de recursos aos utilizadores	95
Gráfico 1.6 - Dificulta o respeito pela propriedade e controlo dos catálogos de cada biblioteca	96
Gráfico 1.7 - Potencia o aumento de requisições domiciliárias	96
Gráfico 1.8 - Constitui-se como uma ferramenta pedagógica que facilita a criação de espaços colaborativos <i>online</i>	97
Gráfico 1.9 - Favorece a aprendizagem.....	97
Gráfico 1.10 - Permite a ligação ao currículo.....	98
Gráfico 1.11 - Facilita o empréstimo interbibliotecas	98
Gráfico 1.12 - Potencia uma catalogação cooperativa	99
Gráfico 1.13 - Não garante a uniformidade de critérios biblioteconómicos	99
Gráfico 1.14 - Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao tratamento da informação e dos recursos documentais	100
Gráfico 2 - O catálogo coletivo é utilizado como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0 em contexto letivo?.....	101
Gráfico 2.1 - Se respondeu Sim, selecione uma ou mais opções da seguinte lista.....	101
Gráfico 3.1 - A sua biblioteca dinamiza sessões de formação em pesquisa, recuperação e seleção de informação.	102
Gráfico 3.2 - A sua biblioteca disponibiliza documentos para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação.	102
Gráfico 3.3 - Documentos para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação.	103
Gráfico 3.4 - Indique a(s) forma(s) como esses documentos são disponibilizados.....	103
Gráfico 3.5 - Instrumento(s) de divulgação das novidades do catálogo coletivo.....	104
Gráfico 4 - Relativamente ao catálogo coletivo concelhio/interconcelhio os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?	105

Índice de Figuras e Tabelas

Tabela 1 – Questão de investigação e objetivos do estudo.....	17
Figura 1 – A biblioteca escolar do séc. XXI.....	22
Figura 2 – A evolução da Web e das tecnologias correspondentes.....	26
Figura 3 - Ondas da Biblioteca 2.0 (tradução nossa).....	28
Figura 4 - Funcionamento da RA	30
Figura 5 – Exemplo da utilização de Código QR em bibliotecas.....	31
Tabela 2 -Da biblioteca 1.0 à Biblioteca 3.0	35
Tabela 3 - Da Educação 1.0 à Educação 3.0 (tradução nossa)	37
Figura 6- Redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Fonte (Baran, 1964:2).	45
Figura 7- Fazer reservas online	50
Figura 9 – Adicionar comentários	51

Lista de Siglas e Acrónimos

AASL	American Association of School Librarians
ALA	American Library Association
BE	Biblioteca(s) Escolar(es)
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CFAE	Centro (s) de Formação da Associação de Escolas
CIBE	Coordenador Interconcelhio das Bibliotecas Escolares
DPLA	Digital Public Library of America
DC	Data Center
FOAF	Friend Of A Friend
GRBE	Gabinete Rede de Bibliotecas Escolares
IASL	International Association of School Librarianship
ICEM	International Council for Educational Media
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
IM	Instant Message
MC	Ministério da Cultura
ME	Ministério da Educação
NCLIS	U.S. National Commission on Libraries and Information Science
PB	Professor Bibliotecário
PRBE	Programa da Rede de Bibliotecas Escolares
PRODEP	Programa de Desenvolvimento da Educação para Portugal
QR (Code/Código)	Quick Response (Code/Código)
RA	Realidade Aumentada
RBE	Rede de Bibliotecas Escolares
RBEP	Rede de Bibliotecas Escolares do Porto
RDA	Resource Description and Access
RSS	Really Simple Syndication
SABE	Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares
SKOS	Simple Knowledge Organization System
SL	Second Life
SMW	Semantic Media Wiki
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
UNIMARC	Universal Marc (Machine Readable Cataloging)

Capítulo I – Introdução

A vertiginosa revolução tecnológica digital a que se assiste nesta segunda década do séc. XXI toca todos os setores da sociedade atual, exercendo um enorme impacto na vida do homem. Comunica-se e trabalha-se de forma diferente, ensina-se e aprende-se de forma diferente. Este novo paradigma de sociedade, “sociedade pós-industrial”, como Bell a apelidou, ou “Sociedade em Rede”, segundo Castells, assenta num bem intangível, mas valioso, a informação e, por isso é, também, conhecida por Sociedade da Informação. No entanto, a informação, por si só, não aporta valor nem riqueza, pelo contrário, o nevoeiro informacional pode afastar o conhecimento, esse sim um bem poderoso e transformador da sociedade, razão pela qual o termo “Sociedade do Conhecimento” é a designação que tem vindo a assumir maior destaque.

Nesse sentido, não bastam as novas oportunidades que as tecnologias de informação e comunicação, em geral, e a Internet, em particular, vieram trazer no acesso armazenamento e disseminação da informação, reconhecendo-se, porém, que são condições necessárias no uso e na construção do conhecimento. A tecnologia modifica os ambientes de aprendizagem, uma vez que através dela é possível o acesso a uma grande quantidade de fontes de informação. Assim, a escola em geral e, as bibliotecas, escolares e públicas, em particular, têm que perspetivar os seus papéis de acordo com os novos tempos e as novas circunstâncias.

Neste capítulo, apresenta-se a contextualização do estudo realizado, justificando as razões e motivações que estão na base do mesmo

1.1. Contextualização e justificação do estudo

Desde a sua criação, em 1966, que o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares (PRBE) preconizava a criação de “*Redes Locais de Leitura*”, um dos princípios subjacentes ao mesmo, plasmado no Relatório “*Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*” (1966)¹:

[...] é desejável que a ligação em rede não fique confinada às escolas e acompanhe a evolução das políticas educativas que procurem fazer do estabelecimento de ensino um equipamento integrado com outros equipamentos sociais da localidade. Nessa ligação a outros equipamentos sociais é de privilegiar a biblioteca pública [...]. (Veiga et al. , 1966a)

¹ Disponível em: <http://www.rbe.mec.pt/np4/94.html>

A evolução da Web, associada à revolução tecnológica, torna esta parceria mais urgente e necessária, dando-se início à criação de redes concelhias de bibliotecas que, em muitos casos, englobam outras instituições locais, nomeadamente, bibliotecas do ensino superior, para além da biblioteca municipal. As bibliotecas numa comunidade podem desempenhar um papel muito importante na aprendizagem, quer seja formal, informal ou não formal, não podendo, por isso, enquanto recursos sustentados pela comunidade, deixar de fazer uma gestão integrada desses recursos (humanos, materiais e patrimoniais), devendo obrigatoriamente dialogar entre si, encontrar, democraticamente, formas de organização que respeitem a diversidade das entidades cooperantes, mas unidas por valores e princípios comuns que definam uma identidade própria. A criação e desenvolvimento de redes concelhias de bibliotecas, características, e requisitos, são temas a desenvolver no capítulo III.

Criadas, até 31 de Março de 2013, 41 redes concelhias e duas interconcelhias, cumpre-nos avaliar o impacto que as mesmas exercem nas escolas, no que concerne ao aumento dos índices de leitura e das competências literárias dos alunos, bem como do uso e da gestão partilhada dos recursos informacionais e tecnológicos.

O objeto deste estudo está estreitamente ligado com a experiência pessoal e profissional da investigadora, primeiro como coordenadora de uma Biblioteca Escolar (BE) e desde há sete anos como Coordenadora Interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares (CIBE)², assegurando a ligação entre o Programa da Rede de Biblioteca Escolares (PRBE), as escolas, os professores bibliotecários e as parcerias locais. Acompanhando e conhecendo o processo de criação das redes concelhias de bibliotecas, este estudo constitui uma oportunidade de realizar uma reflexão mais consistente sobre as potencialidades das mesmas. Além disso, não existem estudos em Portugal sobre esta temática, acreditando, assim, que este trabalho poderá ser um pequeno contributo para a melhoria dos pontos fracos que possam vir a ser detetados na criação e desenvolvimento das redes concelhias de bibliotecas. O único estudo conhecido, realizado neste âmbito, consiste na tese de Doutoramento: *A Rede de Bibliotecas Escolares do Porto como Comunidade de Prática e a Identidade dos Professores Bibliotecários: Um Estudo de Caso* (Santos N. R., 2012), mas que não se enquadra nos objetivos desta investigação, uma vez que a Rede de Bibliotecas do Porto (RBEP) tem características e

² De acordo com o Despacho nº 17670/2009 – os coordenadores interconcelhios das bibliotecas escolares constituem o elo de ligação entre o Gabinete Coordenador da RBE e as escolas.

especificidades muito próprias e, como se esclarecerá, não faz parte do universo deste estudo.

1.2. Definição do problema e objetivos

Uma rede concelhia de bibliotecas, formalmente constituída através da assinatura de um Protocolo de Cooperação entre todos os parceiros que a integram, tem uma identidade própria que se pode perceber num portal, o qual integra a interface de pesquisa do catálogo coletivo, as notícias, os serviços, as atividades e outras funcionalidades. A constituição do catálogo coletivo exige a normalização biblioteconómica, levando à elaboração de um manual de procedimentos comum. *O catálogo coletivo assenta numa metodologia de fusão de registos bibliográficos idênticos, ressaltando apenas a individualidade topológica de cada documento expressa pelo campo 966 (Cota) de cada biblioteca* (RBE, Programa para a criação de catálogos colectivos, 2011). Pretende-se, desta forma, uma organização e uma gestão eficazes de todos os recursos existentes nas diferentes bibliotecas através do empréstimo interbibliotecário, com regulamento próprio, facilitando o acesso à informação de todos os municípios. No entanto, o catálogo coletivo de uma rede concelhia não se limita apenas à possibilidade da pesquisa, ele constitui-se como uma ferramenta pedagógica para alunos e professores.

O principal problema a abordar por este estudo consiste na inexistência de um conhecimento sistemático no que diz respeito ao impacto que as redes concelhias de bibliotecas têm na melhoria das práticas dos professores bibliotecários (PB) e no desempenho da BE. Assim, a questão **“Como é que as redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas podem contribuir para a melhoria das práticas na biblioteca escolar?”**, constitui o ponto de partida para este estudo. Para obtermos respostas para a questão formulada, definimos os objetivos que a seguir se especificam explicitando a sua relação com as questões do questionário.

Questão de investigação	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Questões do questionário
“Como é que as redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas podem contribuir para a melhoria das práticas na biblioteca escolar?”	1. Identificar e caracterizar universo de estudo	1.1. Verificar, se é possível estabelecer uma relação explícita entre a idade, formação e experiência profissional na dinamização do portal e na utilização do catálogo coletivo.	Parte I 1.; 2.; 3.1.; 3.2.; 4.
	2. Caracterizar as redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas	2.1. Caracterizar as redes concelhias/interconcelhias no que respeita à sua conceção, atualização e dinamização.	Parte II 1.; 2.; 4.;6.; 6.1.; 7;
		2.2. Reconhecer formas de cooperação e desenvolvimento de parcerias.	3.
		2.3. Conhecer as perspetivas de cada ator sobre as redes a que pertencem.	3.;5.
	3. Caracterizar o portal concelhio/interconcelhio de bibliotecas	3.1. Identificar os responsáveis pela atualização do portal e respetiva periodicidade.	Parte III 1.; 2.; 3.
		3.2. Conhecer as funcionalidades do portal como uma plataforma pedagógica da Web 2.0 e os instrumentos de avaliação da sua usabilidade.	5.1.; 5.2.; 5.3.; 5.4.; 5.5.; 5.6.; 5.7.; 5.8.;5.9.
		3.3. Conhecer as perspetivas dos professores bibliotecários e bibliotecários municipais sobre as potencialidades de um portal concelhio/interconcelhio.	6.; 7.
		3.4. Identificar os constrangimentos que possam condicionar uma boa utilização do portal concelhio e do catálogo coletivo.	4.
	4. Identificar a utilização do catálogo coletivo como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0	4.1. Avaliar o uso do catálogo como uma ferramenta pedagógica 2.0 em contexto letivo e em contexto livre.	Parte IV 1.; 2.; 2.1.;
		4.2. Identificar se as bibliotecas fazem formação do utilizador no uso do catálogo como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0.	3.1.; 3.2.; 3.3.; 3.4.;
		4.3. Conhecer formas de divulgação do catálogo coletivo na escola e na comunidade.	3.5.;
		4.4. Conhecer as perspetivas dos professores bibliotecários e bibliotecários municipais sobre as potencialidades do catálogo coletivo.	4.; 5.

Tabela 1 – Questão de investigação e objetivos do estudo

Dos objetivos enunciados, resultantes da questão central do nosso estudo, decorrem duas vertentes de análise a seguir discriminadas.

a) **Portal Concelhio** – pretende-se conhecer:

- A frequência de atualização do portal e respetivos responsáveis.
- Ligações para outros sítios/páginas/blogues.
- As ferramentas integradas e funcionalidades.
- Instrumentos de difusão.
- Instrumentos de avaliação da utilização por parte da comunidade educativa.

b) **Catálogo Coletivo** – pretende-se conhecer:

- Uso do catálogo como ferramenta pedagógica da Web 2.0.
- Existência da formação de utilizador no uso do mesmo e instrumentos/documentos utilizados.
- Instrumentos de divulgação de novidades.

Para conhecermos as respostas às questões enunciadas, aplicou-se um inquérito por questionário aos coordenadores interconcelhios, professores bibliotecários e bibliotecários municipais das redes concelhias e interconcelhias existentes, disponíveis no Portal da RBE, <http://www.rbe.mec.pt/np4/648.html>.

1.3. Estrutura do trabalho

O presente trabalho está dividido em seis capítulos com uma sequência lógica de complementaridade.

No Capítulo I, após uma breve introdução ao estudo, apresenta-se a contextualização e motivação para a realização do mesmo, define-se o problema e as questões de investigação que o suportam, enuncia-se os objetivos, terminando com a apresentação da estrutura do trabalho. No Capítulo II, apresenta-se o estado da arte do objeto em estudo. Procura-se refletir sobre a evolução das bibliotecas em Portugal e das tecnologias usadas nos novos ambientes de aprendizagem, bem como sobre o papel e formação do PB na Sociedade do Conhecimento e da sua relação com o utilizador. No Capítulo III, aborda-se a importância das redes concelhias de bibliotecas, o seu processo de criação e desenvolvimento espelhado no portal concelhio e no catálogo coletivo. Traçado o quadro teórico, passa-se à apresentação do estudo empírico, no Capítulo IV. Aí, é explicitado o objeto e natureza do estudo, são apresentadas as opções metodológicas tomadas e descreve-se o instrumento de recolha de dados utilizado. O capítulo V apresenta os resultados obtidos e a respetiva análise. Por fim, no Capítulo VI, procede-se à síntese do estudo, bem como à reflexão sobre as suas limitações e implicações futuras, apontando-se sugestões para melhoria de práticas na perspetiva da RBE e na perspetiva da investigadora.

Capítulo II - A biblioteca escolar na Sociedade da Informação e do Conhecimento

O séc. XXI tem sido marcado pelo constante avanço tecnológico, provocando mudanças profundas na sociedade e tocando todas as áreas do conhecimento.

As economias industriais deram lugar a economias do conhecimento, força motriz de todas as atividades económicas, assentes na aprendizagem ao longo da vida, na inovação e na criatividade permanentes (Ministério da Educação e Ciência, 2012).

Numa sociedade onde o motor de desenvolvimento, aquele que constitui o verdadeiro poder e a verdadeira riqueza é o conhecimento, já não há espaço para uma educação confinada à sala de aula, ao livro didático, centrada no professor e na rigidez do currículo. Pelo contrário,

A escola tem de adoptar novas modalidades de acção educativa que estimulem o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia dos jovens, capacitando-os para a apreensão e o processamento da informação, a resolução de problemas e a aprendizagem ao longo da vida. (Conde, 2006, p.15)

A explosão informacional, tecnológica digital, e a inclusão das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem reforçam o papel das bibliotecas escolares na formação de alunos autónomos e críticos no uso da informação, na construção do conhecimento e na condução do seu processo de aprendizagem ao longo da vida. *O aluno actual deseja ser o “capitão” da sua própria aprendizagem* (Das, 2008). Ainda, segundo esta autora, e face às transformações que a sociedade atual atravessa, fruto da revolução tecnológica digital,

[...] a biblioteca escolar é mais do que uma sala com livros e serviços: é uma *função* na escola. A nova função da biblioteca escolar pode descrever-se como “*uma biblioteca escolar sem fronteiras*”, uma vez que possibilita acesso permanente, a partir de qualquer ponto. (idem, 2008).

No contexto internacional, a investigação tem comprovado que a BE exerce uma enorme influência na aprendizagem e nos resultados dos alunos, desenvolvendo competências para a aprendizagem ao longo da vida.

James Henri (2001) refere que as escolas do século XXI se devem preocupar com o modo como alunos processam a sua aprendizagem, sublinhando que para que esse objetivo seja atingido é necessária uma estreita colaboração entre os professores das áreas curriculares e o professor bibliotecário. Também Carol Kuhlthau, na sua

comunicação à Conferência da IASL (International Association of School Librarianship) em 2001, proclama que a BE é a chave para os alunos aprenderem a aprender num ambiente tecnológico e informacionalmente rico, sublinhando que a BE desempenha um papel fundamental na reestruturação da escola na era da informação (Kuhlthau, 2001). Essa ideia será enfatizada pela mesma investigadora na Conferência da IASL que decorreu em Lisboa em 2006, referindo que a aprendizagem por questionamento (*guided inquiry*) é uma forma inovadora e dinâmica de desenvolver as literacias através da BE, em articulação com os professores, uma vez que este modelo de aprendizagem desenvolve as competências de pesquisa, promove a aprendizagem colaborativa, a motivação, a compreensão leitora, competências essenciais para o século XXI. Ross Todd, um investigador que tem desenvolvido um trabalho extraordinário e internacionalmente reconhecido no âmbito das bibliotecas escolares, defende comprovadamente que a BE tem um impacto evidente na construção e desenvolvimento de competências múltiplas, constituindo-se como verdadeiros centros de aprendizagem. Assim, ele considera que as bibliotecas escolares são *Knowledge space, not information place; Connections, not collections; Actions, not positions; Evidence, not advocacy* (Todd, 2001). Na mesma perspetiva, o investigador acrescenta que

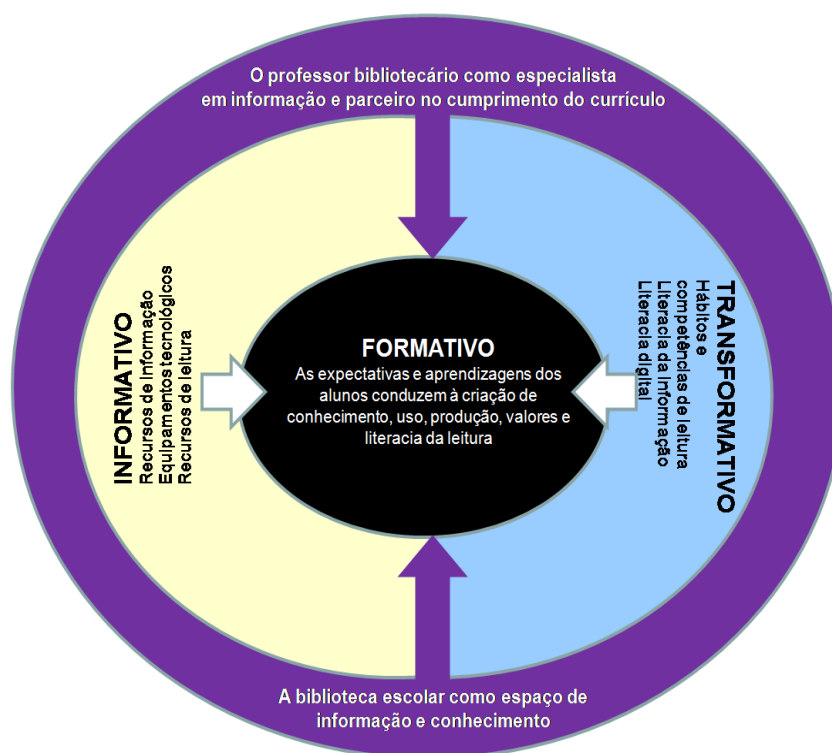
Se as bibliotecas escolares não contribuírem para o sucesso das aprendizagens e se os professores bibliotecários forem incapazes de trabalhar para aquele objetivo, serão as próprias bibliotecas escolares a ser arrastadas para terreno pouco firme e para situações de incerteza. (Todd, 2010).

Diversos estudos internacionais apontam, também, para o papel insubstituível da biblioteca escolar como estrutura potenciadora da inovação e da aprendizagem na escola da era digital. Começamos por referir o documento publicado pela AASL (American School Library Association) (2007), *Standards for the 21st-Century Learner*, tomando em conta a evolução da tecnologia e o seu reflexo numa maior complexidade do conceito de literacia da informação. O documento sublinha que as bibliotecas escolares são essenciais para o desenvolvimento das competências de aprendizagem, além de que tornam possível a todos o acesso físico e intelectual aos recursos e ferramentas requeridas para uma aprendizagem num ambiente agradável, seguro e estimulante. Outro estudo importante neste âmbito foi o desenvolvido pela NCLIS (National Commission on Libraries and Information Science), (2008): *School Libraries work!* Este estudo, realizado em dezanove estados Americanos, envolveu milhares de alunos e

de bibliotecas escolares. Partindo da apresentação de uma síntese de estudos quantitativos, realizados entre os anos de 2000 e 2006, apresenta uma relação muito positiva entre as bibliotecas escolares e o sucesso dos alunos no que concerne a índices de leitura, de literacia, ou de aprendizagem, em geral. Refere, ainda, que a existência de um programa da BE, suportado por uma equipa qualificada, por bons recursos e financiamento, conduz a altos níveis de sucesso dos alunos, independentemente do respetivo nível socioeconómico ou educacional.

Na nossa perspetiva, o seguinte esquema apresenta claramente o novo conceito da biblioteca escolar do século XXI, no qual estão representadas as três dimensões que a mesma deve assumir, como forma de preparar os alunos para se tornarem cidadãos críticos e autónomos, capazes de responderem eticamente aos desafios que a sociedade atual e do futuro lhes coloca: informativa; transformativa e formativa (Todd, & Kuhlthau,2004).

- **Informativa** ► Ao disponibilizar recursos de informação, apoiar a infraestrutura tecnológica e contribuir para o uso e integração das TIC nas práticas letivas.
- **Transformativa** ► Ao formar para as diferentes literacias, desenvolver um trabalho colaborativo e articulado com os professores para o desenvolvimento das literacias conducentes à construção do conhecimento.
- **Formativa** ► Porque se constituiu como espaço de aprendizagem e de construção do conhecimento.



© 2004 Ross J. Todd, Carol C. kuhlthau e OELMA. (adaptado)

Figura 1 – A biblioteca escolar do séc. XXI

2.1. Programa da Rede de Bibliotecas Escolares: o percurso

O Relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* (Veiga et al.,1966a) constitui um marco de referência na história das bibliotecas escolares em Portugal, uma vez que seria o documento base para a implementação de um Programa que mudaria para sempre o panorama das bibliotecas escolares portuguesas.

Dois anos antes da apresentação do referido relatório, um estudo realizado pelo ICEM (International Council for Educational Media), citado por Canário et al. (1994:22), revela a situação de grande atraso em que Portugal se encontrava relativamente a outros países intervenientes no estudo. Espaços exíguos guardavam livros fechados em estantes e o equipamento informático era quase inexistente. O fundo documental, quase exclusivamente constituído por livros, não servia as necessidades dos alunos, nem era objeto de um tratamento documental segundo critérios biblioteconómicos normalizados, o que não permitia a pesquisa bibliográfica por parte de alunos e professores. No que diz respeito aos recursos humanos, a situação era também muito deficitária, já que normalmente a biblioteca estava sob a responsabilidade de um professor, muitas vezes sem perfil nem formação, ao qual lhe

eram atribuídas duas horas semanais para a gestão desse espaço. Em Portugal, Calixto (1996, p.69) faz uma leitura do documento “Guidelines for the planning and organization of school library media centres”, publicado em 1979 pela Unesco e IFLA, referindo que *a necessidade de uma Biblioteca Escolar multimédia deriva imediatamente dos novos conceitos sobre o ensino e aprendizagem (que valorizam o papel do aluno), da complexidade do processo de aprendizagem, e da existência de uma tecnologia avançada ao dispor de professores e alunos.* Face a este panorama, os Ministérios da Educação e da Cultura, numa política articulada (Despacho conjunto 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro), criaram um grupo de trabalho, constituído por Isabel Veiga (coordenadora), Cristina Barroso, José António Calixto, Teresa Calçada e Teresa Gaspar, com o objetivo de *analisar e propor medidas tendentes a incentivar a utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar e o desenvolvimento de bibliotecas escolares integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública mais ampla.* O relatório produzido pelo grupo de trabalho, “*Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*” (Veiga et al.,1996), apontava para uma situação de grande atraso na sociedade portuguesa, comparativamente com as suas congéneres europeias, no que respeita aos hábitos de leitura e às competências de literacia da população. Apenas um número muito limitado de escolas secundárias estava equipada com uma biblioteca escolar e, mesmo estas, não respondiam adequadamente aos desafios tecnológicos e informacionais que já se instalavam na sociedade de então. Partindo da verificação dessa situação, o documento apontava para a criação de uma Rede de Bibliotecas Escolares (Despacho Conjunto 184/ME/MC/96 de 6 de Junho), sendo, então, criado o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares coordenado até hoje por Teresa Calçada.

O Programa RBE inicia a sua ação em 1997, através do lançamento de candidaturas, em articulação com as Direções Regionais e com as autarquias no caso das escolas de 1º ciclo do ensino básico, abrangendo, atualmente, todas as escolas secundárias, escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e uma grande parte das escolas de 1º ciclo. O “Manifesto da Biblioteca Escolar” (IFLA/UNESCO, 1999a), a nível internacional, e o relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (Veiga et al., 1966a), a nível nacional, constituem os documentos de referência para a criação, instalação e desenvolvimento das bibliotecas escolares em Portugal. O processo de instalação das bibliotecas, numa primeira fase, e o desenvolvimento do trabalho nas escolas, posteriormente, é acompanhado no terreno por um grupo de professores

colaboradores da RBE, com formação especializada, designados por coordenadores interconcelhios, que prestam apoio técnico-pedagógico e ministram formação aos professores bibliotecários e membros das equipas da BE.

O Programa da RBE tem vindo a desenvolver-se tendo em conta os novos contextos da sociedade atual, renovando-se com os novos desafios. O documento “Avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares” corrobora esta ideia ao referir que

Em termos de balanço avaliativo, importa sublinhar três aspectos:

a) A concepção do Programa rede de Bibliotecas Escolares foi elaborada com cuidado e profundidade, por um conjunto de especialistas muito qualificados; b) nessa concepção, os parâmetros fundamentais das BE e da Rede foram definidos em consonância com os mais avançados e consagrados referenciais internacionais, nomeadamente, os da UNESCO e da IFLA; c) tomando-se como referência fundamental esses parâmetros, houve a capacidade de ajustar a concepção do Programa RBE a especificidades da situação nacional e à diversidade das escolas. (Costa (coord.), 2009, p.28)

O mesmo documento sublinha que

[...] não oferece dúvida que o Programa Rede de Bibliotecas Escolares tem tido um conjunto de impactos positivos muito consideráveis, em diversos domínios. Desde logo, a própria criação da Rede, objectivo central do Programa, teve um impacto extremamente significativo nas escolas e junto dos alunos, ao dotar aquelas bibliotecas modernas e de qualidade e ao proporcionar a estes os serviços de biblioteca respectivos. (idem,2009, pp.141-142)

O Programa RBE tem tido a preocupação de renovar objetivos e linhas de atuação consonantes com as profundas transformações que perpassaram a sociedade desde a sua criação. Assim, tem estabelecido parcerias com organismos e instituições nacionais e internacionais, (http://www.rbe.mec.pt/np4/projetos_parcerias/), as quais têm ajudado a alargar a sua ação nas bibliotecas escolares em diversas vertentes. O Portal RBE (<http://www.rbe.mec.pt/np4/home>), com conteúdos de grande qualidade e diversidade, espelha o caráter renovador da RBE, sem nunca perder de vista o objetivo principal do Programa: fazer leitores competentes, críticos e informados, independentemente do suporte ou formato de leitura, dotando-os das múltiplas competências literácicas necessárias à sociedade do conhecimento.

2.2. Da biblioteca 1.0 à biblioteca 3.0 e tecnologias associadas

Os conceitos de biblioteca 1.0, 2.0 e 3.0 estão naturalmente ligados à evolução da Web e à forma como essa evolução tem implicações profundas no modo como as bibliotecas oferecem o acesso à informação, nos recursos que disponibilizam, nos serviços que prestam junto dos utilizadores e nas suas relações com estes. Desse modo, antes de nos determos na evolução que as bibliotecas têm sofrido, trataremos os conceitos que definem a Web 1.0, 2.0 e 3.0. De acordo com Gonçalves (2007, p.5)

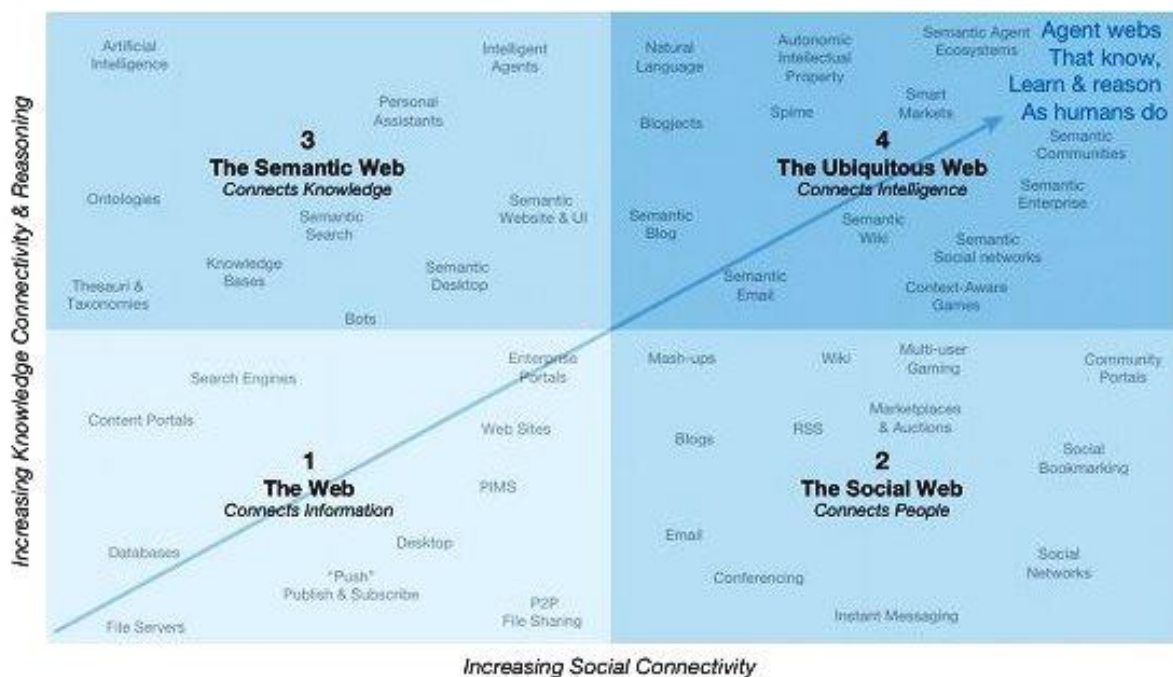
A primeira geração da Internet preocupou-se com a implementação da infraestrutura tecnológica desta rede e de serviços, tais como a Web (o conteúdo era disponibilizado através de páginas estáticas); a segunda incidu na construção de aplicações Web (o conteúdo passou também a ser disponibilizado através de páginas dinâmicas geradas a partir de bases de dados); e, actualmente, a terceira avança rumo a uma Web mais inteligente – a Web Semântica.

Muitos de nós desconhecíamos o termo “Web 1.0” até se ouvir falar da “Web 2.0”, usado pela primeira vez por Tim O’Reilly e Dale Dougherty, da O’Reilly Media, em 2004, para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como *wikis*, aplicações baseadas em *folksonomia* e redes sociais (O’Reilly, 2005a). Enquanto na Web 1.0 os internautas apenas podiam consultar ou ler conteúdos de páginas estáticas, na base da Web 2.0 está a participação dos utilizadores, uma vez que acrescentam valor à rede, personalizando e melhorando serviços, podendo criar ou colaborar na criação de conteúdos, avaliar os que encontra (*rating*), originando, assim, uma espécie de inteligência coletiva – *Embraced the power of the web to harness collective intelligence* (O’Reilly, 2005b). Na sequência desta evolução, ou como extensão das anteriores, surge a 3ª geração da Internet, a Web Semântica, também chamada de Web 3.0, a qual pretende organizar a informação na Web tal como se organiza numa biblioteca. Segundo este conceito, passa-se de uma Web de documentos para uma Web de dados. Como referem Gonçalves & Carrapatoso (2006a), *A Web Semântica não é uma nova Web ou uma Web à parte, mas sim uma extensão da actual em que a informação tem um significado bem definido, possibilitando aos computadores e às pessoas trabalharem em cooperação*. Os mesmos autores acrescentam que

Segundo a visão da Web Semântica, um qualquer utilizador, quer navegando num catálogo ou directório, quer utilizando um mecanismo de pesquisa, perante a indicação do assunto que pretende procurar, seria auxiliado por agentes

inteligentes que, através de mecanismos e linguagens de inferência e orientados por ontologias articuladas, percorreriam páginas Web anotadas e repositórios de metadados com vista a recuperar os documentos ou recursos de informação sobre o assunto em questão (em vez de todos os documentos que contenham as palavras-chave indicadas). Ou seja, já não será a sintaxe a determinar o resultado do processo de recuperação de informação, mas sim a semântica. (Gonçalves & Carrapatoso, 2006b)

De acordo com o Relatório “Semantic Wave Report” (Davis, 2008)e, corroborando a opinião dos autores antes referenciados, a Web semântica engloba os três estádios do crescimento da Internet. O primeiro estádio, a Web 1.0, tinha a ver com a ligação à informação na rede (a informação era empurrada para o utilizador- *push*). A Web 2.0 coloca a tónica na conexão a pessoas, na participação social (a informação é partilhada entre os utilizadores-*share*). O estádio seguinte, a Web 3.0 tem a ver com a representação de significados, ligando conhecimento de forma a tornar a nossa experiência na Internet mais relevante, útil e agradável (informação com significado é partilhada entre agentes de *software*, gerando conhecimento para o utilizador), ou seja, desenvolve resultados mais objetivos e personalizados em cada pesquisa, sendo capaz de interpretar a relação entre o pedido e os conteúdos em rede. A Web 4.0, que se sucederá, terá a ver com ligar inteligências numa Web ubíqua onde pessoas e máquinas “pensam” e comunicam em conjunto. O seguinte esquema ilustra de forma clara a evolução referida e as tecnologias correspondentes, apresentadas mais detalhadamente em anexo. (Anexo I)



Source: Nova Spirak, Radar Networks; John Breslin, DERE; & Miles Davis, Project10X

Figura 2 – A evolução da Web e das tecnologias correspondentes

A partir de 2005, começaram a surgir os primeiros estudos internacionais sobre a Web 2.0 envolvendo bibliotecas, bibliotecários e ferramentas tecnológicas, originando o conceito de Biblioteca 2.0, numa reação à obsolescência da biblioteca tradicional, centrada no espaço e no tempo, e à qual se passou a chamar Biblioteca 1.0.

O termo Biblioteca 2.0 (Library 2.0) foi concebido por Michael Casey no seu blogue “LibrayCrunch”, considerando que a *Biblioteca 2.0 é uma ideia disruptiva ao aplicar os princípios e conceitos da Web 2.0 à área biblioteconómica, argumentando que ela está para além da inovação tecnológica e dos serviços* (Casey, 2005). Mais tarde, Casey & Savastinuk (2010), num artigo para o “Library Journal”, defendem que *o utilizador é o centro da Biblioteca 2.0, considerando que é um modelo de biblioteca que encoraja uma mudança constante, convidando à participação do utilizador na criação dos serviços que pretende, suportada por uma constante avaliação desses mesmos serviços*. O conceito e o termo estavam já instalados e muitos investigadores ligados à área começaram a utilizá-lo. Para Maness (2006), a Biblioteca 2.0 assenta em quatro pilares que a separam da anterior:

- **Centrada no utilizador** – O utilizador participa na criação de conteúdos e serviços disponibilizados na Web pela biblioteca.
- **Disponibiliza uma experiência multimédia** – Tanto a coleção, como os serviços da Biblioteca 2.0 contêm componentes, vídeo, áudio, realidade virtual.
- **Socialmente rica** – Interage com os utilizadores, quer de forma síncrona (ex. IM – mensagens instantâneas), quer de forma assíncrona (ex. wikis).
- **Inovadora ao serviço da comunidade** – Procura constantemente a inovação e acompanha as mudanças que ocorrem na comunidade, adaptando os seus serviços para permitir aos utilizadores procurar, encontrar e utilizar a informação necessária.

Começam, então, a surgir nas bibliotecas serviços e aplicações com base na Web 2.0, tais como, Blogues e Wikis, Tagging, RSS Feeds, vídeo casting, marcadores sociais, redes sociais, podcasts, e os sites de partilha tornam-se cada vez mais populares, sendo que a grande vantagem destas ferramentas é serem gratuitas. A possibilidade da disponibilização dos catálogos *online*, independentemente da hora e do local, constitui uma das grandes mudanças incorporadas pela Biblioteca 2.0.

Para melhor se entender a mudança da Biblioteca 1.0 para a Biblioteca 2.0, David Lee King, Bibliotecário na Topeka & Shawnee County Public Library, apresentou um texto a que chamou “as ondas da biblioteca”, no qual, metaforicamente, comparava as ondas de uma pedra a cair num lago com a transformação de uma biblioteca convencional (1.0) numa biblioteca 2.0 (King, 2007).

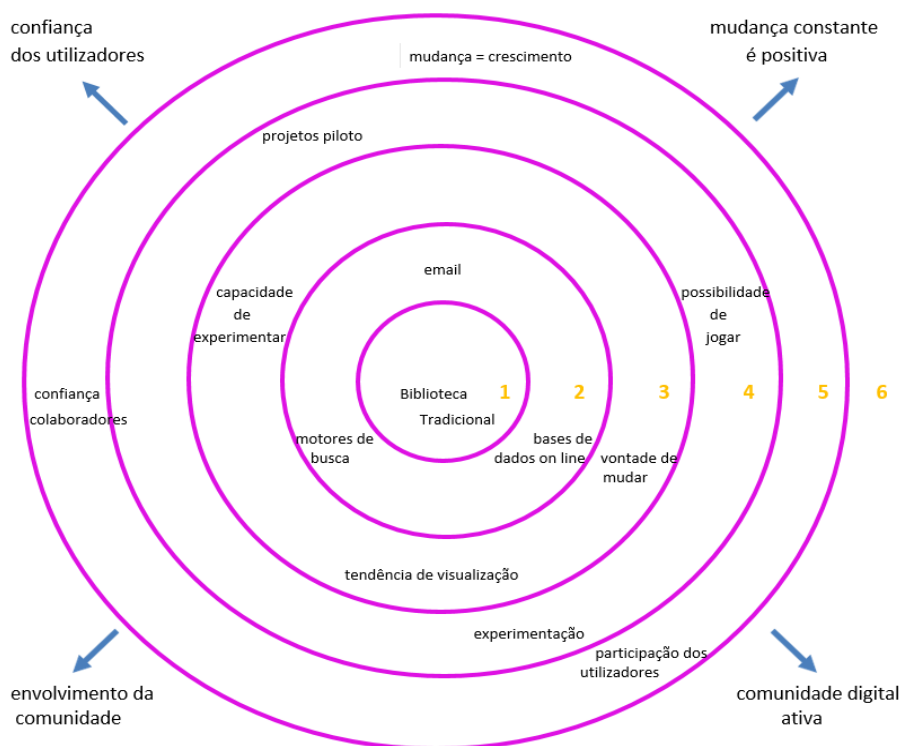


Figura 3 - Ondas da Biblioteca 2.0 (tradução nossa)

Fonte: <http://www.davidleeking.com/2007/08/24/library-20-ripples-another-go-at-the-graph/#.Ua38JEBvNsc>

Ainda muitas bibliotecas, escolares e públicas, não tinham entrado no espírito da Web 2.0, começava-se já a anunciar uma nova Web, a Web Semântica ou Web 3.0, que virá a revolucionar a forma de aceder e manipular a informação, logo com reflexos profundos no mundo biblioteconómico. No entanto, segundo O’Reilly (2005), não se trata de uma nova Web, mas de acrescentar funcionalidades e tirar partido da flexibilidade da Web 2.0 que conquistou todos os setores da vida humana. Segundo o autor, podemos usar tecnologias da Web Semântica nas aplicações da Web 2.0 e tirar o melhor partido dos dois mundos. Também Kruk & McDaniel (2010, p.58), corroboram a visão de O’Reilly, referindo que muitas das aplicações da Web 2.0 podem usar (algumas já usam) tecnologias da Web Semântica, tirando benefício desse facto, o que apenas requer alguma criatividade e imaginação. Segundo estes autores, assiste-se,

assim, ao aparecimento de novos serviços e tecnologias tais como: blogues semânticos; *wikis* semânticas; redes sociais semânticas, e outros cuja aplicação nas bibliotecas e serviços de informação se tornam de grande utilidade na pesquisa e recuperação da informação. Dão como exemplo a *Semantic Media Wiki* (SMW), uma extensão gratuita, *open-source* da *MediaWiki* (<http://semantic-mediawiki.org/>), software que alimenta a *Wikipédia*.

Embora nem todas as bibliotecas escolares se encontrem no mesmo patamar de desenvolvimento, a experiência mostra-nos que muitas delas já integram tecnologias e ferramentas da Web 2.0, podendo ser consideradas Bibliotecas 2.0. Todas as bibliotecas escolares acompanhadas pela investigadora, na qualidade de CIBE, têm blogue, embora nem em todos se verifique uma verdadeira interação com os utilizadores. Segundo Alvim (2007), o *blogue torna-se numa excelente ferramenta para acompanhar os serviços públicos da biblioteca, gestão das colecções na Web e a gestão interna dos próprios serviços*. Conscientes de que algumas bibliotecas ainda caminham rumo à biblioteca 2.0, estamos convictos de que a grande maioria tem vindo gradualmente a adotar tecnologias da Web 2.0,

- integrando recursos áudio e vídeo (podcast e videocast), algumas associando a língua gestual (ex: <http://be.escolasjoaodearaujocorreia.com/>);
- apontando para outras páginas e blogues de interesse;
- com ligação ao catálogo da biblioteca ou da Rede de Bibliotecas, quando existe;
- remetendo para as novidades, físicas ou virtuais, como e-books;
- usando marcadores sociais, como o *Del.ici.ous* ou *Diigo* (maioritariamente usado)
- integrando recursos digitais para apoio aos curricula;
- disponibilizando tutoriais e guiões;
- informando sobre ferramentas da Web 2.0 para diversos fins, tais como, ferramentas para a construção de revistas digitais, de galerias fotográficas, de construção de e-books;
- usando alimentadores RSS (*Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*.)
- estando ligado às redes sociais, predominantemente ao Facebook, seguido do Twitter, este usado, também, para a elaboração de histórias coletivas.

Além disso, um grande número de bibliotecas escolares começa a integrar recursos digitais na coleção, como revistas digitais e e-books. Embora um número muito reduzido, algumas bibliotecas escolares, começam a abrir-se a novas possibilidades, como por exemplo a Realidade Aumentada (RA).

▪ **Realidade Aumentada** - (RA), é um ambiente que envolve tanto realidade virtual como elementos do mundo real, criando um ambiente misto em tempo real, enriquecendo a realidade com marcadores digitais. Segundo Azuma (1997), a RA consiste num sistema que:

- combina elementos virtuais com o ambiente real;
- é interativa e tem processamento em tempo real;
- é concebida em três dimensões.

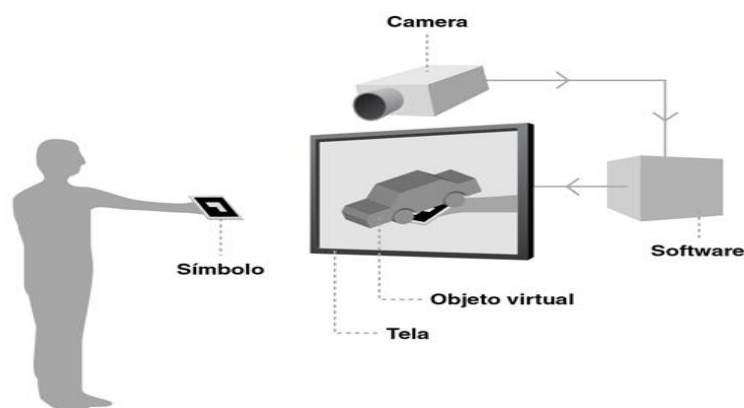


Figura 4 - Funcionamento da RA

Fonte: <http://www.agenciadda.com.br/realidade-aumentada-ra>

A aplicação da RA estende-se a várias áreas do saber e do lazer, e as escolas e bibliotecas não podem ignorar as potencialidades que o uso desta tecnologia aporta para a aprendizagem. Assim, a RA aplicada em livros pode:

- motivar para a leitura;
- servir a aprendizagem, essencialmente em disciplinas que exijam alguma abstração;
- disponibilizar a igualdade de acesso à informação, mesmo para alunos com necessidades educativas especiais;
- promover a inclusão;
- equilibrar as fontes tradicionais de informação com as novas evoluções tecnológicas, proporcionando uma nova leitura e contribuindo para a inclusão digital.

▪ **Códigos QR** - (*QR Code - Quick Response*). O interesse da utilização do Código QR reside no facto do conteúdo encriptado, com maior ou menor complexidade, poder ser decodificado rapidamente e automatizar ações. Assim, a sua aplicação na biblioteca escolar revela-se de grande pertinência para:

- acesso a outros elementos de um livro, quando colocado na capa deste;
- acesso a vídeos *online*, livros digitais, programas culturais, e outros conteúdos complementares;
- ligação direta ao catálogo da biblioteca e, quando colocados no catálogo, acesso a mais informação sobre um registo;
- acesso a e-books (ex:Projeto Gutenberg);
- apresentação de novas aquisições ou outras informações da BE;
- atividades de descoberta, como a caça ao tesouro;
- acesso a recursos eletrónicos ou bibliotecas digitais através da colocação dos códigos nas estantes da BE.

Os Códigos QR estão a ganhar espaço nas dinâmicas pedagógicas e algumas bibliotecas já estão a tirar partido da sua versatilidade, na medida em que a partir de recursos físicos, os alunos podem ter acesso a outros que estão para lá dos muros da BE.



Figura 5 – Exemplo da utilização de Código QR em bibliotecas

Fonte: <http://osxdaily.com/2013/02/13/scan-qr-code-iphone/>

▪ **Second Life (SL)** - Lançada em 2003, esta plataforma de comunicação 3D permite a criação de um ambiente virtual tridimensional onde se pode simular a vida real em todas as suas vertentes, e onde os residentes criam os seus "avatars" (bonecos virtuais). Em

2007 havia já 40 bibliotecas no SL e o número tem vindo a aumentar consideravelmente, segundo a informação disponível em http://www.libsuccess.org/index.php?title=Cybrary_City#List_of_institutions_represented_on_Cybrary_City. Muitas destas bibliotecas podem ser encontradas em “Cibrary City” http://www.libsuccess.org/index.php?title=Cybrary_City, uma parte do arquipélago da informação no SL. Este local foi construído para que as bibliotecas possam disponibilizar os seus serviços e recursos virtuais e, ao mesmo tempo, os bibliotecários possam aprender e desenvolver as competências do bibliotecário para o século XXI. Portugal tem já alguns exemplos de instituições e empresas presentes neste mundo virtual, tal como a Universidade de Aveiro, mas outras estão já a aderir a experiências no SL. Um exemplo foi a realização de uma exposição levada a cabo pela Biblioteca Municipal de S. Domingos de Rana no mundo virtual do SL no dia 16 de janeiro de 2009 (Sousa, 2009).

A utilização desta plataforma como ferramenta educativa não é ainda uma prática comum nas bibliotecas e escolas portuguesas. No entanto, alguns estudos começam a demonstrar que há muitas vantagens na sua utilização, uma vez que

ao proporcionar suportes audiovisuais e multimédia, aliados à dimensão prática e interactiva, eleva a percentagem de retenção da aprendizagem que é diminuta no ensino formal por não utilizar combinações dos sentidos para exercitar o cérebro. Este mundo virtual oferece uma variedade de caminhos que permitem experiências interactivas pela prática do fazer, do imediato uso da aprendizagem e discussão (Moura & Carvalho, 2007).

As autoras verificaram as potencialidades da aplicação do SL na educação, através do estudo que realizaram com alunos do ensino secundário no ensino de línguas estrangeiras, referindo que os resultados obtidos revelam, por parte dos participantes no estudo, uma atitude favorável para com a plataforma, reconhecendo-lhe utilidade e interesse.

•**Computação em Nuvem** (*Cloud Computing*) – A nuvem, metáfora usada para Internet, apresenta-se como um conjunto de recursos virtuais facilmente utilizáveis e acessíveis sem estarem restritos a um espaço físico. Uma grande maioria de bibliotecas e dos utilizadores já usam aplicações baseadas no serviço de computação em nuvem, tais como a *Dropbox*; *Google Apps*; *iCloud*; *Evernote*; *Youtube*; *Mozy*; *Flickr*; *SkyDive*, entre outros, que possibilitam o acesso a dados e aplicações de qualquer lugar, desde que haja ligação à Internet. As bibliotecas e serviços de informação podem tirar grande

partido destas aplicações (gratuitas) e estarem sempre ligadas e disponíveis para o utilizador. No entanto, a computação em nuvem oferece outros serviços, alguns pagos, que farão toda a diferença na biblioteca do futuro. A empresa portuguesa CIL (Centro de Informática S.A) desenvolveu em Portugal o *software* para a educação *QuantumCube* disponível ‘*as-a-service*’ nos mercados internacionais. Os serviços de “cloud” são, para esta empresa, segundo o seu administrador, José Veiga, *essenciais no apoio às ações comerciais e no suporte operacional dos clientes em qualquer geografia com uma relação qualidade/benefício sem paralelo* (Monteiro, 2012). A *QuantumCube* é uma plataforma de gestão de informação de educação que integra um conjunto de aplicações que permite aos decisores, às escolas e aos agrupamentos utilizar ferramentas específicas (<http://www.q-cube.net/index.html>).

▪ Pesquisa semântica

Não conhecemos bibliotecas em Portugal, escolares ou públicas, que ofereçam pesquisa semântica aos utilizadores. No entanto, é um tema atual e recorrente nos Encontros e Seminários que se realizam em diversos pontos do país. Há já exemplos de bibliotecas com pesquisa semântica noutros países, tais como:

- **LIBRIS (Biblioteca Nacional da Suécia)** - Foi o primeiro catálogo coletivo ou de uma biblioteca nacional a ser completamente (i.e. com todos os seus registos, relações e ligações) exposto na web como conjunto de dados ligados. Têm mais de 12.000 *links* para os cabeçalhos de assuntos da Biblioteca do Congresso, o que permite fazer inferências com base em relações que não existem nos cabeçalhos de assuntos Libris.

Registada em: <http://libris.kb.se/>

- **British National Bibliography (British Library)**

Conjunto de dados ligados: 3 milhões de registos da Bibliografia Nacional desde 1950 .

Exemplos de vocabulário de elementos usados: RDA; ISBD; Skos; Foaf; DC

Registada em: <http://thedatahub.org/dataset/bluk-bnb>

- **Biblioteca Pública Digital dos Estados Unidos (DPLA)**

É uma plataforma com um valioso repositório de informação. Reúne o espólio das bibliotecas, dos arquivos e dos museus americanos, disponibilizando-o gratuitamente para todo o mundo. Registada em: <http://dp.la/>

▪ **Biblioteca Nacional de Espanha**

Inclui 4 milhões de registos de autoridade e 2.4 milhões de registos bibliográficos

Esquema: Ontologia BNE

Registado em: < http://datahub.io/pt_BR/dataset/datos-bne-es/

▪ **Biblioteca Nacional de França**

Participa em projetos de parceria com outras Instituições nacionais e internacionais, tendo em vista o acesso à informação no contexto da Web. Permite efetuar buscas simultâneas através de diversos acervos de património digital, em várias línguas. O objetivo consiste em criar mais ligações entre os dados dos catálogos, tornando-os mais visíveis na Web.

Disponível: http://www.bnf.fr/fr/pro_acces_web_old/s.pro_acces_web_semantique.html?first_Art=oui

▪ **Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)**

Participa na Europeana desde o lançamento do primeiro protótipo do Portal, em Novembro de 2008, fornecendo os dados bibliográficos relativos a objetos digitais de acesso público na Biblioteca Nacional Digital (BND).

<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>

Existem outras Bibliotecas Nacionais de outros países que já oferecem pesquisa semântica. O caminho começa, certamente, por aí, e passará a ser brevemente um fenómeno viral que facilitará a pesquisa de todos os utilizadores, sem precisarem de dominar qualquer linguagem técnica, nem usar operadores Booleanos.

A seguinte tabela procura sintetizar a evolução de conceitos e das tecnologias que acompanharam os sucessivos estádios da Web.

Biblioteca 1.0	Biblioteca 2.0	Biblioteca 3.0
Centrada nos recursos Informação ligada	Centrada nos utilizadores Pessoas ligadas	Centrada na pesquisa semântica / inteligente Conhecimento ligado
Indexação local	<i>Tagging</i> (etiquetagem pelo utilizador)	Metadados e Ontologias
Serviço local	Serviço local e remoto	Serviço semântico ubíquo
Catálogo só de leitura	Catálogo comentado	Repositório Semântico
Aplicações estáticas, imutáveis	Aplicações modulares e dinâmicas	Aplicações e agentes de <i>software</i> que aprendem e assistem o utilizador
Informação como produto	Informação como processo	Informação com significado para humanos/máquinas
Páginas pessoais	Blogues; <i>Wikis</i>	Blogues Semânticos; <i>Wikis</i> Semânticas; Motores de busca semânticos
Avaliação formal dos recursos	<i>Rating</i> (classificação por estrelas)	Avaliação baseada na camada TRUST da Web semântica

Tabela 2 -Da biblioteca 1.0 à Biblioteca 3.0

Por analogia com os anteriores conceitos, começa a falar-se de **educação 1.0, 2.0 e 3.0**, uma discussão atual, considerando muitos teóricos e investigadores que a escola não tem sabido acompanhar a enorme evolução tecnológica e informacional que perpassa a sociedade atual. A educação 1.0, ligada ao séc. XIX e à revolução industrial, consistia, na terminologia anglo-saxónica, nos 3 *R's* - *Reading, wRiting, aRithmetics*, isto é, ler, escrever e contar. As ferramentas eram simples e com poucas opções de funcionalidade, destinando-se a preparar os alunos para os trabalhos mecânicos e repetitivos que as fábricas lhes exigiam. Este paradigma de educação mantém-se com pequenas mudanças durante décadas, em que o ensino estava confinado à sala de aula, o professor era o detentor do conhecimento e o aluno mero recetor. Com o aparecimento e desenvolvimento das novas tecnologias de informação surge um novo conceito de sociedade, a “sociedade pós-industrial”, segundo a qual o trabalho e o capital já não são os pilares do desenvolvimento económico e social de um país, mas sim a informação e o conhecimento. Abre-se uma nova questão com base na incapacidade da escola dar resposta a este novo paradigma de sociedade, pois, apesar das tenologias de informação

e de comunicação que começam a entrar nas escolas, as práticas pedagógicas mantêm-se.

As novas tecnologias e o novo enquadramento social em que elas se desenvolvem vêm lançar um novo desafio à escola. Estamos perante a necessidade de uma mudança de filosofia no que respeita aos objetivos do ensino [...]. Impõe-se uma profunda revolução pedagógica, assentando em especial numa nova conceção de saber. A perspectiva de ensino terá de ceder definitivamente o lugar à perspectiva de aprendizagem (Ponte, 1997:59)

A tecnologia tem um papel fundamental na forma como os alunos aprendem, mas, por si só não conduz à mudança. Ainda recentemente, as práticas educacionais pouco se utilizavam das ferramentas colaborativas e de gestão de conhecimento já utilizadas noutras esferas da sociedade. Surge a necessidade de uma aprendizagem centrada no aluno, na prática colaborativa, no caminho da descoberta e no desenvolvimento da criatividade, suportada pelas TIC. Surge, então o conceito de educação 2.0, tendo como principais fundamentos a aprendizagem ao longo da vida, de forma a preparar os alunos de agora para um futuro imprevisível e complexo. Estando a escola ainda confrontada com diversos constrangimentos, entre os quais a desadequação dos currículos e a falta de formação de muitos professores no uso das TIC, poder-se-á falar de uma educação 3.0? Para Lengel (2012), a educação 3.0 aponta para as escolas que estão contextualizadas no mundo atual, proporcionam diferentes contextos de aprendizagem presenciais e *online*, em horários alternativos e independentes, em grupo ou individualmente, tirando partido das inovações tecnológicas, sabendo usar as ferramentas que estas disponibilizam, desenvolvendo a curiosidade e a criatividade através de uma aprendizagem baseada no questionamento, na resolução de problemas, no desenvolvimento de projetos, ligada ao mundo real, tal como a seguinte tabela traduz.

	Educação 1.0	Educação 2.0	Educação 3.0
O significado é...	ditado	socialmente construído	contextualmente reinventado
A tecnologia é...	confiscada na porta da sala de aula (refugiados digitais)	Adotada cautelosamente (imigrantes digitais)	está em toda parte (universo digital)
O ensino é feito...	do professor para o aluno	do professor para o aluno e do aluno para o aluno	do professor para o aluno, do aluno para o aluno, do aluno para o professor
As escolas estão localizadas	num edifício	num edifício ou online	em toda a parte e completamente inseridas na sociedade
Os pais vêm as escolas como...	centro de dia	centro de dia	um lugar de aprendizagem para todos
Os professores são...	profissionais licenciados	profissionais licenciados	Todos, em qualquer parte
Hardware e software nas escolas...	são comprados a um grande custo e ignorados	são “open source” e disponíveis a baixo custo	estão disponíveis a baixo custo e são usados
A Indústria vê os recém formados como...	Uma linha de montagem de trabalhadores	linha de montagem de trabalhadores mal preparados numa economia de conhecimento	como colegas de trabalho ou empreendedores

Tabela 3 - Da Educação 1.0 à Educação 3.0 (tradução nossa)

Fonte: <http://www.educatorstechnology.com/2013/06/education-20-vs-education-30-awesome.html>

2.2.1. A biblioteca escolar e os novos ambientes de aprendizagem

É um facto incontestável que as TIC mudaram o mundo, dando origem a novos formatos na educação. Os alunos de hoje cresceram com as tecnologias e vivem rodeados de computadores, televisão, videojogos, telemóveis e outros dispositivos da era digital que fazem parte da sua identidade. São os “Nativos Digitais”, os “nativos falantes” da linguagem digital dos computadores, dos videojogos e da Internet (Prensky, 2001). Ainda segundo este autor, os nativos digitais são multitarefa, sempre ligados, ativos e curiosos. De acordo com Sprang (2009), num artigo publicado no jornal *online*

da “*Ontario Public School Board*”, muitos alunos sentem que quando entram na escola têm que “desligar” (“*power down*”) para se adaptarem ao ambiente que esta oferece, com menos opções para aprenderem do que as disponíveis na vida fora da escola. Este facto pode limitar a perceção dos alunos acerca da relevância da educação tal como eles a experienciam.

Os novos ambientes de aprendizagem colocam os alunos no centro do processo e aqueles são tanto mais dinâmicos e capazes de potenciar os processos inerentes ao ato de aprender, quanto mais enriquecidos tecnologicamente. A organização americana *Partnership for 21st Century Skills*(2009), considerando que num mundo complexo exigente e competitivo como o atual, os alunos precisam de aprender mais do que ler, escrever e contar, elegeu quatro competências essenciais a desenvolver, às quais chamou os “4 C’s”: comunicação, colaboração, criatividade e espírito crítico (communication, collaboration, critical thinking and creativity). A fim de ilustrar o conceito dos “4 C’s”, membros da organização convidam à visualização de um vídeo cativante e inspirador³.

Todas estas mudanças exigem à escola, em geral, e à biblioteca escolar, entendida como o centro da aprendizagem e do conhecimento da escola, em particular, novas abordagens e conteúdos adequados, disponibilizados em diferentes formatos e plataformas, distribuídos por diversos canais. As bibliotecas escolares ainda são espaços híbridos, conjugando o físico com o digital e, é neste contexto de mudança e de adaptação aos novos ambientes de aprendizagem, como o uso redes sociais, dispositivos móveis e outras tecnologias, que as bibliotecas escolares se podem apresentar como uma oportunidade, desenvolvendo estratégias de apoio ao utilizador nestes novos ambientes, colocando a tónica no desenvolvimento das competências literácicas, informacionais e digitais dos alunos, em ambiente de aprendizagem formal, informal ou não formal.

2.3. O papel do professor bibliotecário como agente de mudança

A figura do professor bibliotecário aparece contemplada no relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, publicado em 1996, ao qual compete, entre outras funções, coordenar a equipa afeta à biblioteca escolar e

³ Disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=7KMM387HNQk#!. Visualizado em 27.11.2012

Assegurar que os recursos de informação são adquiridos e organizados de acordo com os critérios técnicos da biblioteconomia. Coordenar a gestão, o planeamento e a organização da biblioteca escolar, no que respeita ao domínio da informação e também nos aspectos pedagógico, administrativo e de pessoal. Perspectivar a biblioteca e as suas funções pedagógicas no contexto do projecto educativo da escola, promovendo a sua constante actualização e uma utilização plena dos recursos documentais, por parte de alunos e professores, quer no âmbito curricular, quer no da ocupação de tempos livres (Veiga et al., 1996b).

No entanto, só em 2009, com a publicação da Portaria nº 756/2009, de 14 de Julho, o professor bibliotecário assume as funções a tempo inteiro na BE. A portaria, no Artigo 3º, define o conteúdo funcional e competências deste profissional, cabendo-lhe entre outras funções,

a) *Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;*

b) *Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma; [...]*

e) *Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;*

f) *Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada.*

A fim de cumprir as funções definidas na Portaria e os Princípios pelos quais se regem as bibliotecas escolares, estabelecidos por normas nacionais e internacionais, o professor bibliotecário tem que atuar como um líder e como um gestor de recursos de informação e humanos, definindo um plano estratégico para a BE em consonância com os objetivos definidos no Projeto Educativo da Escola/Agrupamento, em articulação com a direção e professores. Não havendo uma prática consistente de trabalho colaborativo nas nossas escolas, esta tarefa constitui-se como um desafio para o professor bibliotecário, devendo, para tal, criar um clima de confiança junto da comunidade, demonstrando, através de evidências, que a BE é o centro nevrálgico da escola, essencial ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o sucesso educativo dos alunos e para a sua formação holística.

Eisenberg & Miller, (2002) apontam três ideias-chave que consideram o ABC de um exercício de liderança eficaz: “**A**rticulate a vision and agenda; **B**e strategic;

Communicate continuously”. De acordo com estes autores, uma boa liderança implica uma gestão estratégica, desenvolvida em articulação com todos os órgãos da escola, em permanente comunicação. Os autores consideram, também, que o professor bibliotecário é, em primeiro lugar, professor, essencialmente de literacia da informação, a ser trabalhada transversalmente no currículo. Para Zmuda & Harada (2008), o professor bibliotecário, a quem chamam “especialista da informação”, deve focar os seus objetivos e a sua prática diária na promoção do sucesso dos alunos. No entanto, nenhum resultado se consegue sem a colaboração de todos os atores da escola. Para isso, o professor bibliotecário deverá exercer uma liderança assertiva, reflexiva e colaborativa, marcando a diferença através da sua ação. Ross Todd (2011), considera o professor bibliotecário um “parceiro-líder” que deve exercer uma liderança determinada, estratégica, colaborativa e criativa, renovável e sustentável. Assim, o professor bibliotecário deve ter uma visão clara dos resultados esperados pela escola, concebendo um plano que integre ações baseadas em evidências sustentado num diálogo com os restantes professores, sendo capaz de se adaptar às mudanças permanentes que as tecnologias aportam no que concerne ao acesso, disponibilização, tratamento e disseminação da informação e do conhecimento, inovando criativamente, a fim de poder demonstrar que o seu papel é o mais valorizado da escola.

O constante desenvolvimento das tecnologias, associado à evolução da Web, exige cada vez mais dos alunos enquanto aprendentes e dos professores enquanto formadores. O professor bibliotecário do séc. XXI não pode ignorar as características dos alunos e a ecologia informacional em que eles navegam. Mais importante do que disponibilizar informação, é orientar os alunos no processo de pesquisa de forma a construírem o seu próprio conhecimento, independentemente do formato ou do suporte em que aquela se apresenta.

O professor bibliotecário da escola atual é aquele que se compromete com a mudança, um gestor da informação que abraça uma visão estratégica e transversal a toda a comunidade educativa, sem nunca esquecer que é também um professor em literacia da informação e digital. Só incorporando esta visão integradora, associada a uma atitude otimista e proativa, este profissional poderá transformar a biblioteca escolar na verdadeira plataforma da escola, o verdadeiro centro informacional, bem no âmago da prática baseada na pesquisa e na autonomia. Numa máxima, sempre atual, “o verdadeiro líder, mais do que se adaptar à mudança, tem que a liderar” (Drucker, 2001). Em suma,

no momento em que o empreendedorismo assume relevância, o professor bibliotecário dever ser empreendedor.

2.3.1. Formação do professor bibliotecário

A formação do professor bibliotecário constituiu, desde sempre, uma prioridade para o Gabinete RBE. O relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* referia *que a responsabilidade das funções de professor bibliotecário deverá ser entregue a professores habilitados com a formação requerida* [...] (Veiga et al., 1996c). Também o Manifesto da IFLA/UNESCO (1999a) apontava que *o bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente, qualificado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar*. No entanto, a realidade da altura não era condicente com este requisito e apenas um número muito reduzido de professores possuía formação na área da biblioteconomia.

À medida que o Programa RBE se foi desenvolvendo, começam a surgir oportunidades de formação, ministradas quer pelos Centros de Formação de Professores, muitas vezes em articulação com a RBE, quer por Instituições do Ensino Superior. Em 2007, o panorama da formação dos professores bibliotecários alterou-se profundamente, uma vez que esta temática foi considerada uma prioridade nacional na formação contínua acreditada e financiada pelo PRODEP. Numa primeira fase, houve a necessidade e preocupação de formar formadores, uma vez que o número reduzido de formadores nesta área limitava a disseminação de ações que cobrissem todo o território. Assim, foram realizados cursos de formação de e-Formadores, na modalidade de oficinas de formação, no formato a distância/*online*. Também os coordenadores interconcelhios, equipa na qual a autora deste trabalho se integra, foram alvo de formação, a fim de poderem adquirir um conjunto de conhecimentos enquadrados no quadro conceptual da RBE, de forma a apoiar no terreno as escolas e as equipas das BE. Esse investimento inicial foi fundamental para inverter a situação que se verificava nas bibliotecas escolares e, atualmente, todos os professores bibliotecários têm formação contínua em diferentes temáticas e muitos têm formação especializada.

Consciente da importância da formação e da atualização permanente dos percursos profissionais, a RBE desenvolve um programa de formação de acordo com as necessidades detetadas e em conformidade com o referencial de formação, disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/217.html>. As temáticas de formação

desenvolvidas, em articulação com centros de formação de professores e outras instituições e, maioritariamente a distância/*online*, utilizando a plataforma *Moodle*, têm procurado responder aos permanentes desafios que as mudanças tecnológicas e a Web colocam à escola e à biblioteca escolar, evitando a obsolescência informacional, tecnológica e digital. Estas ações de formação desdobram-se em cinco grandes áreas: currículo e biblioteca escolar; gestão da informação; gestão e organização; literacia da informação; literacia da leitura; literacia dos média; literacia tecnológica e digital - <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/217.html>.

Para além da formação formal acreditada, ministrada maioritariamente pelos coordenadores interconcelhios numa articulação RBE/CFAE, estes disponibilizam ainda sessões de formação informal em diversas vertentes para os PB, membros das equipas e professores das escolas, no sentido de apoiar e implementar um trabalho colaborativo BE/sala de aula, em articulação com o currículo, a fim de se trabalharem transversalmente as literacias da leitura, digital e dos media. Além disso, estes profissionais dispõem atualmente de boa e diversa literatura produzida por instituições internacionais ligadas às bibliotecas e às literacias da era digital, tais como a IFLA, a UNESCO, a ALA, a IASL, entre outras, e existe um *conjunto alargado de recursos educativos, em linha, para apoio às actividades a realizar pela biblioteca, pelos professores e alunos, na escola ou no domicílio* <http://www.rbe.mec.pt/np4/112.html>. Existem também fóruns de discussão, nacionais e internacionais, nos quais se partilham ideias, práticas e todas as questões relacionadas com a biblioteca escolar do século XXI. A RBE criou uma lista de discussão, que é muito ativa e participada, tendo-se vindo a comprovar que existe um sentido de partilha e de pertença a uma causa comum: fazer boas bibliotecas, para fazer leitores críticos e autónomos que aprendam a ler o mundo em que vivem.

2.3.2. Relação professor bibliotecário/utente

As alterações informacionais e tecnológicas já referidas neste trabalho alteraram profundamente a relação dos profissionais das bibliotecas com os utilizadores. A Internet alterou os conceitos de tempo e de espaço e, conseqüentemente, as bibliotecas deixaram de ser espaços fechados que guardavam livros e outros recursos tangíveis e passaram a ser centros de informação disponíveis em diferentes suportes e formatos. Embora sejam ainda bibliotecas híbridas, a dimensão e o peso dos recursos digitais

alteraram o seu funcionamento, e a coleção deixou de ser “*just in case*” (no caso de / se houver) para passar a ser “*just in time*” (no momento). O utilizador/aluno da biblioteca escolar espera sempre uma resposta positiva ao seu pedido, por isso é importante que o professor bibliotecário disponha de uma coleção de recursos digitais, organizados que satisfaçam as necessidades do utilizador.

As tecnologias digitais criaram imensas oportunidades para um ensino e aprendizagem inovadores, pois permitem redes de colaboração, de cooperação, de partilha e de construção de conhecimento dentro e fora da escola.

É importante que as bibliotecas escolares comecem a criar repositórios digitais, orientados para toda a comunidade escolar e dirigidos às suas necessidades específicas relacionadas com a informação, o ensino e a aprendizagem. A criação destes repositórios implica um importante trabalho de colaboração entre professores bibliotecários, professores, alunos, famílias e outros agentes sociais que interagem com a comunidade escolar, o que constitui, por si só, uma forma de promover a aprendizagem cooperativa e a responsabilidade social entre todos os membros da comunidade (Nunes, 2008).

Neste cenário de mudança, o professor bibliotecário tem de implementar a sua ação tendo em conta o novo perfil dos utilizadores/alunos, sempre ligados, multitarefa, estabelecendo com eles novas formas de relacionamento, procurando estar onde eles estão, conhecer e usar os canais e ferramentas que eles usam, amplificando, assim, a ação da biblioteca escolar. Mais do que um desafio, as redes sociais e as tecnologias móveis que os acompanham permanentemente e fazem parte da sua identidade de nativos digitais, constituem uma oportunidade para as bibliotecas escolares se aproximarem dos utilizadores, disponibilizando-lhes recursos diversificados validados, de qualidade, acessíveis 24h/7 dias por semana, que os poderão apoiar na sua aprendizagem formal e não formal. No entanto, mais do que a tecnologia, é a atitude do professor bibliotecário que faz a diferença na comunicação que estabelece com o utilizador e nos serviços e recursos que lhe disponibiliza, desenvolvendo as competências literácicas, digitais e tecnológicas dos seus “*prosumers*” (produtores + consumidores da informação).

Hoy más que nunca es latente la necesidad de establecer un nuevo modelo de biblioteca en donde los servicios bibliotecarios profundicen y fortalezcan la participación de los usuarios, teniendo en cuenta la tecnología disponible (herramientas sociales, software libre, licencias no comerciales, etc.) y la ideología de la Web 2.0 (arquitectura de la partición y apuesta por el saber colectivo) y caminar así hacia el establecimiento y funcionamiento de centros de información por y para usuarios: bibliotecas 2.0 (García, 2009)⁴.

⁴ Coordinadora de Servicios de Información 2.0. Bibliotecas Municipales de A Coruña.

Sendo a biblioteca escolar a plataforma da escola, no acesso à informação e na disponibilização do conhecimento, a relação do professor bibliotecário com os utilizadores/professores terá que contemplar, também, estas mudanças tecnológicas e digitais. A construção de repositórios digitais ao serviço de toda a comunidade educativa e a criação e desenvolvimento de recursos digitais de apoio ao ensino e à aprendizagem deverão envolver uma ação concertada e articulada entre o professor bibliotecário e os restantes professores da escola. O professor bibliotecário deverá orientar esse processo, formando para o uso das novas ferramentas tecnológicas e digitais, sempre que necessário, partilhando o conhecimento e a prática adquiridos nas ações de formação que lhe foram disponibilizadas.

O professor bibliotecário deverá tornar a biblioteca escolar do século XXI um espaço, físico e/ou virtual, interativo, colaborativo, orientado para as necessidades dos utilizadores.

Capítulo III – Redes: novas formas de comunicar, aprender e ensinar

Nas últimas décadas a formação de redes tem sido apontada por muitos especialistas como uma das mais significativas invenções humanas no que diz respeito à organização social, facto que tem dado origem a um número considerável de estudos numa tentativa de compreensão do fenómeno e da sua estruturação.

Para Watts (2003), o que distingue os estudos atuais dos realizados no passado assenta no facto de no passado as redes serem consideradas como objetos de pura estrutura, cujas propriedades estavam fixadas no tempo, pressupostos que o autor considera longe da realidade. Segundo este autor, é necessário ter em conta que nas redes os elementos estão sempre em ação, “fazendo algo”, o que as torna dinâmicas, evoluindo no tempo. Segundo Castells (2005, pp. 606-607), *rede é um conjunto de nós interligados. Um nó é o ponto no qual a curva se intercepta. [...] A inclusão/exclusão em redes e a arquitectura das relações entre elas, possibilitadas pelas tecnologias de informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções dominantes nas nossas sociedades.*

Sendo as tecnologias da informação e da comunicação e a Internet fatores facilitadores e potenciadores da comunicação, a sua presença afeta a forma como as

peças e as organizações comunicam entre si. Sobre isso, Castells (2007, p.19), considera que *como a actividade humana está baseada na comunicação, as nossas vidas vêem-se profundamente afetadas por esta nova tecnologia de comunicação*. Segundo o mesmo autor, “entramos agora num mundo novo da comunicação: A Galáxia Internet”(Castells, 2007, p.16). Ligando os conceitos de comunicação e rede, já que a segunda não pode existir sem a primeira, este autor refere que *as redes são estruturas abertas, capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar dentro da rede, nomeadamente, desde que partilhem os mesmos códigos de comunicação [...] (Castells, 2005, p.607)*.

Barabási (2002), considera que é preciso “pensar em redes”, uma vez que elas estão presentes em todo o lado (p.7), considerando que vivemos num mundo, onde tudo está conectado a algo, desde o cérebro humano, à Internet. Segundo este autor, a web é uma rede sem escala, dominada por *hubs* e nós com um grande número de ligações e cada um de nós faz parte de um *cluster* (p.18). No entanto, segundo o autor, estas conexões nunca são aleatórias, contrariando a teoria dos grafos aleatórios e a dos “mundos pequenos”, defendidas por Watts (2003), uma vez que existe uma ordem subjacente e seguem regras simples. À medida que novos nós entram na rede, têm uma maior propensão a ligarem-se a nós com um grande número de ligações, o que os torna ainda mais fortes e mais ricos, (*rich get richer*). Surge, assim, a teoria das redes sem escala ou o modelo de escala livre (scale-free network). (Barabási (2002).

Não é objetivo deste estudo tratar com minúcia a caracterização das redes enquanto formas de organização, mas procurar compreender a estrutura das redes concelhias de bibliotecas e como flui a comunicação entre os nós.

Assim, tomamos como referência os diagramas propostos por Paul Baran:

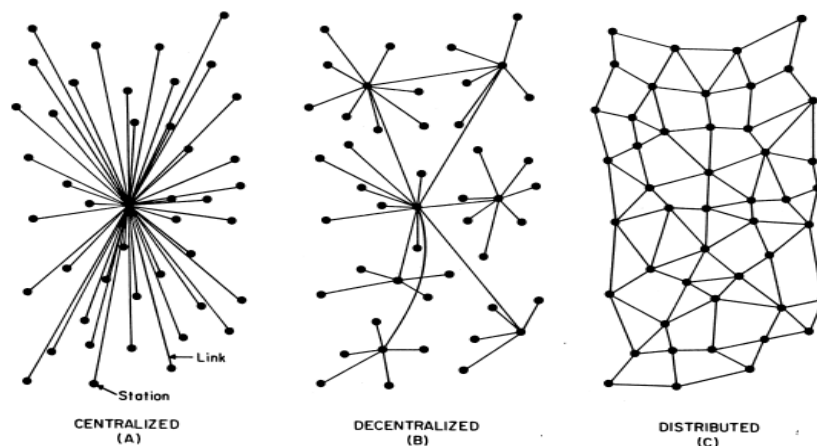


FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Figura 6- Redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Fonte (Baran, 1964:2)

Segundo (Baran, 1964: 1,2,3), embora se possam desenhar uma grande variedade de redes, todas elas se dividem em duas componentes: centralizadas e distribuídas. As redes centralizadas são muito vulneráveis, pois basta a destruição de um único nó central para destruir a rede comunicacional. A rede distribuída implica uma comunicação multidirecional, de todos para todos, com base na confiança, transparência e consciência do bem comum. Entre os dois modelos apresentados, máxima centralidade e distribuição sem a existência de um único nó central, existem graus de distribuição aos quais Baran chama redes descentralizadas. Na realidade, vivemos no mundo das redes, por isso, a comunicação de muitos para muitos e a publicação a custo zero criaram um ambiente em que o conhecimento se desenvolve coletivamente e se descontrói diariamente (Bouchard, 2011).

Para Franco (2012), as redes distribuídas opõem-se às hierárquicas, visto que *a uma estrutura distribuída corresponde um metabolismo democrático: o grau de distribuição acompanha o grau de democratização.*

3.2. Bibliotecas escolares/Bibliotecas Municipais: a parceria desejável

Em 1994, foi lançado pela IFLA, em articulação com a UNESCO, o Manifesto sobre Bibliotecas Públicas. Uma das missões-chave plasmadas no documento definia que *a rede de bibliotecas públicas deve ser concebida tendo em consideração as bibliotecas nacionais, regionais, de investigação e especializadas, assim como com as bibliotecas escolares e universitárias* (IFLA/UNESCO, Manifesto para a Biblioteca Pública, 1994). Em 1999, as mesmas organizações publicaram o Manifesto da Biblioteca Escolar que apontava para as mesmas linhas de atuação numa ação articulada, definindo que:

- a) *As bibliotecas escolares articulam-se com as redes de informação e de bibliotecas de acordo com os princípios do Manifesto da Biblioteca Pública da UNESCO.*
- b) *A biblioteca escolar é um parceiro essencial das redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação* (IFLA/UNESCO, 1999c).

Posteriormente, foram produzidas pelos mesmos organismos as Diretrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares *para informar os decisores a nível nacional e local em todo o mundo, e constituir apoio e guia à comunidade das*

bibliotecas. Essas diretrizes enfatizavam a necessidade de articulação já anteriormente manifestada.

Para conseguir melhorar os serviços de biblioteca para crianças e jovens numa dada comunidade, pode ser uma boa ideia a cooperação para bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. Um protocolo de colaboração, escrito, deve incluir os seguintes pontos:

- medidas comuns para a cooperação
- especificação e definição das áreas de cooperação
- clarificação das implicações económicas e do modo de partilhar os custos
- calendarização do período de tempo para a cooperação. (Vitorino, 2006)

A nível nacional, essa intenção está plasmada no relatório “*Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*”, no ponto em que refere que *as bibliotecas de diferentes escolas de uma mesma área geográfica devem estar articuladas em rede [...]. O mesmo deve acontecer com a ligação entre as bibliotecas escolares e as bibliotecas públicas, [...]* (Veiga et al., 1996c). No 8º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, realizado em Lisboa, em maio de 2008, a Coordenadora Nacional da RBE deu novo enfoque a essa articulação, agora ainda mais necessária.

Neste novo modelo [social e económico] as Bibliotecas Escolares e as Bibliotecas Públicas têm que ser obrigatoriamente mais proactivas, na intervenção que promovem junto dos seus públicos, levando-nos a uma outra reflexão sobre o seu papel, relação e interação, agora e cada vez mais, numa perspectiva de utilização partilhada de recursos, equipamentos e espaços, já que o presente e o futuro, implicam necessariamente um reajustamento adequado entre aquilo que podemos e devemos disponibilizar e as necessidades individuais e sociais (Caçada, 2008).

A parceria entre bibliotecas escolares e bibliotecas públicas é há muito uma prática comum em muitos países. Nos Estados Unidos, essa parceria engloba, frequentemente Bibliotecas Universitárias e outras instituições locais. “Youth Services Librarianship: A Guide to Working with Young People in School and Public Libraries” é um exemplo feliz desse trabalho colaborativo e de partilha entre bibliotecas escolares e públicas -<http://youthserviceslibrarianship.wikispaces.com/home>. No Reino Unido, em 2000, em virtude das profundas mudanças que as novas tecnologias provocaram nas bibliotecas escolares, o Governo estabeleceu como meta a ligação em rede de todas as bibliotecas escolares e públicas. No contexto europeu, existem muitos projetos de parceria entre bibliotecas públicas e escolares, em países como a Suécia, Noruega e República da Irlanda, no sentido de partilharem recursos e promoverem de forma articulada a leitura e as literacias de crianças e jovens.

3.3. Redes concelhias de bibliotecas: objetivos e implementação

Como foi referido no ponto anterior, o desenvolvimento de um trabalho colaborativo entre as bibliotecas escolares e públicas esteve subjacente ao Programa de lançamento da RBE, tal como apontavam as diretrizes das Organizações Internacionais, como a IFLA, também já referenciadas. O Gabinete RBE, responsável pela coordenação do Programa, desenvolveu, desde sempre a sua ação em colaboração com outros serviços do Ministério da Educação e com as autarquias e bibliotecas municipais.

A instalação de bibliotecas nas escolas, bem como a seleção e tratamento do fundo documental exigiam conhecimentos técnicos e biblioteconómicos que a maioria dos recursos humanos responsáveis na altura pela organização e dinamização desses espaços não possuíam. O apoio das bibliotecas municipais foi fundamental nesse processo e, desde logo, o Gabinete recomendou a criação de um Serviço de Apoio à Biblioteca Escolar (SABE) que passaria a disponibilizar apoio técnico, fundamentalmente na gestão do fundo documental. Este serviço está, assim, na génese das redes concelhias. As mudanças originadas pelas novas tecnologias e a democratização da Internet são fatores que impulsionam as bibliotecas a abrirem-se ao mundo, constituindo-se como portas de acesso ao conhecimento na era digital. Vivemos no mundo das redes, sociais, tecnológicas, de trabalho, e, dessa forma, as bibliotecas não se podem fechar a esta evidência, tendo que se adaptar às novas circunstâncias num processo a que Christopher Vollmer (2009) apelidou de “Darwinismo digital”, em analogia com a teoria de Darwin no séc. XIX. A criação de redes concelhias tem vindo a crescer e, se no início, as parcerias envolviam as bibliotecas escolares e municipais, atualmente outros parceiros têm aderido, tais como bibliotecas do ensino superior, museus e diversas instituições locais.

Para que as redes concelhias se desenvolvam em parcerias de sucesso, retomando os diagramas propostos por Paul Baran, estas devem assentar num modelo distribuído, com valores e objetivos partilhados onde todos os atores participam e trabalham para o bem comum. As redes amplificam a importância do indivíduo e este aumenta o valor das redes. O processo de construção de uma rede nem sempre é fácil e depende muito das vontades e das sinergias locais. Para que uma rede concelhia se desenvolva de forma sustentada, todos os parceiros devem conhecer a missão da mesma, que deve ser clara e partilhada, devem traçar objetivos, estratégias e linhas de ação comuns e desenvolver métodos de trabalho que favoreçam a participação

recíproca. Cada rede tem uma identidade própria, espelhada num portal que dará acesso ao catálogo coletivo e será a montra do trabalho desenvolvido pelos parceiros, onde constará o logótipo da rede, símbolo distintivo que funcionará como uma espécie de carimbo da mesma. Nesse sentido, terão que ser construídos documentos que normalizem procedimentos, especialmente no que diz respeito ao empréstimo interbibliotecas e ao tratamento do fundo documental, elaborando-se, para o efeito, um manual de procedimentos discutido e partilhado.

3.3.1. O Portal concelhio. Programa para a criação de catálogos coletivos da Rede de Bibliotecas Escolares (PCCRBE)

O portal de uma rede concelhia é a porta de entrada da biblioteca, acessível em qualquer momento e em qualquer lugar. Pode considerar-se o bilhete de identidade da mesma, traduzindo toda a dinâmica e trabalho dos parceiros envolvidos, renovando-se numa atualização necessária a qualquer organismo vivo que uma rede pretende ser. É, também, a janela para as escolas, para a comunidade e, por isso, deve incentivar à participação e à colaboração de todos.

Para apoiar todo o processo de constituição de uma rede, o gabinete RBE criou uma equipa destinada para essa tarefa que elaborou um conjunto de documentos orientadores onde estão plasmados os princípios gerais subjacentes à constituição de uma rede, os objetivos e a metodologia a seguir:

- a) Orientações para a criação de uma rede de catálogos (RBE, 2011).
- b) Manual de apoio à instalação, administração e utilização dos catálogos coletivos, nos quais se encontram explicitados todos os procedimentos relativos à plataforma dos catálogos (RBE, 2013).
- c) Guião abreviado para edição em *Joomla* para apoio aos parceiros responsável pela edição de conteúdos (RBE, 2013).

Além disso, procurando facilitar todo o processo, desenvolveu um *template*/protótipo de portal construído em *Joomla*®, como opção para a estruturação da plataforma da Rede, dadas as suas vantagens, enquanto **software** livre de gestão de conteúdos, destinado a ser trabalhado e adaptado à realidade e identidade específica de cada rede: http://212.55.143.29:8080/joomla_f2/.

O portal concelhio, sendo o espelho da rede, tem ligação a todas as instituições que a constituem tornando-se, assim, um agregador de conteúdos, de recursos e de

peessoas, motivando para práticas de um trabalho colaborativo, como se pretende numa rede de conhecimento e numa comunidade de práticas.

3.3.2. Utilização pedagógica do catálogo do catálogo coletivo

O catálogo coletivo de uma rede concelhia, como o nome indica, é constituído pelos catálogos individuais de todas as instituições integradas na rede e representa a súmula de um trabalho moroso, invisível, mas que se revela de grande valor, permitindo a gestão partilhada da coleção que estará acessível *online* para todos os utilizadores.

O catálogo coletivo é a expressão mais fiel, para além de outras, do trabalho individual e colaborativo numa Rede de Bibliotecas. Representa todo o esforço silencioso de organização e estruturação de cada biblioteca e, consoante o desenvolvimento desta em termos de normalização e aperfeiçoamento, explicita toda a colaboração e partilha dos parceiros da Rede (RBE, 2013, p.6).

O mesmo documento acrescenta que *a colocação em linha do catálogo coletivo prende-se, assim, entre outros, com os seguintes objetivos específicos:*

- *permitir a qualquer utilizador saber a localização do documento,*
- *facilitar o livre acesso por empréstimo individual a leitores registados ou por empréstimo interbibliotecas,*
- *desenvolver a exploração pedagógica das bibliotecas,*
- *promover a partilha e cooperação entre todas as bibliotecas, municipais e escolares, quer nos domínios técnicos da catalogação quer nos domínios mais pedagógicos da animação das leituras* (RBE,2013, p.6).

No entanto, pretende-se que a utilização do catálogo vá para além dessa função, que não pode ser menosprezada, constituindo-se como uma ferramenta pedagógica numa perspetiva da Web 2.0, podendo ser usada individualmente para trabalhos ou em contexto de sala de aula.

O catálogo coletivo, na perspetiva do utilizador, permite as seguintes funcionalidades, para além da pesquisa *online* dos recursos existentes em todas as bibliotecas da rede.


1. Fazer reservas *online*. Após a pesquisa será mostrada uma janela que indica se o documento está disponível para reserva e em que biblioteca.

Cota	Nº Registo	Ex.	Disponibilidade	Reservar
821.134.3-94 SAR (Pe. Coelho)	20885	1		

 : disponível para empréstimo  : reserva pendente  : reserva confirmada

Figura 7 Fazer reservas online

2. Organizar uma biblioteca pessoal por assuntos.


O leitor pode organizar a sua biblioteca por assuntos, colocando *tags* ou etiquetas, tal como indica a figura. Para tal, basta clicar no ícone (), colocado na parte superior esquerda do cabeçalho de registo, o qual lhe dará acesso a uma interface onde vai poder acrescentar ou eliminar marcadores. Por exemplo, a seleção da palavras-chave “ambiente” mostrará todos os registos marcados pelo leitor ativo. Apenas o utente poderá acrescentar ou remover os seus marcadores.

Palavra-chave:

Ex: Lista de palavras-chave associadas ao registo Aljubarrota X História X Portugal X

Figura 8 – Adicionar etiquetas

3. Adicionar Comentários

Os comentários introduzidos pelos leitores inscritos na rede são visíveis através de um clique no ícone () do lado esquerdo do cabeçalho de cada registo, como mostra a figura seguinte. Os comentários são vivíveis para todos os utilizadores, mas são apenas os leitores inscritos que podem adicionar comentários, valorizando assim a sua participação. Salienta-se o carácter pedagógico desta funcionalidade para utilização individual ou em contexto de aula.

Nome:

Comentário:

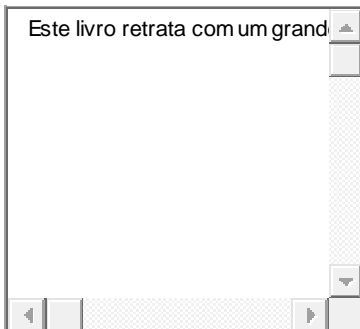


Figura 9 – Adicionar comentários

4. Registos com referências a outras fontes

O catálogo permite enriquecer a pesquisa e o acesso à informação, disponibilizando a ligação de recursos físicos a fontes eletrónicas. Para tal, terá que ser preenchido criteriosamente o Bloco 8xx (Uso Internacional) do UNIMARC, nomeadamente o campo 856 destinado às referências eletrónicas.

5. Participação dos utilizadores no “Top títulos”

Existe um sistema de votação que leva à criação de uma lista dos títulos mais votados pelos utilizadores do catálogo. A votação expressa-se numa escala de 1 a 5 e corresponde ao número de estrelas selecionadas pelo utilizador.

Para além destas funcionalidades, na perspetiva do utilizador, o catálogo é uma ferramenta muito útil para os bibliotecários, possibilitando uma economia de tempo e de recursos. Permite a avaliação e gestão da coleção, uma vez que pode apresentar os recursos existentes em cada biblioteca. Além disso, torna possível a importação e exportação de registos, o que se traduz numa economia de tempo para os bibliotecários, libertando-os para tarefas de apoio aos utilizadores, elaboração de documentos e construção de recursos pedagógicos para apoio ao ensino e à aprendizagem.

Capítulo IV – Metodologia

Com este estudo pretende-se conhecer o impacto das redes concelhias de bibliotecas nas práticas do professor bibliotecário, fundamentalmente no que diz respeito à forma de utilização do portal concelhio e ao uso do catálogo coletivo como ferramenta da Web 2.0., tal como referido no Capítulo I.

O universo do estudo compreende todas as redes concelhias e interconcelhias formalizadas até 31 de março de 2013, 41, incidindo, de acordo com os objetivos desta investigação, sobre as bibliotecas escolares e bibliotecas municipais. O nosso universo de estudo não integra a Rede de Bibliotecas do Porto (RBEP), pioneira na constituição de um catálogo coletivo de bibliotecas escolares e de um portal, em virtude de não se enquadrar nas características das redes concelhias agora criadas, uma vez que agrega catálogos de escolas de diferentes concelhos e, nem todas as escolas do Porto integravam a rede.

O funcionamento desta rede, de escolas e não de concelhos, não poderia fazer parte do universo deste estudo, uma vez que assenta numa filosofia de construção diferente. Além disso, há escolas que pertenciam à RBEP que já não integram a rede em virtude dos concelhos, limítrofes do Porto, terem constituído a sua própria rede concelhia. No entanto, cumpre-nos salvaguardar que a equipa de três professores bibliotecários que concebeu a RBEP foi visionária, tendo-se antecipado no tempo, marcando a diferença no percurso das bibliotecas escolares portuguesas. O seu trabalho foi reconhecido pelo Gabinete RBE que os convidou para integrarem a equipa de trabalho como coordenadores interconcelhios com a responsabilidade de apoiarem os colegas no terreno para a criação de redes concelhias de bibliotecas, bem como para a elaboração dos documentos orientadores. O seu trabalho no terreno tem-se revelado fundamental na criação destas redes e no apoio à consolidação e expansão das mesmas.

Este projecto é exemplar pois nasce da dinâmica de cooperação entre o Centro de Formação João de Deus, professores que trabalham em bibliotecas escolares do Porto e a Câmara Municipal, nomeadamente com a Biblioteca Almeida Garrett. Rapidamente, [...] a RBEP expandiu-se com a associação de inúmeras escolas que se situam para além da área do Porto. A RBEP disponibiliza um catálogo que resulta da associação dos catálogos das várias bibliotecas, oferece um serviço de empréstimo *on-line*, reúne e divulga informação relativa a eventos que interessam à comunidade, promove a formação de utilizadores e pratica a partilha de recursos entre escolas e entre estas e uma biblioteca da rede pública (Pereira, 2007).

4.1. Natureza do estudo

A investigação realizada tem a forma de estudo descritivo, uma vez que pretende *retratar em detalhe as características de pessoas, acontecimentos ou situações* (D'Oliveira, 2007, p.15). Como foi já referido neste trabalho, o nosso objetivo central consiste em descrever, para posterior interpretação e análise, reflexão e conclusão, as redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas formalmente constituídas, assim como compreender o respetivo impacto nas práticas dos professores bibliotecários.

Segundo Carmo & Ferreira, o estudo de natureza descritiva é uma *área de investigação [que] implica estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação* (2008a, p.231), neste caso as redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas. Partindo da questão central que constitui o ponto de partida para este estudo, **“Como é que as redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas podem contribuir para a melhoria das práticas na biblioteca escolar?”**, definiu-se os

objetivos gerais e específicos, de forma a obtermos as respostas adequadas para a pergunta formulada. De acordo com os autores anteriormente citados, *os dados numa investigação descritiva são normalmente recolhidos mediante a administração de um questionário, [...] (Carmo & Ferreira, 2008b, p.231)*, instrumento de recolha selecionado para o presente trabalho de investigação.

Podemos caracterizar este estudo como um tipo de investigação mista, que se serve de dados quantitativos e qualitativos que se complementam, uma vez que *não há abordagem que prescreva ou rejeite liminarmente qualquer método em particular (Bell, 2004a, p.19)*. Apesar de se optar essencialmente por um instrumento de recolha de dados, o questionário, este comporta questões de resposta fechada, das quais se recolhem os dados quantitativos, e questões de resposta aberta, os dados qualitativos, possibilitando, dessa forma, a obtenção de uma informação mais rica e o cruzamento de dados que nos permitissem validar convenientemente a interpretação dos resultados obtidos pelas respostas do questionário.

4.2. Instrumento de recolha de dados: o inquérito por questionário

Como se referiu no início deste documento, o objetivo deste estudo consiste em conhecer o verdadeiro impacto que as redes concelhias de bibliotecas têm na melhoria das práticas dos professores bibliotecários (PB) e no desempenho da BE, bem como identificar práticas de utilização do portal concelhio e do catálogo coletivo pela comunidade educativa, numa perspetiva da Web 2.0. A perspetiva de abordagem centrou-se, portanto, nos grandes responsáveis pela promoção da leitura e das literacias necessárias a uma formação pessoal e profissional na era digital. Assim, optamos pela construção de um inquérito por questionário que teve como destinatários os coordenadores interconcelhios, os bibliotecários municipais e os professores bibliotecários das redes concelhias e interconcelhias existentes, uma vez que este instrumento de recolha permite de uma *forma rápida e relativamente barata recolher um determinado tipo de informação (Bell, 2004b, p.118)*.

Na realidade, o contexto geográfico abrangido pelo universo de estudo dificultaria que a investigação se realizasse com outro tipo de recolha de dados. Além disso, o questionário permite *quantificar uma multiplicidade de dados e [...]proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação (Quivy & Van, 2005, p.189)*.

Segundo Ghiglione e Matalon, realizar um inquérito por questionário é *interrogar um determinado número de indivíduos, tendo em vista uma generalização* (1993, p.2). Pareceu-nos, assim, que a escolha do inquérito por questionário é um método de recolha bastante fiável, desde que satisfeitos os procedimentos metodológicos apontados por Carmo e Ferreira (2008c, pp. 153-164). Segundo estes autores, *o sistema de perguntas deve ser extremamente bem organizado,[...]por temáticas claramente enunciadas, reservando-se as questões mais difíceis ou mais melindrosas para a parte final* (p.154). Os mesmos referem ainda que *a construção de um questionário deve obedecer a dois critérios: clareza e rigor na apresentação e comodidade para o respondente* (p.161). De acordo com Hill e Hill,

No processo de construção de um questionário há que decidir não só que perguntas utilizar para medir as variáveis a elas associadas, mas também: que tipo de resposta é mais adequada para cada pergunta; que tipo de escala de medida está associado às respostas; quais são os métodos correctos para analisar os dados recolhidos (2005a, p.84).

Após uma revisão da literatura relevante, quer no que diz respeito aos aspetos metodológicos, quer da literatura mais atual relacionada com a temática desta investigação, procuramos formular as questões que nos pudessem dar as respostas necessárias ao desenvolvimento do estudo, tendo em atenção a clareza das questões, a corência desejada entre a pergunta e a resposta e a neutralidade, procurando elaborar questões objetivas, que não induzam respostas. As questões foram, na sua maioria, colocadas de forma a serem respondidas com recurso a escalas, a Escala de Likert e a Escala Numérica, permitindo, dessa forma, que questões de natureza qualitativa pudessem ser tratadas de forma quantitativa. Para verificar se o questionário estava de acordo com os aspetos apontados por vários autores (Carmo e Ferreira, 2008, p.162; Hill e Hill, 2005, pp. 94-95), procedemos à realização de um pré-teste, pedindo a colaboração de três coordenadores interconcelhios não envolvidos no estudo, de três professores bibliotecários de escolas não integradas em redes concelhias de bibliotecas e de três bibliotecários municipais que também não fazem parte do universo de estudo pela inexistência de redes concelhias nesses concelhos. De acordo com as opiniões expressas por estes colaboradores, algumas questões foram reformuladas, outras reordenadas e algumas eliminadas, de forma a tornar o questionário mais claro e mais objetivo, ou seja, mais inteligível. Paralelamente a esta fase, foi solicitado apoio ao

Gabinete RBE no sentido de os CIBE que acompanham as redes concelhias nos disponibilizarem os contactos necessários à realização do estudo, os quais prontamente acederam a este pedido. O questionário foi colocado no *Google Docs* para preenchimento *online* após ter sido enviado um *e-mail* às direções das escolas envolvidas, solicitando autorização para o preenchimento do mesmo por parte do professor bibliotecário (Anexo II). Consideramos que esta forma de envio é mais prática e adequada aos nossos dias e, após concedida esta autorização, quer em forma de resposta direta à investigadora, quer diretamente ao professor bibliotecário, procedeu-se ao envio, também por *e-mail* ao professor bibliotecário, no qual constava o *link* para respetivo preenchimento. O processo de resposta aos questionários decorreu entre 15 e 30 de abril de 2013, passando-se à fase de tratamento dos dados recolhidos.

Paralelamente a todo o tempo da investigação, houve uma observação cuidada por parte da investigadora aquando das reuniões das redes concelhias, quer na sua construção, quer no seu acompanhamento, facto que permitiu uma melhor interpretação de alguns resultados.

Capítulo V - Apresentação e interpretação dos resultados

Neste ponto, apresentam-se e interpretam-se os resultados obtidos no questionário que serviu de tradução aos quatro indicadores gerais do estudo, mediante os quais foram traçados os objetivos e organizadas as questões. O questionário foi enviado a toda a população em estudo, isto é, coordenadores interconcelhios, professores bibliotecários e bibliotecários municipais das redes concelhias e interconcelhias existentes. Dos 135 questionários enviados, obtiveram-se 98 respostas, representado 72.6% da população inquirida. Quando analisamos o número de respostas, por classe de função exercida, verifica-se uma adesão de 47.8% de bibliotecários municipais, sendo que 22 dos 46 inquiridos responderam ao questionário. Relativamente aos CIBE, apresentam uma percentagem de adesão ao estudo de 95,2%, com 20 respostas em 21 questionários enviados. Dos 68 professores bibliotecários a quem foi enviado o questionário, 56 participaram com sucesso, o que se traduz percentualmente em 82.3%.

Verificamos que o menor número de respostas obtidas cabe aos bibliotecários municipais e o maior aos CIBE. Parece-nos evidente que os CIBE são os atores mais

empenhados na criação e manutenção de redes concelhias de bibliotecas, uma vez que têm consciência da importância destas parcerias para a rentabilização de recursos documentais, humanos e de equipamento, disponíveis num concelho, de forma a disponibilizar acesso democrático à informação tratada e ao conhecimento. O facto de o menor número de respostas caber aos bibliotecários municipais poderá não revelar falta de empenho na criação e manutenção destas redes. Por um lado, poderão não ter tido consciência da importância das suas respostas para este estudo, por outro lado, a falta de recursos humanos existentes nas bibliotecas municipais conduz a uma incapacidade de resposta a todas as solicitações, segundo informações que alguns bibliotecários gentilmente nos cederam, por não terem respondido de imediato ao questionário enviado. Além dos fatores anteriormente apontados, foram-nos enviadas quatro respostas informando-nos de que não poderiam responder ao questionário porque as bibliotecas municipais onde exerciam funções não tinham bibliotecário municipal, sendo que eram técnicos e não tinham competências para tal. Podemos inferir destes dados e das informações acrescidas que há ainda um longo caminho a percorrer em Portugal no que concerne ao investimento nas bibliotecas de leitura pública, como espaços de acesso democrático ao conhecimento.

O debate sobre o papel e a importância social, política e cultural das bibliotecas municipais tem estado presente nos Congressos e Encontros da BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas), revelando alguma preocupação com a quase ausência de uma política de investimento nas bibliotecas municipais e públicas. Desse facto, há diversos testemunhos no jornal *online* da BAD.

Em suma, as bibliotecas públicas devem assumir uma postura de intervenção social activa, assumindo o seu estatuto de biblioteca pública, com a responsabilidade de uma acção territorialmente delimitada, aberta às dinâmicas sociais emergentes, dirigindo energias para a fidelização e alargamento de utentes numa óptica de desenvolvimento democrático, mas não podem fazer isso sem a devida sustentação económica ou o apoio político, tão distante das realidades culturais (Santos L. , 2012).

▪ **Interpretação dos resultados**

Os valores apresentados nos gráficos construídos a partir dos resultados obtidos através do questionário apresentam o número absoluto de respostas. Na interpretação dos resultados são utilizadas também valores percentuais para ilustrar tendências de resposta dos inquiridos.

I. Identificação e caracterização dos recursos humanos

1. Idade

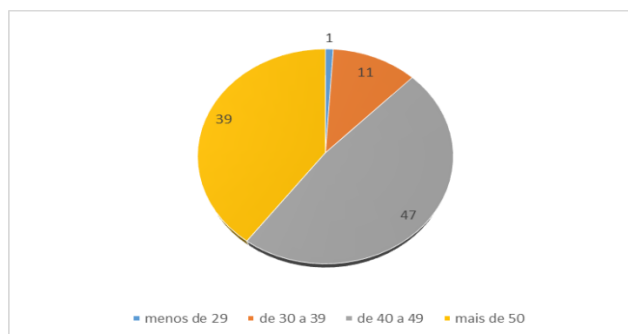


Gráfico 1 - Classificação dos participantes por faixa etária (Idade em anos)

Pretendeu-se com a primeira pergunta conhecer os grupos etários a que os inquiridos pertencem, bem como determinar qual o intervalo de idades mais representativo. Verificamos que o grupo populacional estudado se situa predominantemente acima dos 40 anos de idade, com um total de 88% a escolher as opções de 40 a 49 e mais de 49 anos de idade. Curiosamente apenas um participante neste estudo se enquadra na faixa etária abaixo dos 29 anos.

Podemos concluir que, exceto um inquirido, todos os outros são “imigrantes digitais”. No entanto, a RBE, maioritariamente com recurso às potencialidades do *e-learning*, os CFAE e diversas Instituições do Ensino Superior têm dado resposta às necessidades de formação para atualização de conhecimentos e desenvolvimento de novas competências tecnológicas digitais.

2. Função

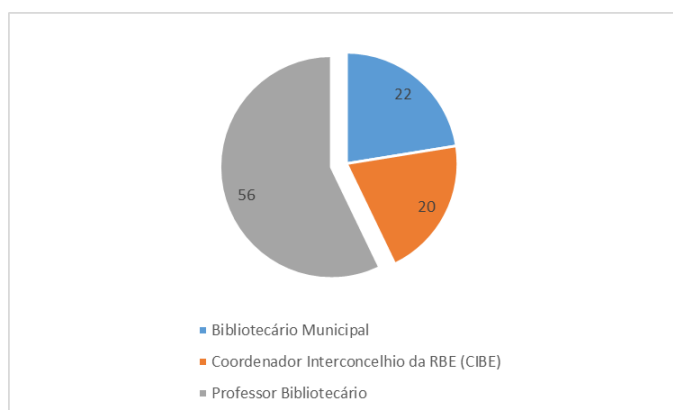


Gráfico 2- Classificação dos participantes por função

A grande maioria dos participantes enquadra-se na função de professor bibliotecário, com uma percentagem de 57 % do total de indivíduos incluídos no estudo, valor este já esperado, uma vez que a maior percentagem de questionários foi enviada a esta classe. Existe uma percentagem idêntica a representar os outros dois grupos inquiridos, com 22 bibliotecários Municipais e 20 CIBE a completar o presente questionário.

Todas as bibliotecas escolares são geridas por um professor bibliotecário, com formação específica, fator que alterou positivamente os serviços disponibilizados pela biblioteca escolar.

3.1. Formação (nº de horas)

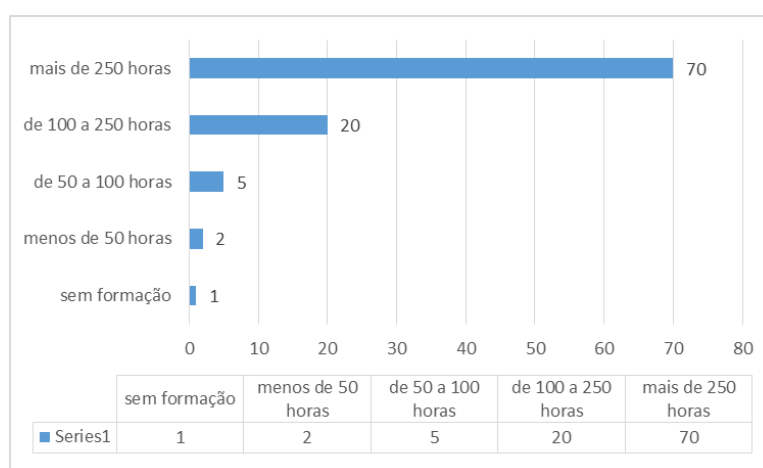


Gráfico 3.1- Número de horas de formação na área das bibliotecas

Este gráfico revela que 71 % do total de inquiridos obteve um mínimo de 250 horas formativas na área das bibliotecas. De referir que apenas um participante exerce funções sem qualquer tipo de formação.

Este facto, quase excepcional no panorama das bibliotecas escolares portuguesas, justifica-se pela ausência de professores do Quadro de Escola/Agrupamento sem formação na área, ou sem manifestação de vontade para o exercício do cargo de professor bibliotecário. Quando se verifica esta situação, a escola abre um concurso externo para o preenchimento desse lugar por um professor com formação. Embora

raramente, pode acontecer que não apareçam candidatos e, assim, o órgão de gestão seleciona o professor que lhe pareça ter mais perfil para o desempenho do cargo. No entanto, para continuar a desempenhar essas funções no ano seguinte, terá que realizar um número mínimo de horas de formação contempladas na Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho, já referenciada.

Quando combinados os intervalos de 100 a 250 e mais de 250 horas, verifica-se um total combinado de 91%, um valor demonstrativo do empenho na obtenção de formação específica para a função exercida.

3.2. Tipo e conteúdos de formação

▪ Formação em Organização e Gestão de Bibliotecas

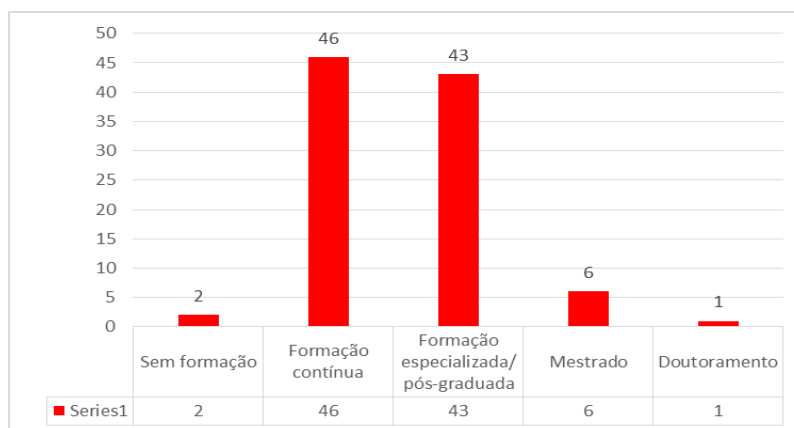


Gráfico 3.2.1- Formação em Organização e Gestão de Bibliotecas

A maioria dos inquiridos tem formação contínua e formação especializada (pós-graduada) nesta área, sendo de realçar a percentagem de inquiridos que apresenta formação especializada.

O facto de a RBE, em articulação com Centros de Formação e Instituições de Ensino Superior ter vindo a disponibilizar formação nos últimos anos, justifica a grande percentagem de respondentes com formação. Consideramos que este tipo de formação é

maioritariamente frequentado por professores bibliotecários, uma vez que os bibliotecários municipais têm, maioritariamente, outro tipo de formação, sem ser especificamente em bibliotecas escolares, mais ligada à biblioteconomia. No entanto, a nossa experiência na organização e participação de Encontros e de Seminários, mostram que existe uma procura de formação noutras áreas do conhecimento por parte dos bibliotecários municipais.

▪ Formação em Tratamento Documental/Ciências Documentais

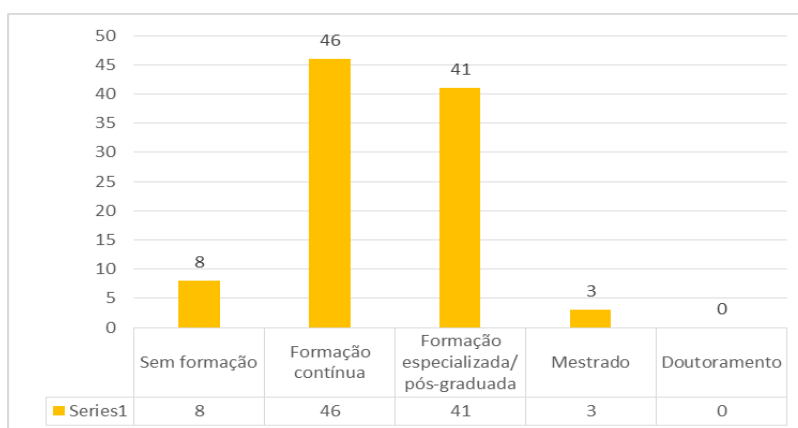


Gráfico 3.2.2- Formação em Tratamento Documental/Ciências Documentais

Mais uma vez se verifica uma predominância de participantes com formação contínua, (47%,) e com formação especializada ou pós-graduada (42%). Esta área de formação apresenta 8 indivíduos sem qualquer tipo de formação, apenas 3 com Mestrado e nenhum dos participantes obteve o grau de Doutorado.

A justificação apresentada para o gráfico anterior, aplica-se a este. No entanto, a formação especializada nesta área cabe, maioritariamente, aos bibliotecários municipais, uma vez que lhes é exigida para o desempenho da função. Associando os resultados obtidos à experiência da investigadora, esta é uma das áreas em que os professores bibliotecários sentem mais dificuldades nas suas práticas.

• **Formação em Comunicação Educacional Multimédia/Produção de documentos áudio/vídeo/multimédia/digitais**

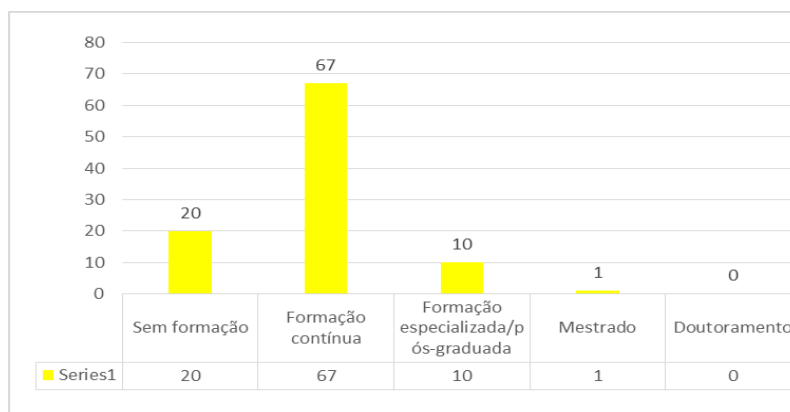


Gráfico 3.2.3- Formação em Comunicação Educacional Multimédia/Produção de documentos áudio/vídeo/multimédia/digitais

Verifica-se uma clara predominância de formação contínua nesta área, e o número de respondentes sem formação é maior do que nas anteriores, assim como na formação especializada.

O domínio das novas tecnologias de informação e comunicação multimédia, apesar de ter vindo a melhorar, ainda representa um constrangimento para alguns professores bibliotecários. Requerendo este tipo de formação bastante destreza no domínio de equipamentos e ferramentas digitais multimédia, compreende-se que se verifique um menor número de respondentes com formação nesta área e um maior número sem qualquer formação. No entanto, embora com algumas limitações, pode observar-se que muitos deles adquiriram autonomamente competências na elaboração de documentos multimédia, tais como, apresentações eletrónicas simples. Muitas dessas competências derivaram, também, da formação genérica em TIC.

▪ Formação em TIC

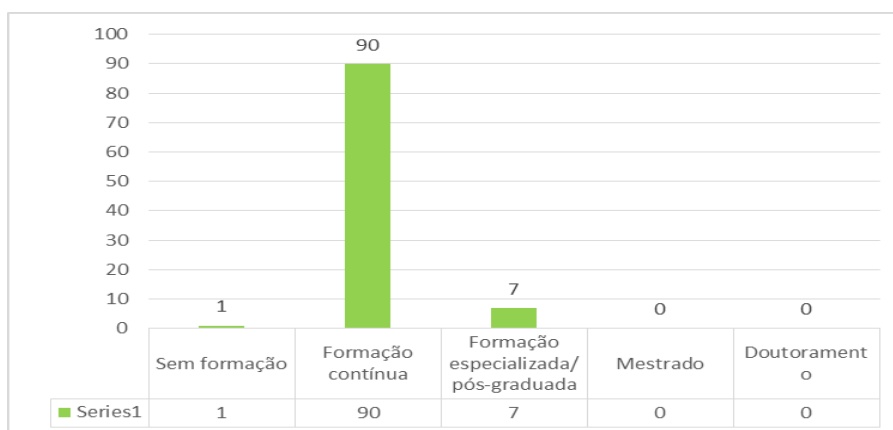


Gráfico 3.2.4- Formação em TIC

Verifica-se nesta área uma clara maioria de inquiridos com formação contínua, 92%. Apenas sete dos inquiridos possui formação especializada e nenhum apresenta Mestrado ou Doutoramento. Apenas 1 respondente não tem formação na área.

Como foi já explicado, a disponibilização de formação nesta área, muito frequentada por professores bibliotecários, tem contribuído para a aquisição de competências em TIC por parte dos professores bibliotecários. A experiência da autora no acompanhamento que faz às bibliotecas escolares corrobora esta constatação.

▪ Formação em gestão de equipamentos

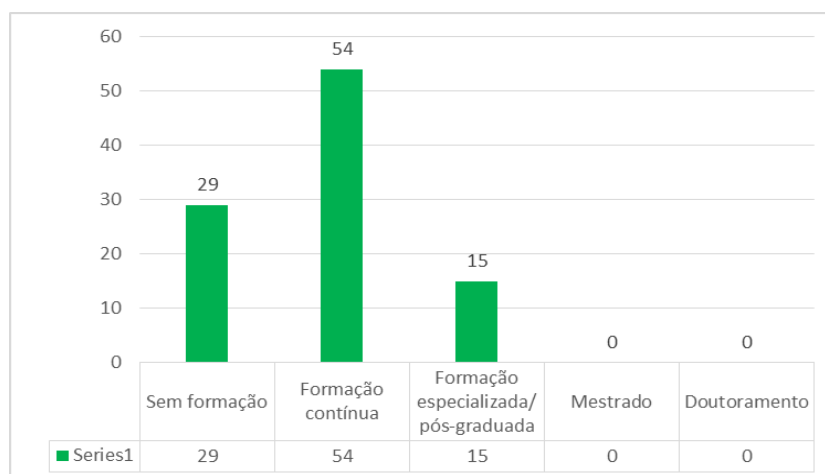


Gráfico 3.2.5- Formação em gestão de equipamentos

Nesta área verifica-se um número razoável de participantes sem qualquer tipo de formação, 30%, um valor claramente superior aos representados nos gráficos anteriores.

Predomina a formação contínua na área, e não há registo de qualquer inquirido detentor de mestrado ou doutoramento.

O alto valor de respondentes sem formação nesta área pode justificar-se pela quase ausência de formação disponibilizada pela RBE e pelos centros de formação neste âmbito. O facto de nas escolas os professores da área TIC serem os responsáveis pela gestão e manutenção de equipamentos, pode justificar a fraca adesão à mesma. Nas bibliotecas municipais um técnico das câmaras municipais presta também este tipo de apoio.

▪Formação para as literacias

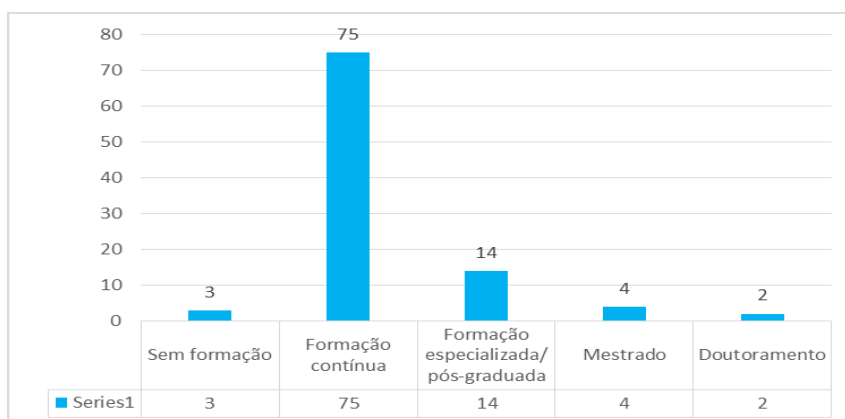


Gráfico 3.2.6 – Formação para a(s) literacia(s)

Apenas 3 dos participantes não têm qualquer tipo de formação na área. De notar que 6 dos inquiridos, 8% do total de inquiridos possui o grau de Mestre ou Doutor. A grande maioria dos participantes, 77%, fez formação contínua nesta área.

A formação contínua disponibilizada na área das literacias tem sido em número relevante. Pela nossa experiência, a grande maioria dos professores bibliotecários possui formação contínua neste âmbito, um número razoável tem formação especializada e alguns encontram-se a frequentá-la. Conscientes da importância do desenvolvimento das competências literácicas dos alunos, esta área de formação tem tido uma excelente aceitação.

4. Experiência profissional

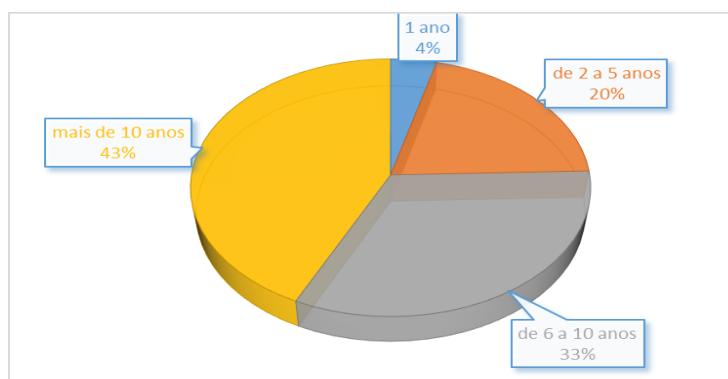


Gráfico 4 - Experiência profissional nestas funções

Facilmente se verifica que a grande maioria dos inquiridos tem uma função relacionada com as bibliotecas acima dos 6 anos, com 20% dos inquiridos situando-se no intervalo de 2 a 5 anos, e apenas 4% desempenha estas funções há 1 ano ou menos.

Um dos requisitos exigidos para exercer o cargo de professor bibliotecário é ter no mínimo 4 anos de experiência como PB ou membro da equipa. Esse fator confere estabilidade às equipas e justifica os dados apresentados no gráfico. No que concerne aos bibliotecários municipais, pela nossa experiência, a grande maioria já exerce o cargo há alguns anos. Não podemos esquecer que a criação da rede de leitura pública em Portugal e as respetivas construções das bibliotecas municipais é um fenómeno recente, tendo, na altura, atraído profissionais jovens para o exercício dessa função e, muitos deles permanecem no cargo. Relativamente aos CIBE, são profissionais com alguns anos de experiência em bibliotecas escolares e muitos deles já se encontram nestas funções desde o início da criação desta função, ainda que sem esta designação, há cerca de dez anos.

II. Redes Concelhias/Interconcelhias de Bibliotecas

1. Importância

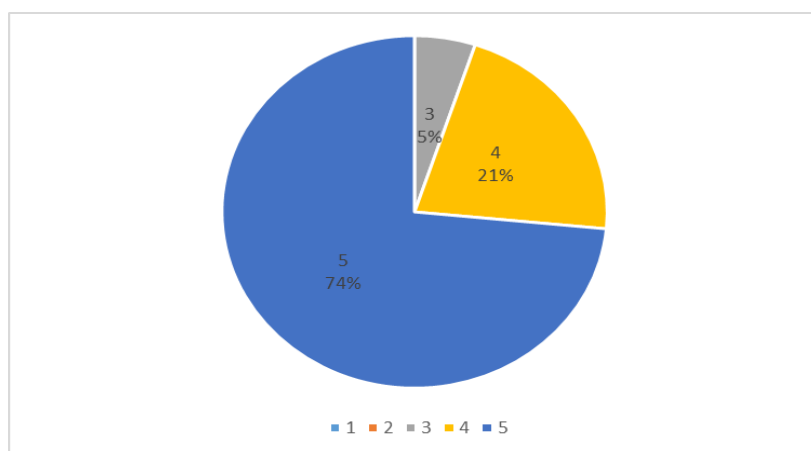


Gráfico 1 - Importância de uma rede concelhia/interconcelhia de bibliotecas

Pedi-se nesta questão que os participantes classificassem a importância das redes de bibliotecas, assumindo 1 como o menos relevante e 5 como mais relevante. Verifica-se que 95% consideram a rede relevante ou muito relevante. Apenas 5% dos inquiridos atribuíram a mediana classificação de 3 à importância das redes, e nenhum considerou que estas são pouco ou nada relevantes.

A tomada de consciência da importância de uma rede concelhia de bibliotecas tem vindo a progressivamente a aumentar, como se pode constatar pelo número em crescendo da criação das mesmas.

2. Dificuldades na criação das redes

▪ Falta de hábitos de trabalho colaborativo

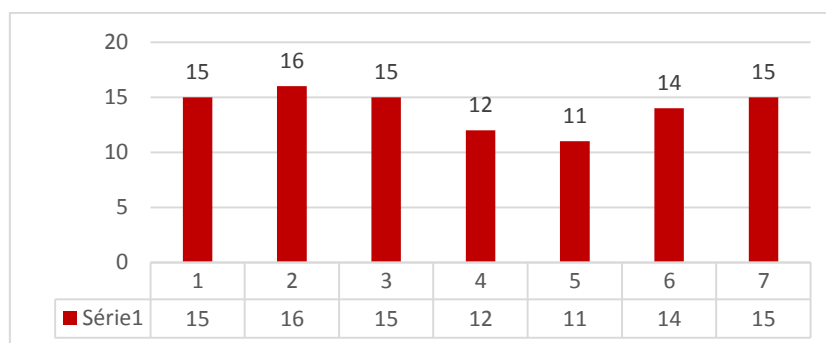


Gráfico 2.1 – Falta de hábitos de trabalho colaborativo

Pedia-se, em seguida, aos inquiridos que criassem uma hierarquia de 1 a 7, classificando as dificuldades encontradas na criação das redes a que pertencem. Os inquiridos assumiam que 1 seria atribuída à dificuldade mais relevante e 7 à menos relevante.

Relativamente à falta de hábitos de trabalho verifica-se uma grande dispersão nas respostas. Curiosamente, o mesmo número de inquiridos classifica este parâmetro como sendo o mais e o menos relevante. De notar, no entanto, que 46 % atribui uma classificação igual ou inferior a três.

As redes concelhias de bibliotecas têm, naturalmente, especificidades próprias de cada contexto e o seu funcionamento depende das relações entre as instituições locais e das sinergias que se criam no seio das redes. A dispersão nas respostas indica que nem todas as redes se encontram no mesmo patamar de cooperação e partilha e que, algumas delas, ainda não adquiriram hábitos de colaboração em rede.

•Uniformização de procedimentos

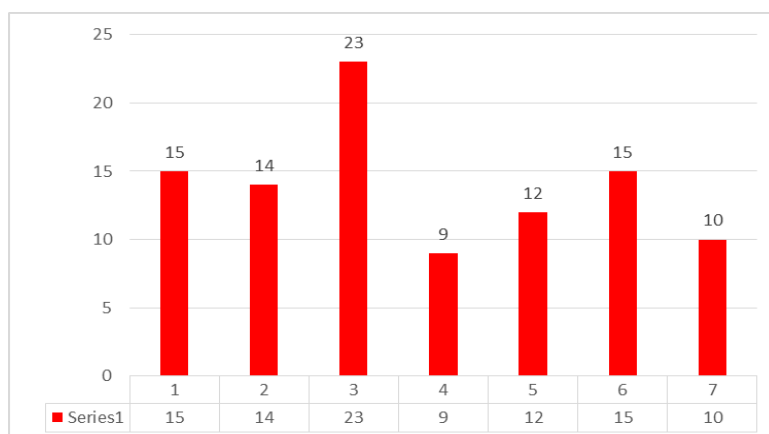


Gráfico 2.2 – Uniformização de procedimentos

Relativamente a este item, 52% dos inquiridos coloca a dificuldade de uniformização de procedimentos nos três graus de relevância mais elevados. Apenas 10 dos inquiridos consideram ser esta a dificuldade menos relevante ao funcionamento de uma rede.

A uniformização de procedimentos no que diz respeito ao processo de catalogação, classificação e indexação documental representa, na realidade, uma dificuldade na elaboração dos documentos comuns, fundamentais à constituição de um catálogo coletivo. Verifica-se alguma resistência por parte dos intervenientes responsáveis por este em processo em alterar práticas e fazer cedências. Como participante ativa na

criação e acompanhamento de redes concelhias, a nossa experiência corrobora os resultados obtidos neste ponto do questionário.

▪Constituição de equipas de trabalho

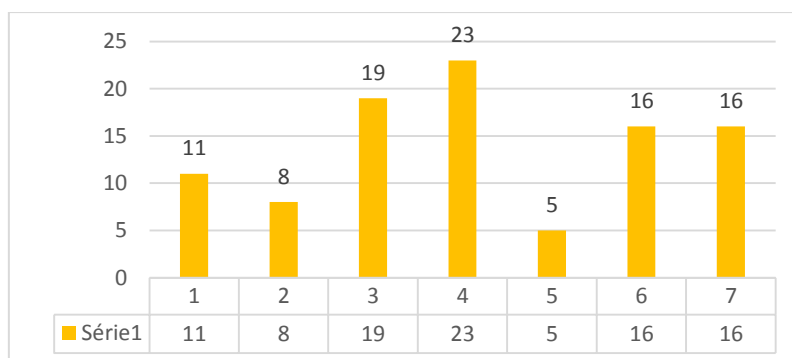


Gráfico 2.3 – Constituição de equipas de trabalho

Neste domínio nota-se, também, um padrão de resposta muito dispersa, com a maior percentagem de inquiridos a colocar esta dificuldade no valor médio de dificuldade e com um número idêntico de participantes a optarem pelos intervalos de maior e menor dificuldade.

Como já foi referido anteriormente, as redes concelhias têm características e dinâmicas próprias, variando de concelho para concelho, sendo que o número e tipo de parceiros que as integram, as dinâmicas que desenvolvem, o estágio de desenvolvimento de bibliotecas escolares e municipais são fatores que pesam no funcionamento destas redes locais.

▪Falta de tempo

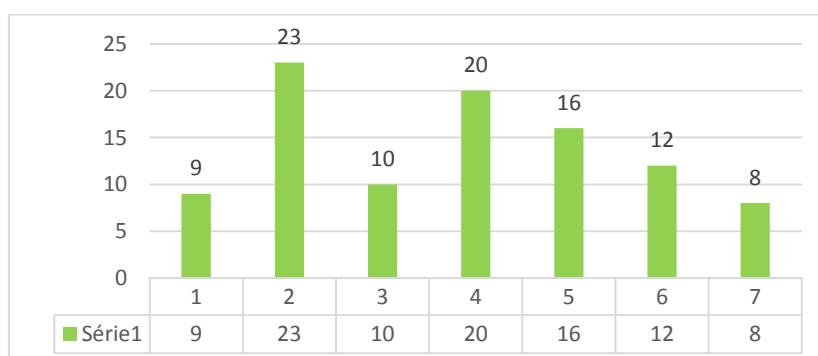


Gráfico 2.4 – Falta de tempo

Relativamente a este parâmetro 42% classifica-o como sendo de grande relevância, e apenas 8 dos participantes consideram a falta de tempo como a menor dificuldade no bom funcionamento da rede a que pertencem.

O elevado número de respondentes que considera a falta de tempo um obstáculo para o bom funcionamento da rede, poderá dever-se ao facto do elevado número de tarefas burocráticas que são pedidas aos professores, não esquecendo que os professores bibliotecários têm que obrigatoriamente lecionar uma turma. Relativamente aos bibliotecários municipais, como já foi referido, confrontam-se com a escassez de recursos humanos, o que os obriga, por vezes, a desempenhar tarefas que não se coadunam com as suas funções.

•Cumprimento de prazos

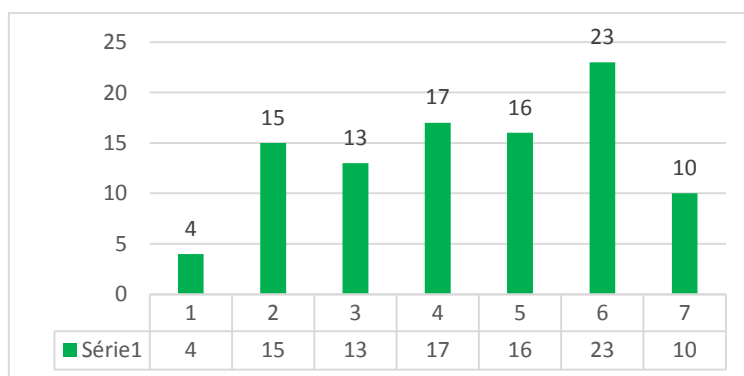


Gráfico 2.5 – Cumprimento de prazos

Em relação a esta questão, 66% dos inquiridos considera como sendo uma dificuldade média ou menor, sendo apenas classificada como a dificuldade mais relevante por 4% dos participantes.

Embora possa parecer que as respostas entram em contradição com as apresentadas na questão anterior, a falta de tempo não implica, na maioria dos casos, o cumprimento de prazos. Quer os professores bibliotecários, quer os bibliotecários municipais gerem projetos que os obrigam ao cumprimento de prazos. Relacionando com a experiência profissional da investigadora, na qualidade de formadora, o cumprimento de prazos é uma atitude generalizada.

•Dificuldades técnicas

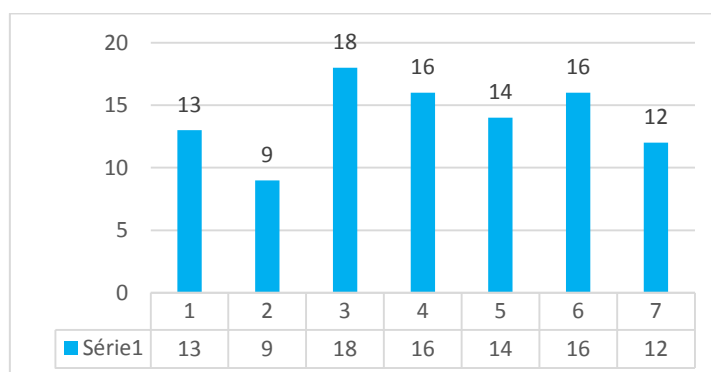


Gráfico 2.6 – Dificuldades técnicas

Existe de novo uma grande dispersão nas respostas neste parâmetro, com 40% dos inquiridos a classificarem-no nos 3 graus de dificuldade superior e 42% no grau de menor relevância. Da totalidade dos inquiridos, 16 atribuem a este parâmetro um grau medio de dificuldade no funcionamento da rede a que pertencem

A dispersão nas respostas aponta de novo para uma heterogeneidade no funcionamento destas redes.

•Desconhecimento de uma filosofia de rede

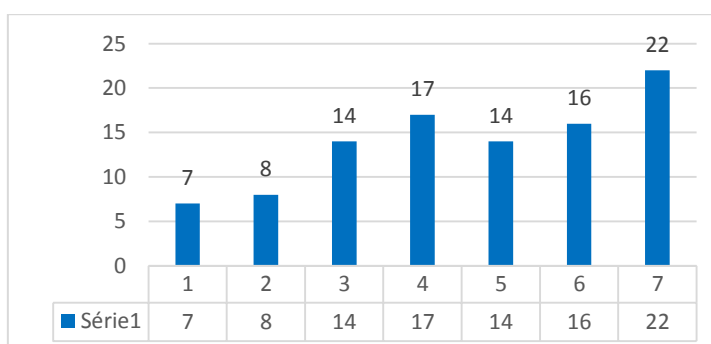


Gráfico 2.7 – Desconhecimento de uma filosofia de rede

Quando analisamos o impacto do desconhecimento de uma filosofia de rede no funcionamento das mesmas, verificamos facilmente este ser considerado um dos parâmetros de menor relevância, com 69% dos participantes a colocar esta dificuldade num intervalo de médio a menos relevante. O maior número de respostas obtido nesta

questão, 22 respostas, reporta a dificuldade como a menos relevante das sete analisadas neste ponto do questionário.

Podemos inferir pelos dados obtidos que os intervenientes que constituem uma rede, ultrapassados os primeiros obstáculos, se identificam com a missão e os objetivos da mesma, desenvolvendo uma atitude de cooperação e partilha. A falta de hábitos de trabalho colaborativo referida por alguns inquiridos (gráfico 2.1), é uma dificuldade que se vai esbatendo com a consolidação da rede e o sentimento de pertença a uma comunidade.

3.Opinião sobre as redes

Pedi-se, de seguida, numa classificação de 1 a 5 (sendo 1 o mais relevante e 5 o menos) a opinião das redes concelhias.

▪ Um grupo de trabalho formalizado

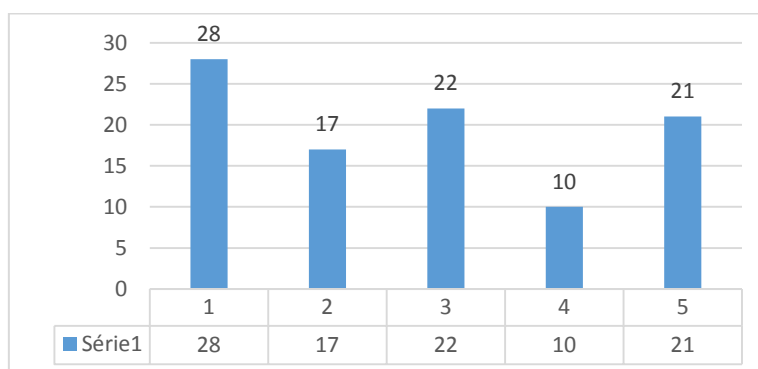


Gráfico 3.1 – Um grupo de trabalho formalizado

Relativamente a este item, 67% dos participantes considera relevante ou muito relevante o grupo de trabalho para a dinâmica de rede concelhia.

▪ **Uma comunidade de prática**

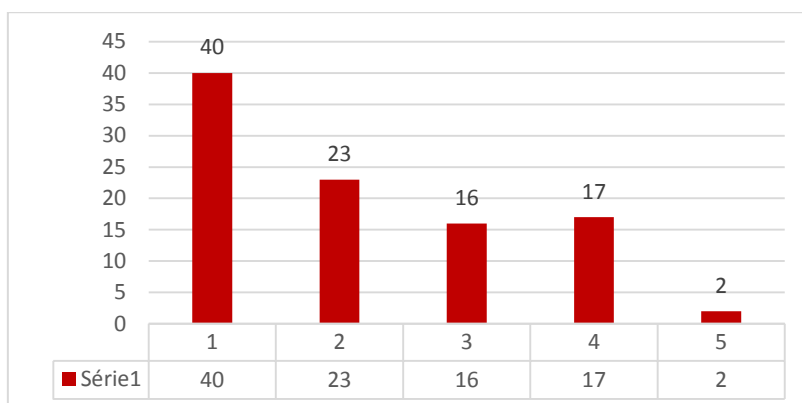


Gráfico 3.2 – Uma comunidade de prática

A grande maioria dos inquiridos considera a rede concelhia como uma comunidade prática, sendo que 63% atribuem um grau elevado de relevância a este parâmetro e apenas 2 respondentes consideram este parâmetro o de menor relevância.

▪ **Uma estrutura de colaboração e partilha**

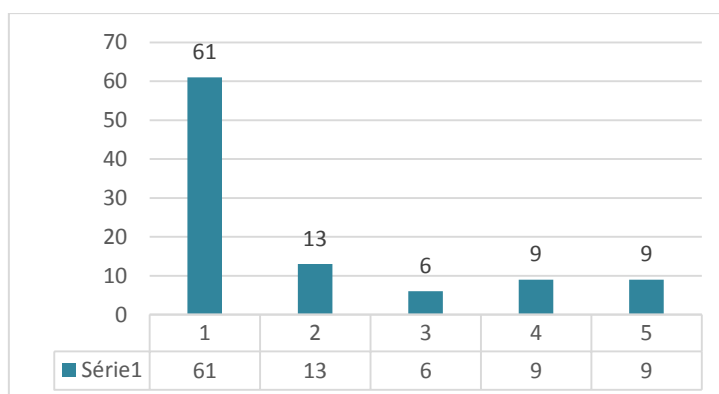


Gráfico 3.3 - Uma estrutura de colaboração e partilha

Relativamente a este item 61% dos inquiridos considera ser este o fator mais relevante e 74% coloca a colaboração e partilha nos dois grupos de relevância mais elevados.

▪ **Um grupo de profissionais com objetivos comuns**

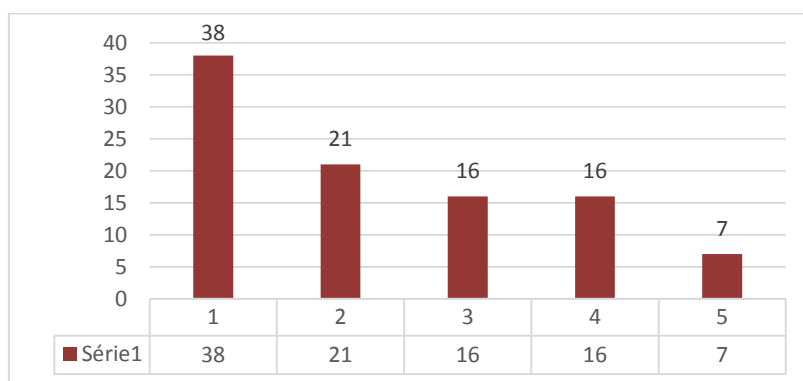


Gráfico 3.4 - Um grupo de profissionais com objetivos comuns

A maioria dos inquiridos vê a rede concelhia como um grupo de profissionais com objetivos comuns, notando-se uma clara tendência para uma classificação de relevante ou muito relevante (59%). Apenas 7 participantes consideram esta característica a menos relevante na rede a que pertencem, podendo explicar-se pelo facto de professores bibliotecários e bibliotecários municipais se considerarem grupos distintos, o que não poderia estar mais longe da realidade atual.

▪ **Uma rede de informação e de conhecimento**

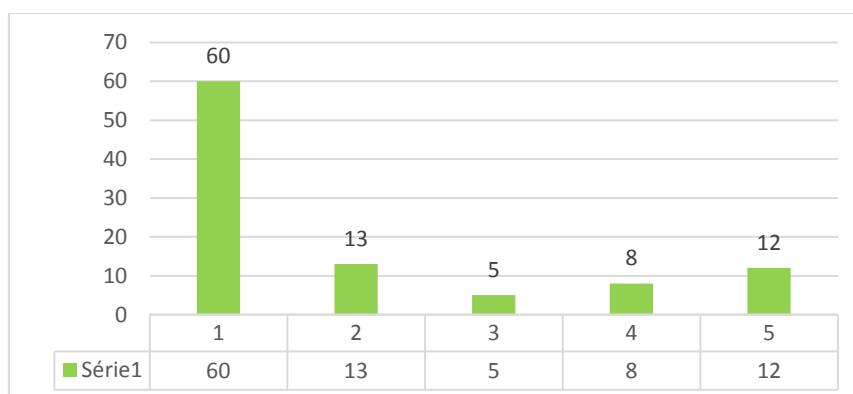


Gráfico 3.5 - Uma rede de informação e de conhecimento

Este parâmetro apresenta valores muito semelhantes ao de colaboração e partilha no seio da rede (Gráfico 3.3). Positivamente, verifica-se que para 73% dos participantes a rede é vista como uma comunidade de informação e de conhecimento. Apenas 20% dos indivíduos inquiridos considera este parâmetro como pouco relevante na caracterização de uma rede concelhia.

Uma vez que as respostas relativas à questão que pedia a opinião sobre a rede concelhia se revelaram constantes e uniformes, fazemos uma interpretação dos resultados abrangente. Dessa forma, podemos constatar que a grande maioria dos atores que integram as redes consideram que estas são verdadeiras comunidades de prática, que trabalham colaborativamente, comungando objetivos comuns. Consideram, também, que a rede desenvolve um trabalho importante na construção do conhecimento.

Os resultados dos 5 itens que integram esta questão confirmam a resposta anterior sobre a identificação com a rede, corroborando o espírito de um trabalho grupal, cooperativo e partilhado.

4. Liderança

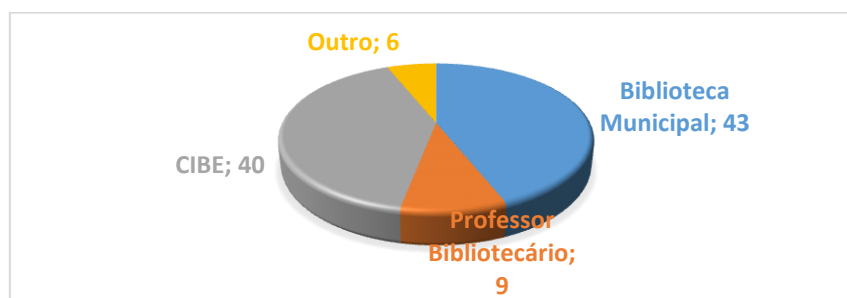


Gráfico 4 - Quem lidera o processo de criação de uma rede de bibliotecas

Relativamente a esta pergunta há uma clara relevância atribuída aos CIBE e às bibliotecas municipais. Curiosamente, as duas classes obtêm valores muito idênticos com 40 e 43 respostas, respetivamente.

De acordo com a nossa experiência, as respostas traduzem a realidade, facto que teoricamente não deveria acontecer, uma vez que uma rede concelhia se pretende que seja uma rede distribuída, sem lideranças. Acreditamos que no início da construção de uma rede, alguém terá que tomar uma atitude mais proactiva que, com o desenvolvimento da mesma, se diluirá e passará a ser uma liderança partilhada.

5. Identidade coletiva



Gráfico 5 - Existe uma identidade coletiva na rede onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s)?

As respostas dadas pelos inquiridos corroboram na maioritariamente as considerações anteriormente feitas sobre a identidade, espírito de pertença a uma comunidade e ao desenvolvimento de um trabalho colaborativo e participado dentro das redes.

AS QUESTÕES DE 6 A 7 DIRIGEM-SE APENAS AOS COORDENADORES INTERCONCELHIOS

6. Duração das redes

Todos os CIBE que participaram no estudo afirmam que a(s) rede(s) concelhia(s) /interconcelhia(s) em que participaram na respetiva criação ainda se mantêm ativas.

Estes dados revelam que as redes concelhias são construídas de uma forma planificada e estruturada e assentam numa base sólida, fruto de um trabalho previamente desenvolvido pelos CIBE com todos os parceiros.

7. Acompanhamento

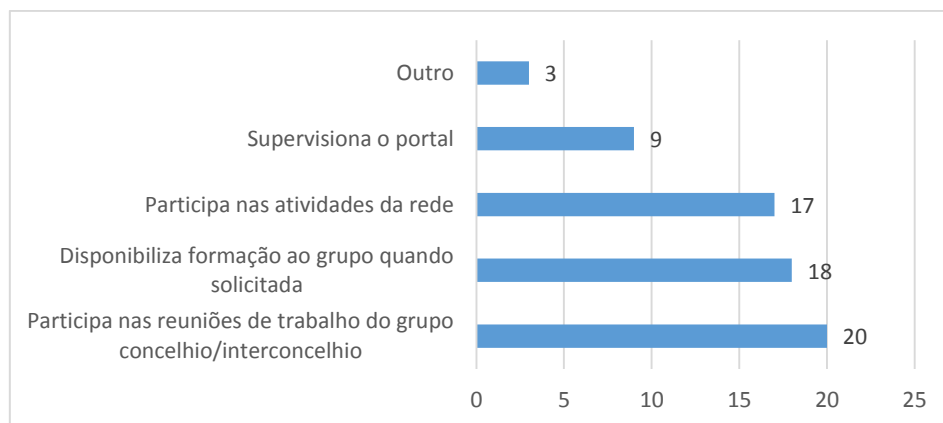


Gráfico 7 - De que forma acompanha as redes de bibliotecas do seu território?

Relativamente ao acompanhamento das redes por parte dos CIBE, verifica-se que todos participam em reuniões de trabalho da rede; 86% disponibiliza formação e 85% participa ativamente nas atividades desenvolvidas. Deve salientar-se que apenas 43% supervisiona o portal concelhio.

O papel dos CIBE na criação, desenvolvimento e acompanhamento das redes tem-se revelado vital. Porém, acreditamos que é desejável que à medida que se vão consolidando se vão tornando autónomas, sem necessidade de liderança. Por isso, a supervisão do portal está geralmente entregue a uma equipa de trabalho dentro da rede.

AS PARTES III E IV DO QUESTIONÁRIO DESTINAM-SE APENAS AOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECÁRIOS MUNICIPAIS

III. O Portal Concelhio

1.Participação

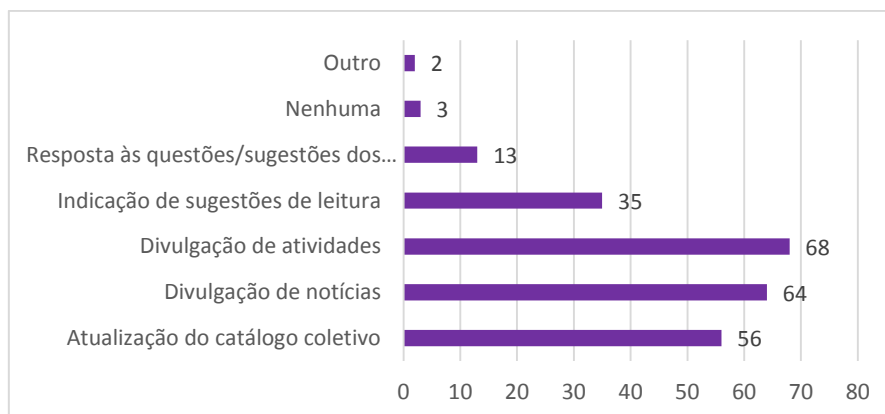


Gráfico 1 - Qual a sua participação na atualização do portal da rede concelhia a que pretence?

Do total dos inquiridos, 87% (68 num total de 78 participantes) afirma participar na atualização do portal para divulgação de atividades, enquanto que 82% o utiliza para a divulgação de notícias. Menos de metade dos bibliotecários que participaram no estudo, 44,8%, usa o portal para sugerir opções de leitura, e 16,6% para responder a questões ou sugestões dos utilizadores/leitores. Apenas 3,8% dos inquiridos não participa de qualquer forma na atualização do portal.

Das respostas enunciadas, podemos concluir que há uma participação coletiva na atualização e alimentação do portal. O facto de a participação ser diferenciada, poderá prender-se com a metodologia de trabalho estipulada pelo grupo.

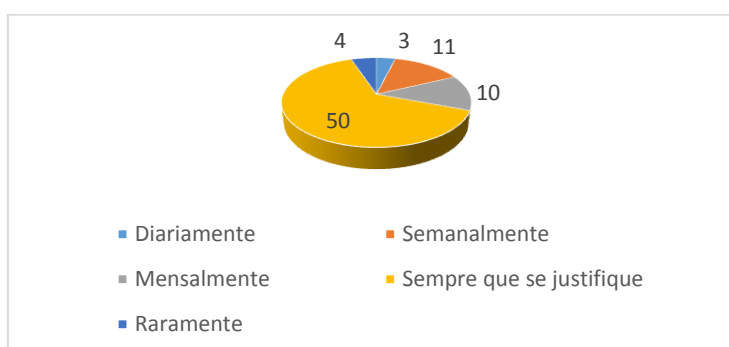


Gráfico 2 - Indique a periodicidade da atualização do portal

Relativamente à periodicidade de atualização do portal, a grande maioria dos participantes, 64,1 %, procede à atualização do mesmo sempre que se verifique

necessário. A esta classe seguem-se percentagens de 14,1% e 12,8% para uma frequência semanal e mensal, respetivamente. Apenas 5,1% dos participantes apenas o faz raramente.

As respostas confirmam a observação da investigadora que, durante a realização deste estudo, visitou semanalmente todos os portais concelhios e interconcelhios, verificando que uma grande maioria era atualizada pelo menos semanalmente e alguns tinham uma atualização ainda mais frequente.

•Frequência de consulta

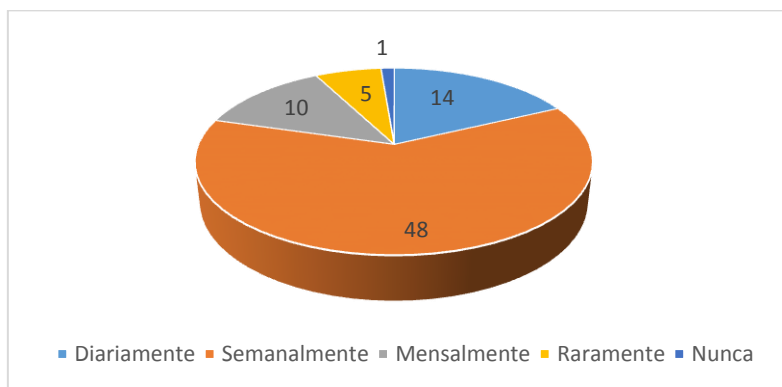


Gráfico 3 - Com que frequência visita o portal

Facilmente se verifica que a maioria dos inquiridos, 61,5%, visita o portal semanalmente, sendo visível a grande representatividade deste grupo em relação aos restantes. Apenas 7,7% dos participantes do estudo afirma visitar o portal raramente ou nunca.

A frequência da consulta do portal e da respetiva participação no mesmo, são fatores que estão diretamente relacionados com o sentido de pertença, cooperação e partilha anteriormente enunciado.

4.Obstáculos

Pedi-se em seguida aos inquiridos que atribuíssem um grau de concordância, entre concordo totalmente e discordo totalmente, a diversos fatores que podem dificultar a manutenção ou atualização do portal.

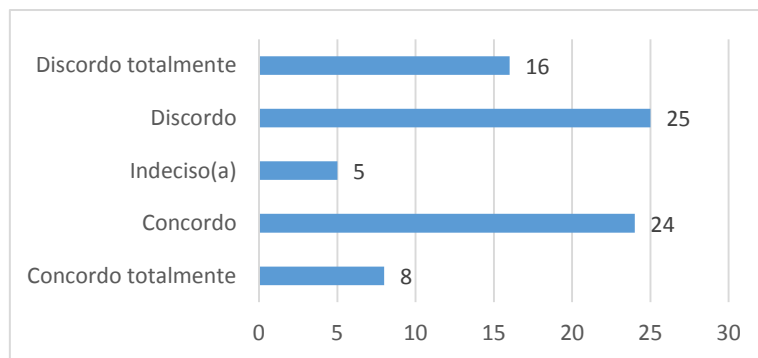


Gráfico 4.1 - A inexistência de competências tecnológicas por parte dos responsáveis por essa tarefa

De referir nesta questão o número de respostas muito próximas entre as classes que concordam com a afirmação e discordam da mesma, com respetivamente 30,7% e 32 % dos participantes a escolher esta opção. Dos inquiridos, 20,5 % discorda totalmente com esta afirmação, enquanto 10,2% concorda totalmente.

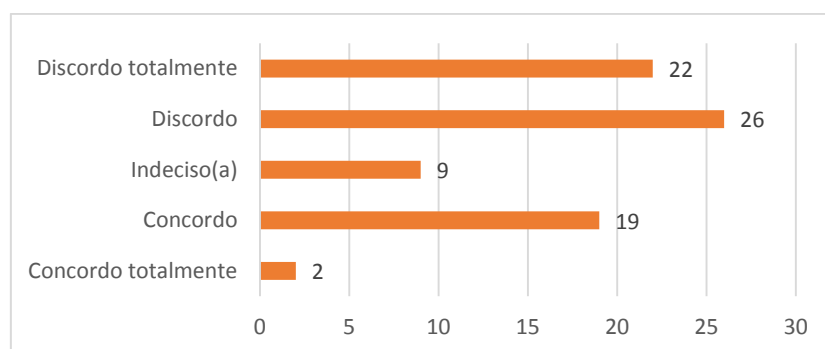


Gráfico 4.2 - Falta de apoio por parte dos órgãos diretivos

Combinando as percentagens relativas às classes que escolheram as opções discordo e discordo totalmente, percebemos que para 60,5% dos participantes a falta de apoio das respetivas direções não representa um obstáculo ao bom funcionamento do portal. Apenas 2,5% dos inquiridos avaliam este parâmetro como um real problema para a manutenção ou atualização do mesmo.

Na nossa perspetiva, e, com base na nossa experiência, não se verificou uma interpretação clara da questão por parte dos inquiridos, uma vez nenhuma biblioteca escolar se pode constituir como a plataforma da escola sem o apoio incondicional do órgão de gestão. Não pode existir um verdadeiro trabalho colaborativo com a biblioteca escolar, dentro e fora da escola, sem que o órgão de diretivo da escola/agrupamento tenha uma visão clara e atualizada do papel e função da mesma na promoção das

literacias e no apoio ao processo de ensino e aprendizagem. Poderá, no entanto, explicar-se este resultado pela autonomia que alguns professores bibliotecários já conquistaram por parte das direções, fruto de um trabalho sistemático, de qualidade, visível em toda escola.

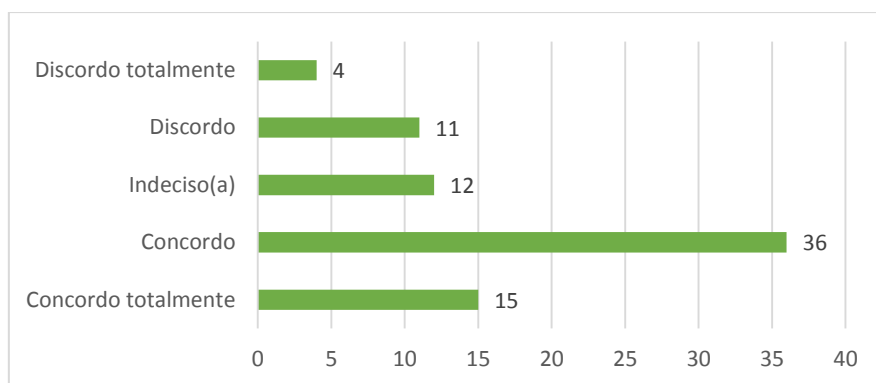


Gráfico 4.3 - Falta de tempo por parte dos responsáveis por essa tarefa

Elevado grau de concordância, 65,3 % relativamente ao parâmetro da falta de tempo como uma condicionante para a manutenção/atualização do portal. Verifica-se que apenas 5,1 % dos inquiridos discorda que a falta de tempo poderá ser um entrave.

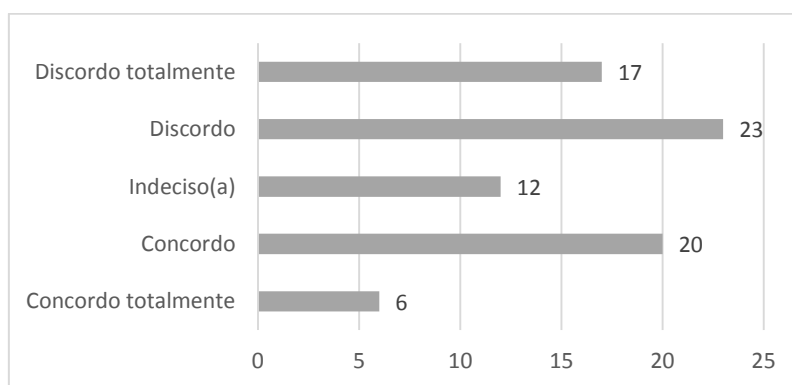


Gráfico 4.4 - Falta de formação no domínio das tecnologias por parte dos responsáveis por essa tarefa

A maioria dos inquiridos, 51,2%, discorda ou discorda completamente acerca da influência deste parâmetro. Apenas 7,6% dos participantes concorda completamente que a falta de formação poderá ser um impedimento à manutenção do portal. No entanto, é uma dificuldade facilmente ultrapassável, uma vez que a interface do portal é bastante amigável e intuitiva.

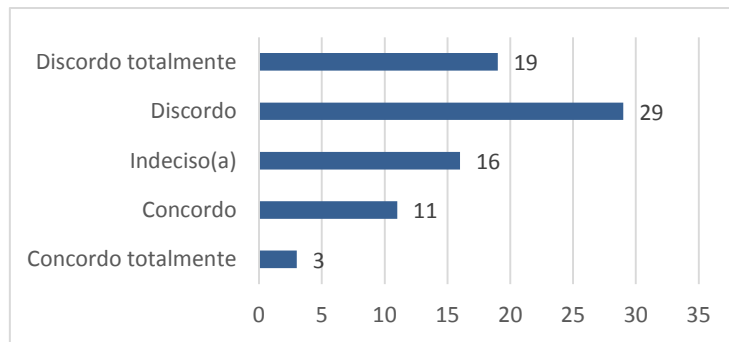


Gráfico 4.5 - Falta de motivação por parte dos responsáveis por essa tarefa

Também neste item se revelou uma clara discordância por parte dos participantes, com 61,5% dos inquiridos a discordarem ou discordarem totalmente desta afirmação. Apenas 17,9 % dos participantes demonstra concordância em relação a este parâmetro.

Analisados os resultados correspondentes aos itens que integram o p.4, podemos inferir que a falta de tempo continua a ser considerado um fator condicionante e inibidor de uma maior entrega ao trabalho da rede. Segue-se, com menos relevância, alguma dificuldade no domínio das TIC, sendo que a falta de motivação e a ausência de apoio por parte dos órgãos diretivos são fatores que não condicionam a atualização e a alimentação do portal, na perspetiva dos inquiridos.

5. O portal como plataforma da Web 2.0

▪Partilha

Na pergunta 5 pediu-se aos participantes que atribuíssem um grau de concordância, entre concordo totalmente e discordo totalmente, a diversas afirmações relativas ao interesse pedagógico de um portal concelhio/interconcelhio de bibliotecas.



Gráfico 5.1.1 - Encoraja a partilha e acrescenta dinamismo e interatividade aos trabalhos desenvolvidos

Verifica-se facilmente que a maioria (88,5%) dos inquiridos entende o portal como uma ferramenta encorajadora de partilha e dinamismo. Dos 78 participantes no estudo apenas 3 discordam desta afirmação e nenhum discorda totalmente.

▪Responsabilidade

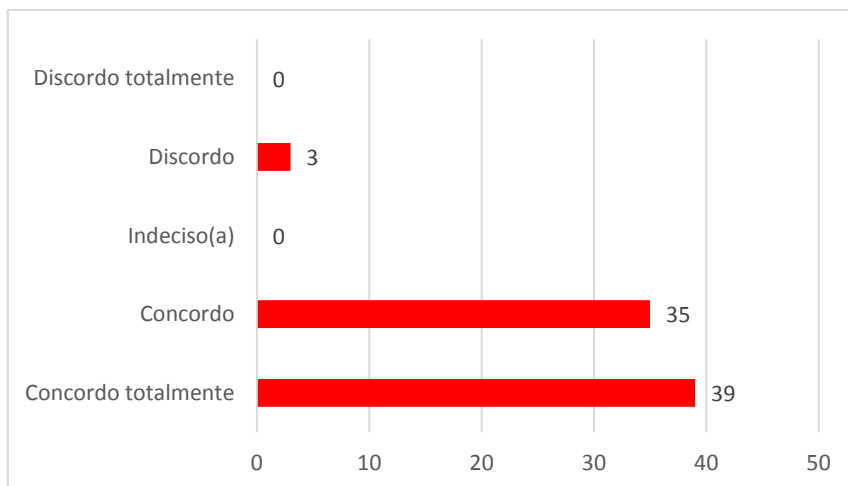


Gráfico 5.1.2 - Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao que é publicado.

A perceção da responsabilidade por parte das bibliotecas relativamente ao que é publicado foi claramente entendida por 94,8% dos inquiridos. Nenhum se sentiu indeciso relativamente à questão colocada e apenas 3 discordam.

▪Divulgação de atividades e de práticas

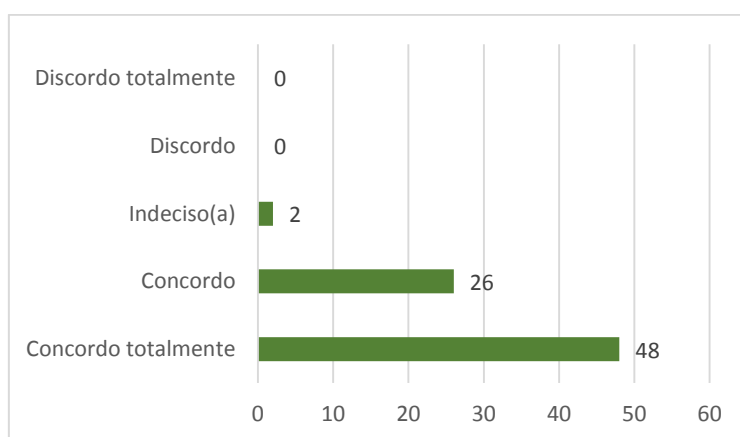


Gráfico 5.1.3 - Permite uma maior divulgação das atividades e práticas das bibliotecas.

Definitivamente o portal percebe-se por todos como sendo uma ferramenta de divulgação de atividades. Nesta questão não se verifica qualquer grau de discordância, e

apenas 2 participantes se sentiram indecisos em relação a este parâmetro. Quase a totalidade dos bibliotecários, 94,8%, revela concordar ou concordar totalmente com esta função do portal.

▪Visibilidade

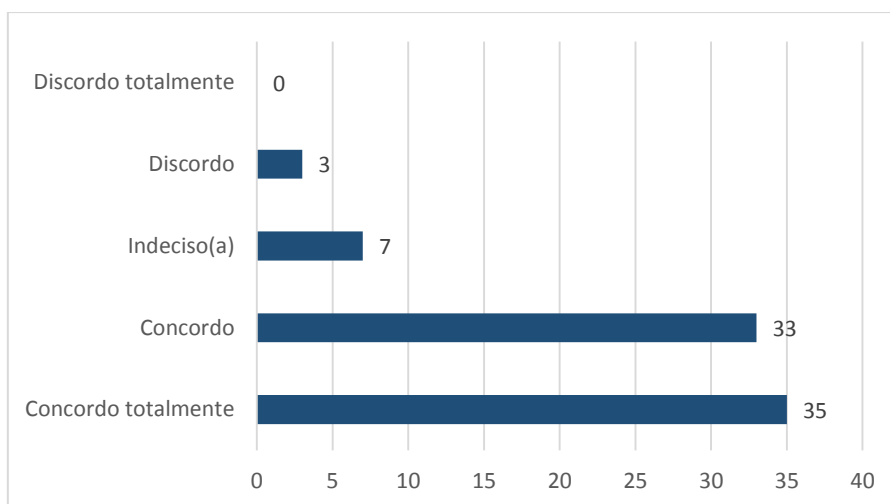


Gráfico 5.1.4 - Confere uma grande visibilidade às bibliotecas.

Tal como nos parâmetros anteriormente analisados, existe um elevado grau de concordância, 87.1%, relativamente à visibilidade que o portal confere à rede de bibliotecas. Apenas 3 dos participantes discordam desta afirmação.

▪Disponibilização de recursos

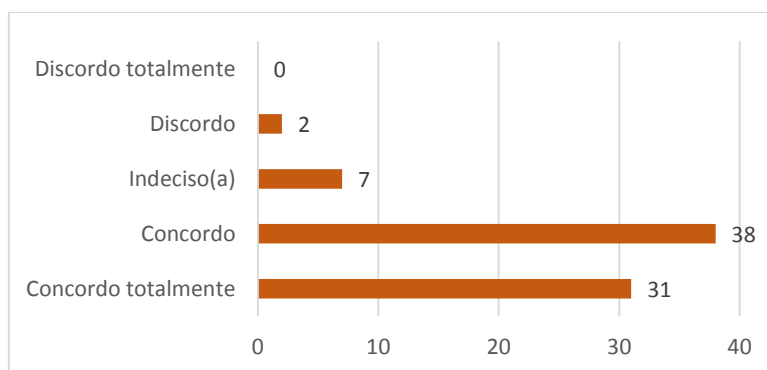


Gráfico 5.1.5 - Possibilita a disponibilização de recursos educativos digitais para os utilizadores

Mais uma vez está evidente a importância que os bibliotecários conferem ao portal como forma de disponibilizar recursos digitais a todos os utilizadores. Nenhum

participante discorda totalmente, apenas 2 discordam e a maioria dos inquiridos, 88.5% concorda ou concorda totalmente com esta função.

▪ Divulgação rápida da informação

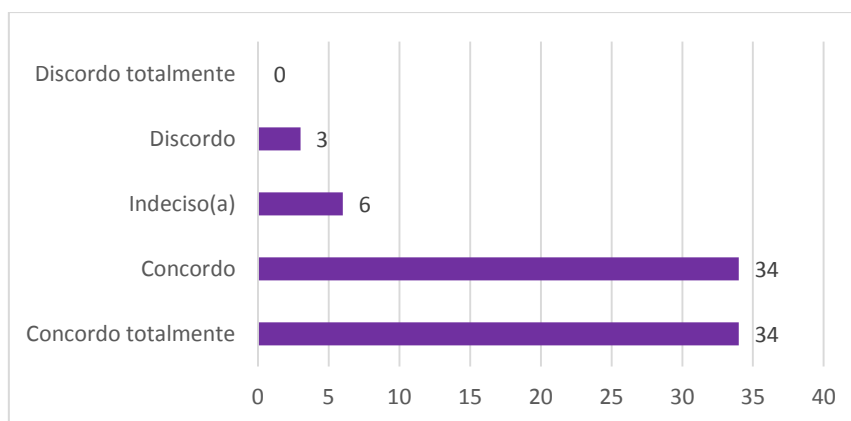


Gráfico 5.1.6 - Permite a divulgação da informação de forma mais ágil e rápida.

A grande maioria dos inquiridos, 87,2%, vê o portal como um meio de divulgação fácil e rápido. Apenas 3 participantes discordam desta capacidade conferida ao portal concelhio de bibliotecas.

▪ Disponibilização de documentos

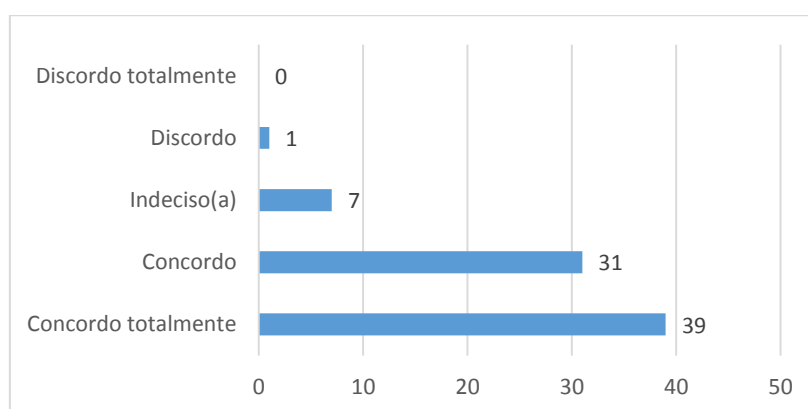


Gráfico 5.1.7 - Possibilita a disponibilização de documentos essenciais para os utilizadores

O portal é visto por 89,7% dos participantes como uma plataforma que permite o alojamento e disponibilização de documentos úteis aos utilizadores/leitores. Nenhum dos participantes discordou completamente deste parâmetro e apenas 1 discorda.

▪Potencia o trabalho em rede

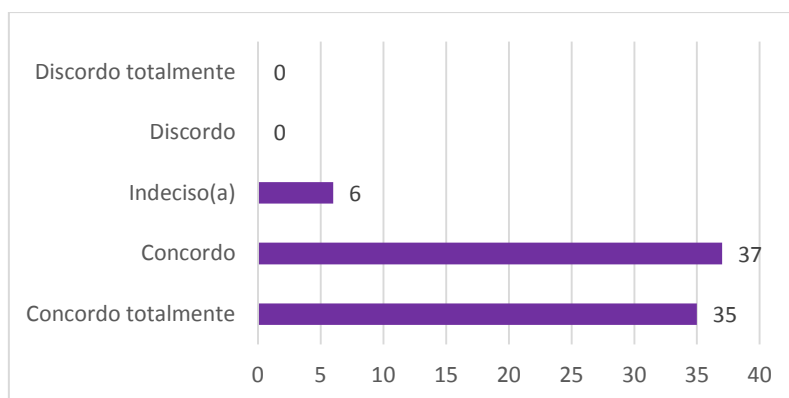


Gráfico 5.1.8 - Potencia o trabalho em rede.

Face aos resultados obtidos, o portal é claramente perspectivado por quase todos como potenciador do trabalho em rede. Nenhum participante revela qualquer tipo de grau de discordância relativamente a esta afirmação, e apenas 6 dos inquiridos, 7,7% se mostram indecisos.

▪Acesso permanente ao catálogo

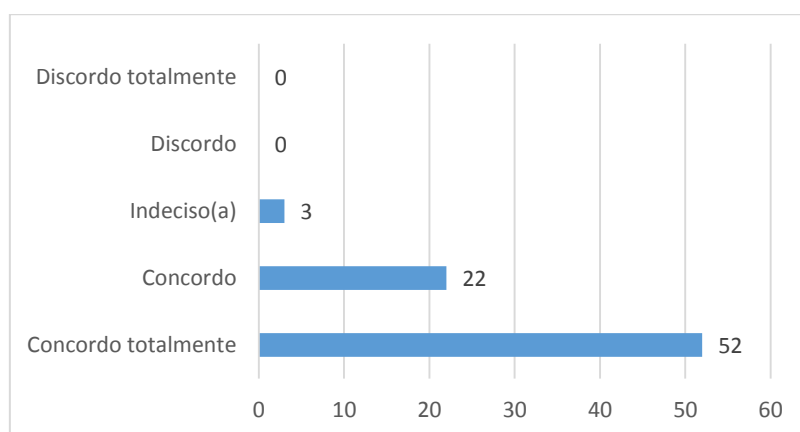


Gráfico 5.1.9 - Permite a disponibilização e acesso permanentes ao catálogo.

A possibilidade do acesso ao catálogo é considerada muito importante por 66% dos respondentes, importante por 28,2%, sendo que nenhum dos inquiridos discorda desta funcionalidade e apenas 3 se mostram indecisos.

▪Ferramenta de marketing

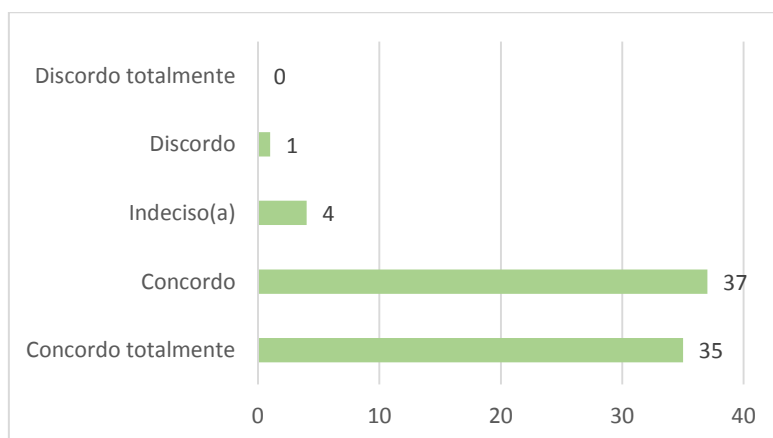


Gráfico 5.1.10 - Constitui-se como uma ferramenta de marketing

Quase a totalidade dos inquiridos, 92,3%, considera o portal como uma ferramenta de marketing. Apenas 4 inquiridos não tem opinião definida e 1 discorda desta afirmação.

▪Motivação do utilizador

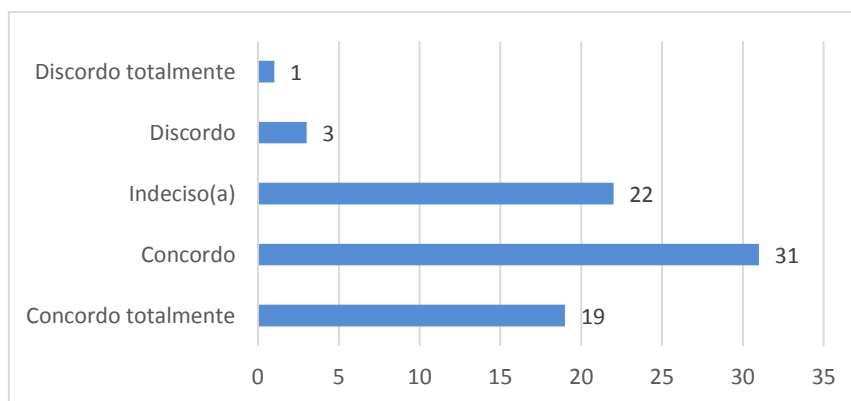


Gráfico 5.1.11 - Os utilizadores sentem-se mais motivados

Visto como motivador por 64,1% dos inquiridos, esta é uma das características que revela maior grau de indecisão por parte dos participantes, com 22 indecisos. Apenas 4 discordam ou discordam totalmente desta afirmação.

▪Ligação à comunidade

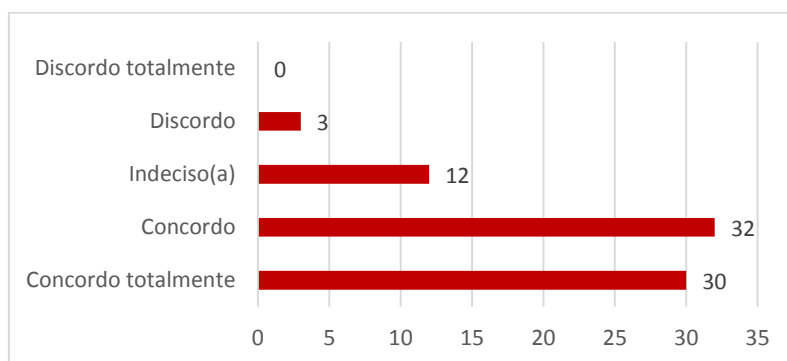


Gráfico 5.1.12 - A comunidade, em geral, conhece melhor os recursos existentes nas bibliotecas

O portal é visto por 79,4% dos participantes como uma forma de dar a conhecer à comunidade os recursos das bibliotecas que integram a rede. Nenhum discorda totalmente deste facto e apenas 3 discordam da relevância deste papel do portal, enquanto que 12 participantes se mostram indecisos.

▪Inovação

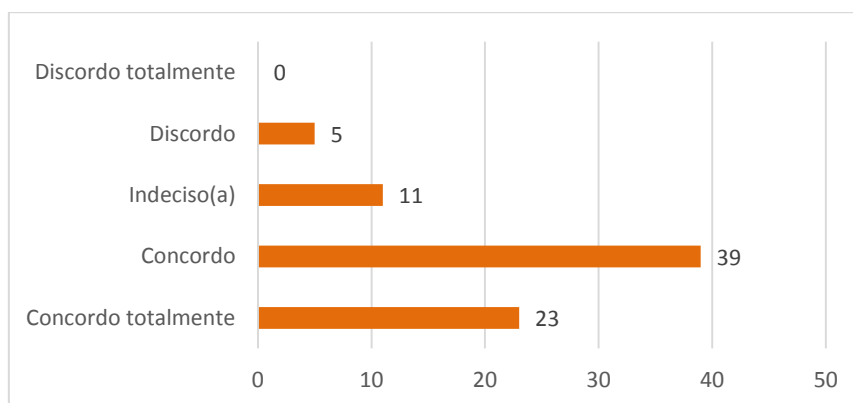


Gráfico 5.1.13 - As bibliotecas são mais inovadoras e procuram estar sempre atualizadas.

Finalmente, o portal é entendido por 79,4% dos participantes como um potenciador de inovação e atualização. Nenhum bibliotecário discorda totalmente desta afirmação e apenas 5 discordam. Dos participantes no estudo, 11 mostram não ter opinião formada relativamente a esta vertente do portal.

Considerando que o portal tem que ser olhado como um todo, constituindo-se como o rosto da rede, optamos por fazer a análise dos dados correspondentes a todos os itens

deste ponto. Assim, tomando como ponto de partida as respostas dos inquiridos, consideramos que uma grande percentagem confere uma grande importância ao portal, pela visibilidade que ele proporciona a toda a comunidade, educativa e local. A divulgação, a visibilidade, e o marketing foram considerados pontos fortes por uma grande percentagem dos inquiridos. Paradoxalmente, existe um grande número de indecisos relativamente ao impacto do portal na motivação dos utilizadores. Parece-nos que há ainda um trabalho a fazer pelas bibliotecas escolares e municipais relativamente à divulgação das potencialidades destas ferramentas, no que representam enquanto instrumentos de acesso à informação e à produção de conhecimento, junto dos utilizadores. Uma outra questão que corrobora esta inferência, assenta no facto de a possibilidade de acesso permanente ao catálogo coletivo não ser a funcionalidade considerada prioritária por todos os inquiridos, uma vez que apenas 70% concordam totalmente com esta afirmação. Não podendo ser considerada uma percentagem baixa, parece-nos, no entanto, que a possibilidade do acesso permanente ao catálogo e do que esse facto representa para toda a comunidade e, muito especialmente para alunos e professores, é subvalorizada em relação a outras funcionalidades que o portal permite. Um aspeto que consideramos revelador nesta análise consiste no facto de quase todos os inquiridos considerarem que o portal conculha e encoraja a partilha e aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao que é publicado. Essa responsabilidade conduz, necessariamente, à qualidade dos recursos disponibilizados, na forma como são construídos, no respeito pelos direitos autorais, na observância das regras gráficas, visuais e outras.

Embora se verifique que há ainda arestas a limar, parece-nos que as redes concelhias estão no bom caminho no que diz respeito ao trabalho colaborativo, à partilha e à disponibilização da informação. A grande tarefa, parece-nos, consiste na transformação dessa informação em conhecimento, individual e coletivo.

5.2; 5.3; 5.4. 5.5. Ligação a páginas, blogues e redes sociais

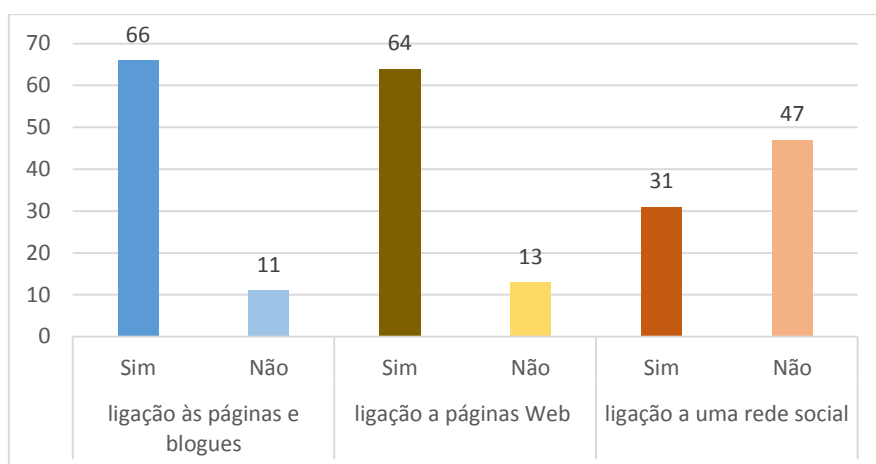


Gráfico 5.2 – Tipos de ligação do portal

O gráfico anterior representa os tipos de ligações que os portais disponibilizam. Assim, 84,6% estão ligados às páginas e blogues das bibliotecas da rede; 82,1% tem ligação a páginas Web de interesse pedagógico e público e 60,2% estão ligados a uma rede social. A rede social predominante apresentada pelos inquiridos é o *Facebook*, seguindo-se, com alguma distância, o *Twitter*. Nenhuma outra rede é referenciada.

Apesar de a grande maioria dos portais ter ligações às páginas e blogues das bibliotecas da rede, parece-nos que, ainda assim, a comunicação que se poderia estabelecer entre os diferentes parceiros fica aquém do desejável. Todas as bibliotecas integradas na rede deveriam ter ligação entre si, pois seria um fator facilitador da difusão da informação. A percentagem de portais com ligações a outras páginas é ligeiramente superior, mas, continuamos a considerar que não se rentabiliza idealmente o portal como um meio de comunicação ideal, aberto ao exterior. No que diz respeito à ligação a redes sociais, a realidade apresentada tem ainda um caráter mais redutor. Sem pretendermos imprimir nenhum cunho de subjetividade à nossa análise, mas ligando estes resultados com a nossa experiência no terreno, parece-nos existir algum preconceito no que respeita às redes sociais. Diz-nos, também a experiência que esse preconceito é mais visível nas bibliotecas municipais. Na era das redes e da comunicação, é urgente mudarem-se essas práticas, procurando que as bibliotecas procurem estar onde os seus utilizadores estão permanentemente, formando e não proibindo.

5.6. Integração de ferramentas da Web 2.0

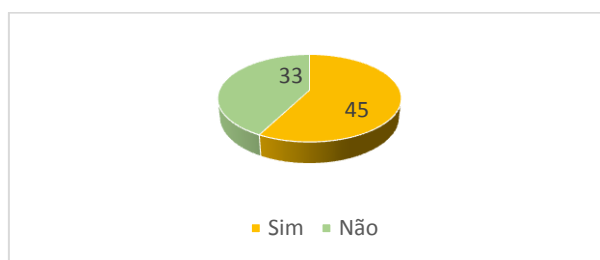


Gráfico 5.6 - O portal integra ferramentas da Web 2.0?

As respostas a esta questão indicam que 57% dos portais aos quais os participantes estão associados integram ferramentas da WEB 2.0.

5.7. Ferramentas integradas no portal

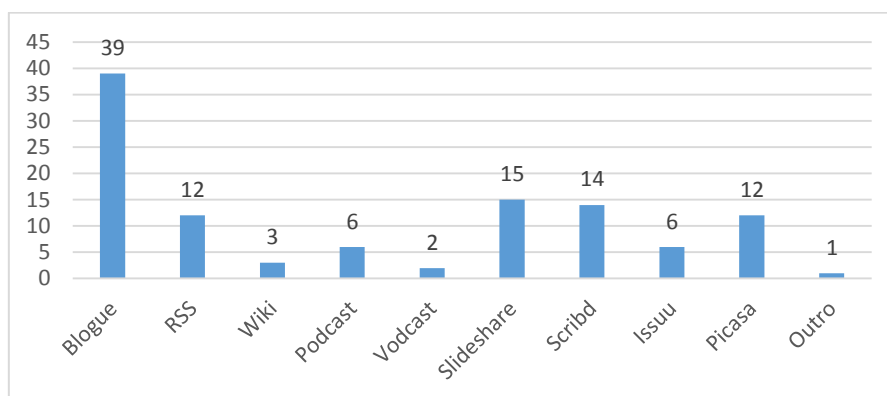


Gráfico 5.7 – Ferramentas integradas no portal

Verifica-se que as ferramentas mais utilizadas são o *Blogue*, *Slideshare*, *Scribd*, *Picassa* e *RSS*. Seis ou menos dos portais integram *Podcast*, *Issuu*, *Wiki* e *Vodcast*.

5.8. Tipo de ferramentas de desenvolvimento de conteúdos

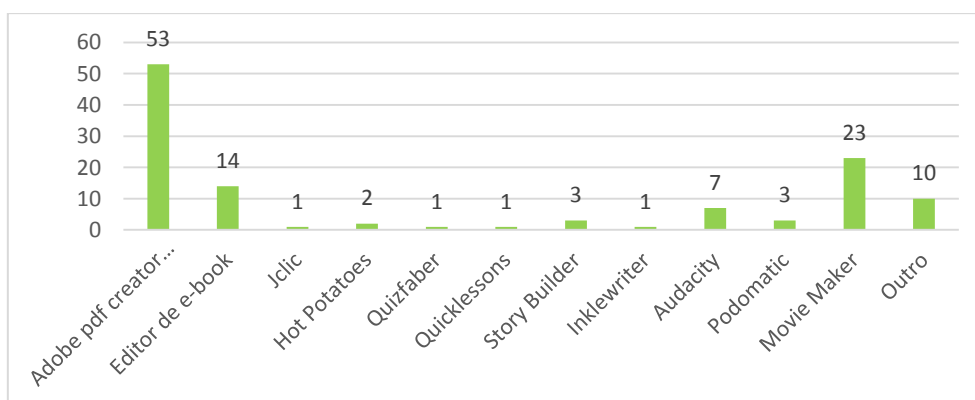


Gráfico 5.8 - Que ferramentas de desenvolvimento de conteúdos (online ou offline) utiliza na criação de objetos de informação para publicação no portal?

Relativamente às ferramentas de desenvolvimento de conteúdos, há uma clara predominância de utilizadores de *Adobe pdf creator* ou similar. De referir a baixa incidência de utilização de programas como *Jclíc*, *Quizfaber*, *Quicklessons* e *Inklewriter* com apenas um utilizador a escolher cada uma destas opções.

Optamos de novo por analisar estas questões em conjunto, por uma questão de coerência e de facilidade de análise. Vivendo em plena era da Web 2.0, presente em todas as esferas das nossas vidas, consideramos que a percentagem dos portais que utiliza ferramentas da Web 2.0 é ainda insatisfatória, tirando poucas vantagens das inúmeras possibilidades que estas ferramentas de partilha e colaboração disponibilizam, especialmente para uso em contexto educativo. A diversidade de recursos e ferramentas gratuitas existentes, na sua grande maioria de fácil acessibilidade e utilização, proporcionam boas estratégias de aprendizagem, de leitura e escrita criativa. Podemos, ainda concluir, que, embora exista uma cultura de digitalização, ainda não se assiste a uma cultura de produção de objetos de aprendizagem multimédia.

5.9. Medição do impacto

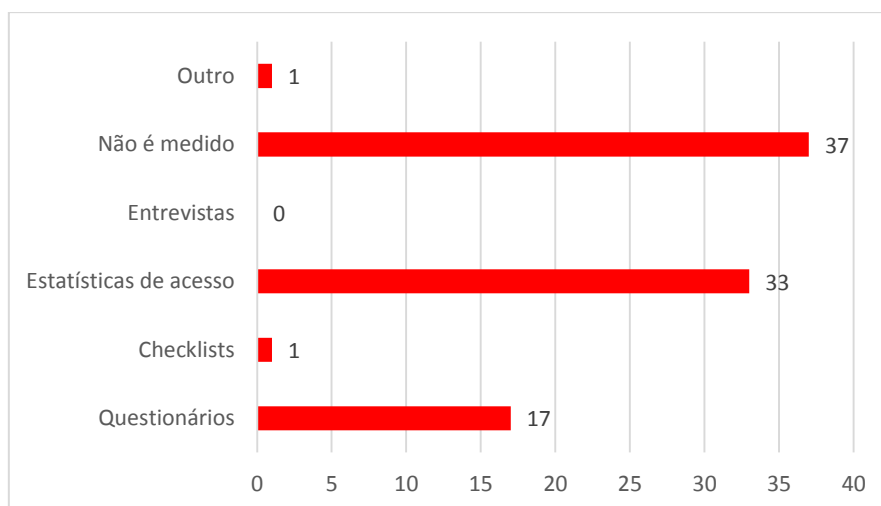


Gráfico 5.9 - A que instrumentos recorre para medir o impacto do portal nas escolas/bibliotecas municipais?

Uma percentagem considerável de inquiridos, 47%, refere não realizar qualquer medição do impacto que o portal exerce nos utentes das bibliotecas. A ferramenta mais utilizada por aqueles que medem este impacto são as estatísticas de acesso, com 33

inquiridos a referenciá-las, seguindo-se a utilização de questionários, usados por 21,7%, apenas 1 participante recorre a *checklists*.

Não é possível melhorar práticas sem uma avaliação baseada em evidências. Apesar de apenas 47% dos inquiridos não o fazer, não nos parece um número desencorajador num país em que a autoavaliação é ainda uma prática pouco comum e consistente. Mesmo as escolas iniciaram apenas muito recentemente o processo de autoavaliação. No entanto, este fator precisa de ser trabalhado para que as redes possam melhorar o seu desempenho.

6. Avaliação de satisfação

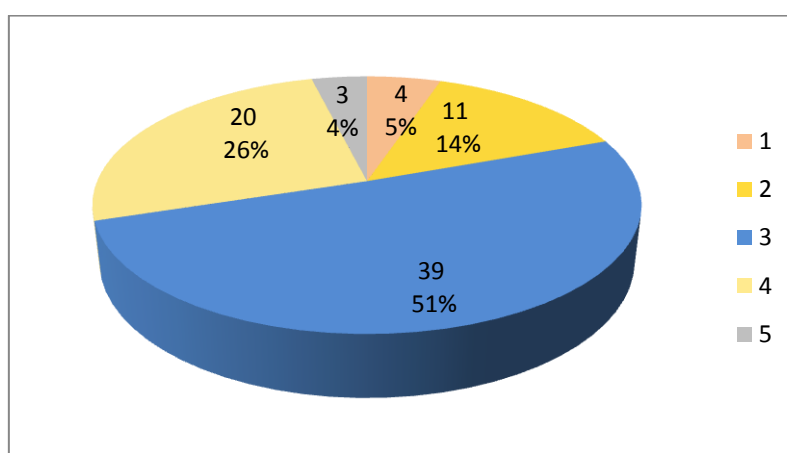


Gráfico 6 - Relativamente ao portal concelhio onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s), os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?

Pedi-se a classificação deste parâmetro utilizando uma escala de 1 a 5, em que 1 é o menos relevante e 5 o mais relevante. Da totalidade dos inquiridos, 39 participantes (51%) atribui uma relevância média a este parâmetro. Apenas 30% dos inquiridos considera este parâmetro relevante ou muito relevante.

Consideramos que o número de respondentes que refere estar satisfeito ou muito satisfeito com a prática da partilha está abaixo do que se esperava. É importante procurarmos as respostas para estas questões.

7. Sugira, no máximo de três novas funcionalidades a integrar no portal. Se não tiver sugestões passe para a questão seguinte.

Das sugestões apresentadas, há três predominantes referidas pela seguinte ordem de frequência:

1. Integração de ferramentas da Web 2.0
2. Requisições *online*
3. Integração nas redes sociais

Destas sugestões, podemos concluir que o facto de alguns portais não integrarem ferramentas da Web 2.0 e não estarem ligadas a redes sociais não é por falta de interesse ou de motivação dos elementos que integram a rede. Assim, seria importante averiguarmos fundamentadamente as razões destas inexistências. Pela nossa experiência e observadora participante, a ligação a redes sociais ainda é um fator de controvérsia, não por parte dos professores bibliotecários, mas pela parte de outras instituições que integram a rede. Relativamente ao fraco índice de integração de ferramentas da Web 2.0 no portal, consideramos, baseada na nossa experiência e observação, que se prende com a falta de recursos humanos para desenvolverem essas ferramentas, especialmente nas bibliotecas municipais. O ponto que refere a requisição *online* está ligado com a parte seguinte do questionário o catálogo coletivo *online*.

A PARTE IV DO QUESTIONÁRIO DESTINA-SE APENAS AOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECÁRIOS MUNICIPAIS

IV - CATÁLOGO COLETIVO

Na primeira questão da parte IV do questionário pede-se aos bibliotecários que classifiquem o seu grau de concordância em relação a diversas afirmações relativas ao interesse comum do catálogo coletivo. Como anteriormente, a análise de todos os itens que compõem este grupo será feita em conjunto, de forma a podermos relacionar melhor e com mais coerência a sequencialidade das respostas.

1.Fomento à leitura

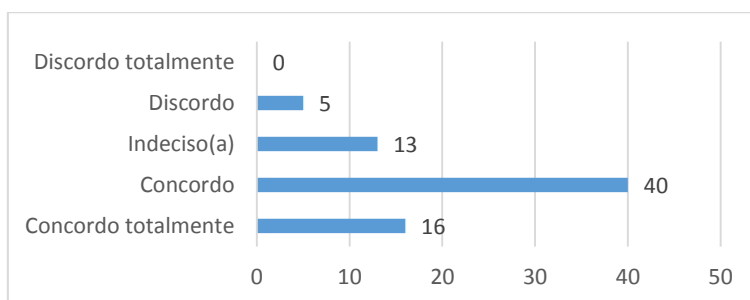


Gráfico 1.1 - Fomenta a leitura

Dos inquiridos, 71,7% concorda ou concorda totalmente com esta afirmação. Nenhum dos participantes discorda totalmente e apenas 5 discordam. Os restantes, 16,6%, não têm opinião formada acerca do papel do catálogo coletivo como fomentador de leitura.

▪ Acesso

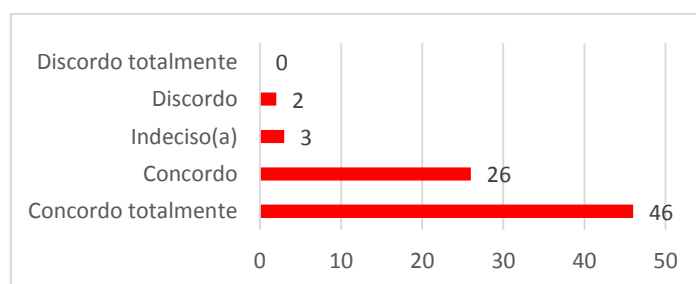


Gráfico 1.2 - Permite o acesso livre e permanente à informação

Relativamente ao acesso livre e permanente à informação, verifica-se um maior grau de concordância, com 92,3% dos bibliotecários a concordarem ou concordarem totalmente com a afirmação apresentada. Apenas 2 participantes discordam e 3 sentem-se indecisos relativamente a esta permissão de acesso.

▪Economia de tempo.

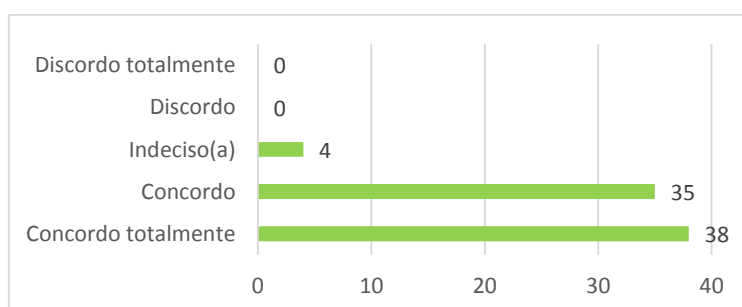


Gráfico 1.3 - Permite a economia de tempo

A economia de tempo é valorizada por 93,5% dos inquiridos. Apenas 4 participantes se revelam indecisos, e nenhum revela qualquer grau de discordância relativamente a esta afirmação.

•Valorização do trabalho em rede

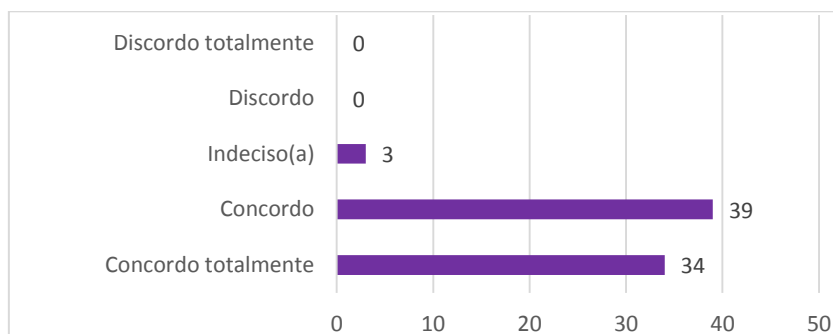


Gráfico 1.4 - Valoriza o trabalho em rede

A valorização do trabalho em rede não apresenta qualquer grau de discordância por parte dos inquiridos. Apenas 3 não têm uma opinião formada e 73 dos 76 que respondem a questão concordam ou concordam completamente com a afirmação.

•Oferta de recursos

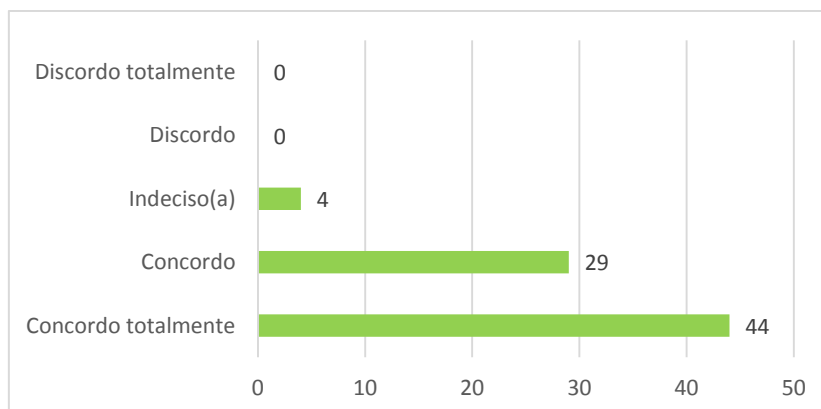


Gráfico 1.5 - Disponibiliza uma maior oferta de recursos aos utilizadores

Quase todos os inquiridos, 94,8%, respondem que concordam ou concordam totalmente com a afirmação apresentada. Nenhum revela qualquer grau de discordância e apenas 3 se mostram indecisos.

▪Perda do controlo e da propriedade dos catálogos individuais

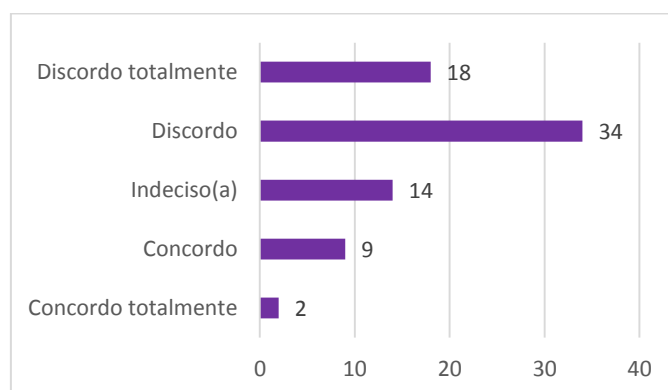


Gráfico 1.6 - Dificulta o respeito pela propriedade e controlo dos catálogos de cada biblioteca

A maioria dos inquiridos não vê o catálogo coletivo como uma ameaça à perda da propriedade e do controlo dos catálogos de cada biblioteca, uma vez que 67,5% dos participantes discorda ou discorda totalmente da afirmação apresentada. Dos restantes inquiridos, 14 não têm opinião formada e 11 concordam ou concordam totalmente.

▪Aumento do nº requisições

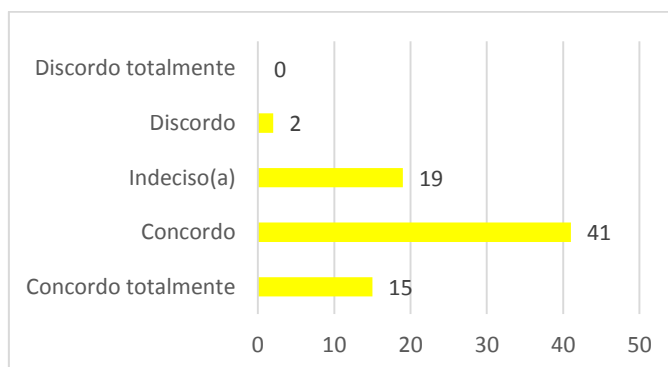


Gráfico 1.7 - Potencia o aumento de requisições domiciliárias

Dos bibliotecários que responderam a esta questão, 72,7% concorda ou concorda totalmente com o papel potenciador do catálogo coletivo no aumento do nº de requisições domiciliárias. Apenas 2 inquiridos discordam da afirmação, 19 não têm opinião formada sobre a questão em causa e nenhum discorda totalmente.

•Ferramenta pedagógica colaborativa *online*

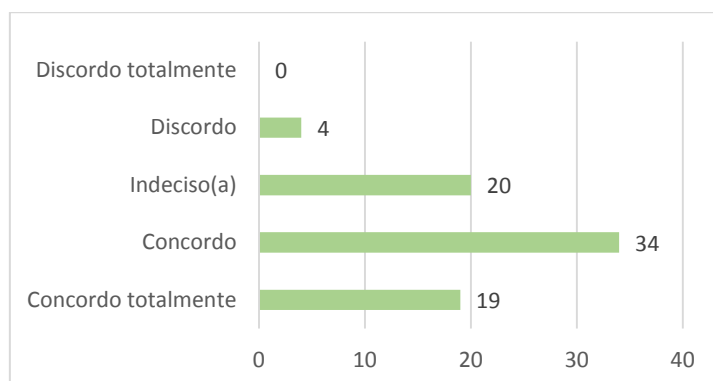


Gráfico 1.8 - Constitui-se como uma ferramenta pedagógica que facilita a criação de espaços colaborativos *online*

Relativamente a esta afirmação, verifica-se que nenhum dos inquiridos discorda totalmente e apenas 4 discordam. De salientar que 20 dos participantes não têm opinião definida desta funcionalidade do catálogo e 68,8% vê o catálogo coletivo como uma ferramenta pedagógica que facilita a criação de espaços colaborativos *online*.

•Facilitador da aprendizagem

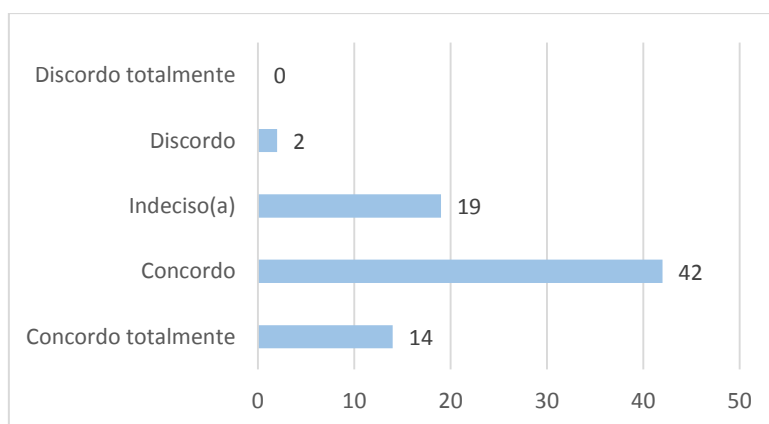


Gráfico 1.9 - Favorece a aprendizagem

Nenhum participante discorda totalmente do papel do catálogo coletivo como ferramenta facilitadora da aprendizagem. A maioria dos inquiridos, 54,5% concorda com esse papel facilitador e 18,8% concorda totalmente. Dos restantes, 2 discordam da afirmação apresentada e 19 não têm opinião formada.

▪Ligação ao currículo

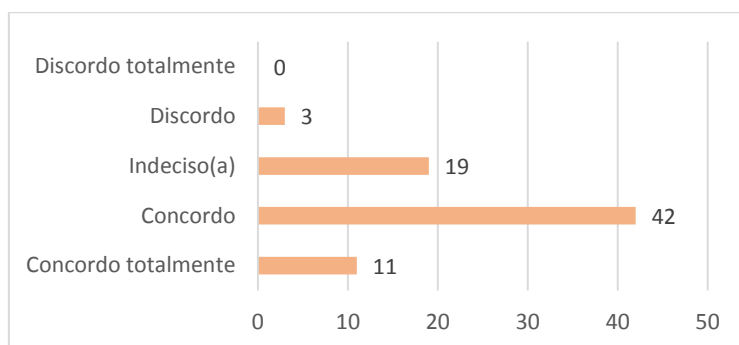


Gráfico 1.10 - Permite a ligação ao currículo

Verifica-se nesta questão uma posição por parte dos participantes muito semelhante à questão anterior. Nenhum discorda totalmente e apenas 3 discordam do papel do catálogo na ligação ao currículo. Tal como na questão anterior, 19 inquiridos não têm opinião definida e 70,6% dos 75 participantes que respondem a esta questão concordam ou concordam totalmente com a afirmação.

▪Empréstimo interbibliotecas

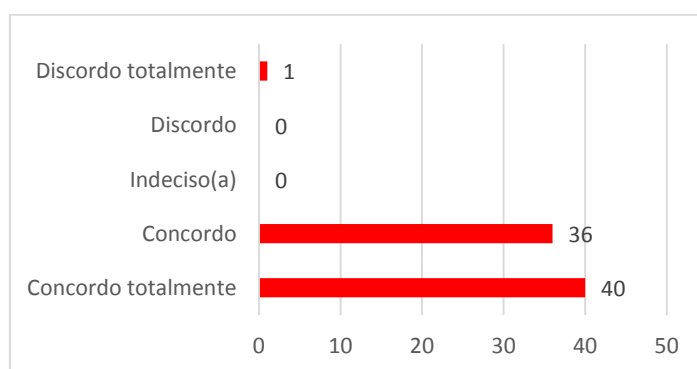


Gráfico 1.11 - Facilita o empréstimo interbibliotecas

Do total dos inquiridos, 98,7% concorda ou concorda totalmente com o papel facilitador do catálogo coletivo relativamente ao empréstimo interbibliotecas. Apenas um participante discorda totalmente desta afirmação, nenhum discorda ou se sente indeciso relativamente à mesma.

▪Catalogação coletiva

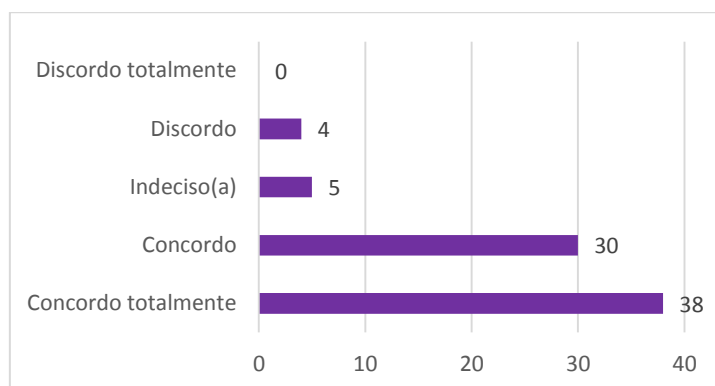


Gráfico 1.12 - Potencia uma catalogação cooperativa

A grande maioria dos inquiridos, 88,3 % reconhece a vantagem de um catálogo coletivo na catalogação cooperativa. Apenas 4 dos inquiridos discorda dessa vantagem, 5 não têm opinião sobre o assunto e nenhum discorda totalmente.

▪Não garante a uniformidade de critérios biblioteconômicos

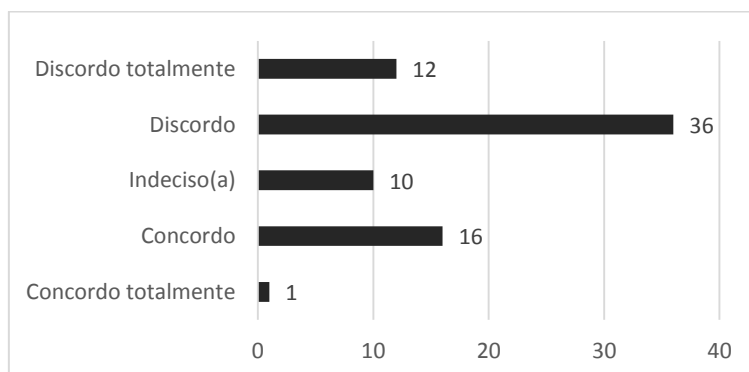


Gráfico 1.13 - Não garante a uniformidade de critérios biblioteconômicos

A maioria dos 75 participantes, 64%, discorda desta afirmação. Dos restantes inquiridos, 10 participantes não têm opinião definida e 17 concordam totalmente ou concordam com esta afirmação.

•Responsabilidade da biblioteca no tratamento da informação

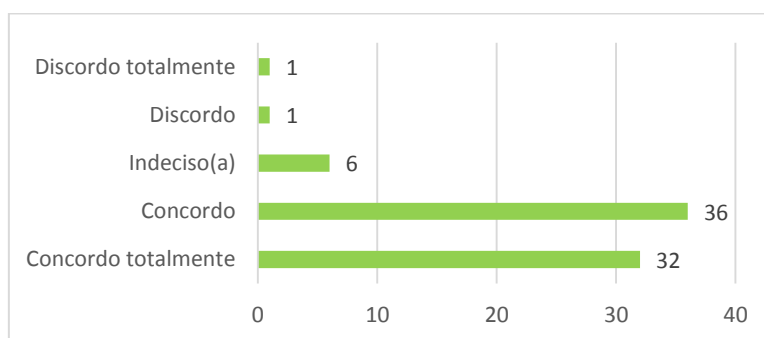


Gráfico 1.14 - Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao tratamento da informação e dos recursos documentais

Do total dos inquiridos, 89,4% considera que o catálogo coletivo *online* aumenta a responsabilidade das bibliotecas no tratamento da informação e dos recursos documentais. Apenas 2 respondentes não consideram esse facto relevante para uma responsabilidade acrescida no tratamento dos recursos de informação e 6 não têm opinião sobre o assunto.

Comparativamente ao portal concelhio, o catálogo coletivo é considerado pelos bibliotecários municipais e das escolas como uma ferramenta de valor acrescentado em muitos aspetos. A grande maioria dos inquiridos reconhece a vantagem da existência de um catálogo coletivo para uma catalogação coletiva, fator de economia de tempo, também reconhecido por muitos dos respondentes. Quase todos consideram que a existência de um catálogo coletivo potencia o trabalho em rede, facilita o empréstimo interbibliotecário e permite o acesso livre e permanente à informação e a outros recursos. Este grau de satisfação elevado não é partilhado por tantos inquiridos no que diz respeito ao fomento da leitura, à ligação ao currículo e à aprendizagem. Estando estes três pontos interligados – leitura, currículo e aprendizagem – verifica-se coerência nas respostas apresentadas. Relativamente às questões referentes à uniformidade de critérios biblioteconómicos e à dificuldade em respeitar a propriedade e controlo dos catálogos individuais de cada biblioteca, verificaram-se resultados semelhantes, indicando que alguns bibliotecários ainda não concebem o catálogo coletivo como um instrumento comum.

2. Utilização do catálogo em contexto educativo

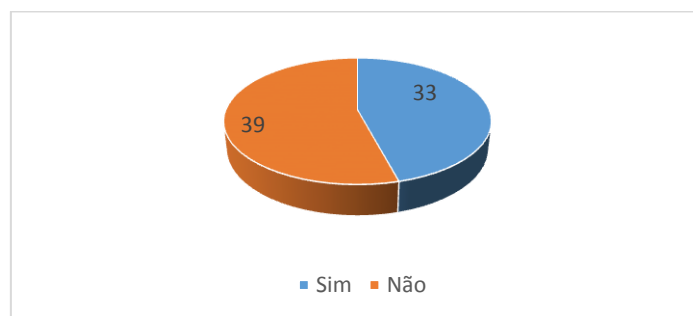


Gráfico 2 - O catálogo coletivo é utilizado como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0 em contexto letivo?

Dos 72 bibliotecários que respondem a esta questão, 54,2% utiliza o catálogo como ferramenta pedagógica da Web 2.0.

•Ferramentas utilizadas

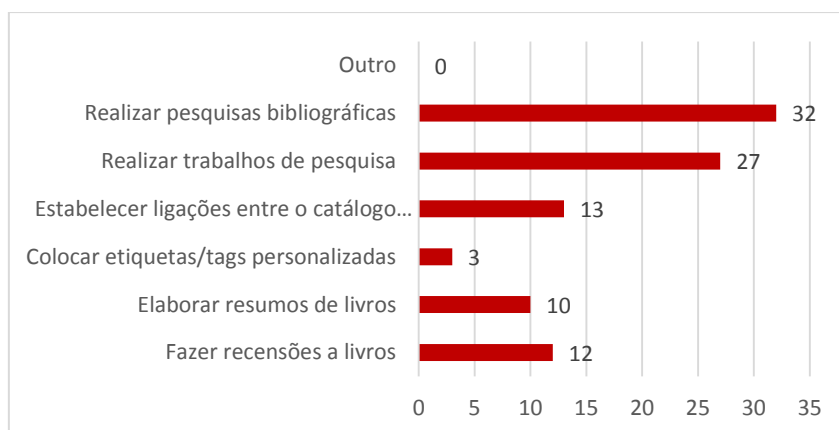


Gráfico 2.1 - Se respondeu Sim, selecione uma ou mais opções da seguinte lista

O catálogo coletivo é utilizado principalmente para realizar pesquisas bibliográficas e realizar trabalhos de pesquisa. De notar que apenas 3 inquiridos utilizam o catalogo para colocar etiquetas ou *tags*. A elaboração de resumos e de resenções é outra funcionalidade utilizada.

Consideramos que já existe uma perceção por parte dos professores bibliotecários e dos bibliotecários municipais das potencialidades do catálogo coletivo que vão para além da pesquisa e podem ser utilizadas, quer em contexto de aula, quer para a realização de trabalhos individuais.

3. Formação do utilizador

Pediu-se, em seguida aos inquiridos que avaliem a forma como as suas bibliotecas dinamizam sessões de formação em pesquisa, recuperação e seleção de informação.

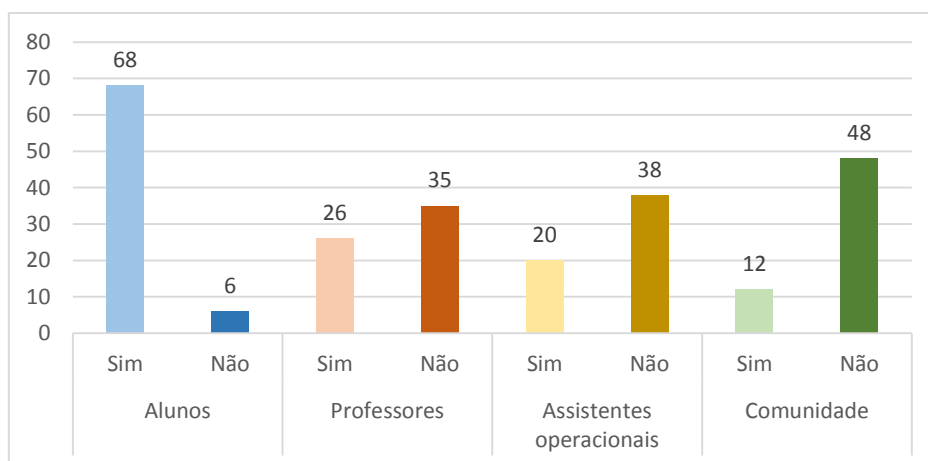


Gráfico 3.1 - A sua biblioteca dinamiza sessões de formação em pesquisa, recuperação e seleção de informação.

A partir do gráfico que traduz os resultados das respostas, os alunos destacam-se como recetores privilegiados de informação em pesquisa, recuperação e seleção da informação, revelando uma preocupação do professor bibliotecário no desenvolvimento das literacias de informação dos alunos. Embora em menor grau, os professores e assistentes operacionais também recebem formação nesse âmbito, facto que a investigadora conhece de perto, porque já disponibilizou algumas sessões em diversas escolas. Pensamos que, se ainda há muito a fazer nesta área na biblioteca escolar, a biblioteca municipal tem, também, um longo percurso a percorrer no que respeita à formação neste âmbito para a comunidade.

• Documentos de apoio à pesquisa

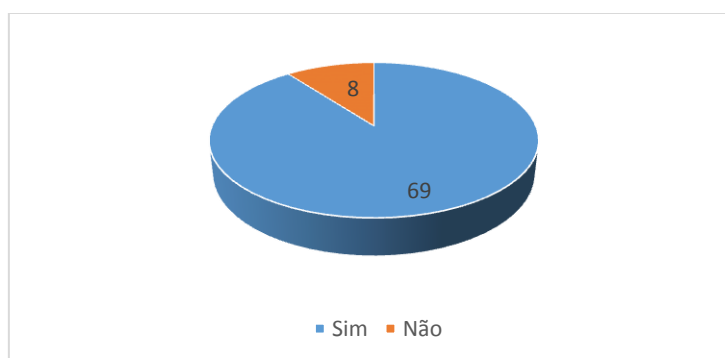


Gráfico 3.2 - A sua biblioteca disponibiliza documentos para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação.

Relativamente a esta questão, 89,6% dos inquiridos refere que as suas bibliotecas disponibilizam documentos de apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação. No gráfico 3.3 podemos ver quais os tipos mais utilizados.

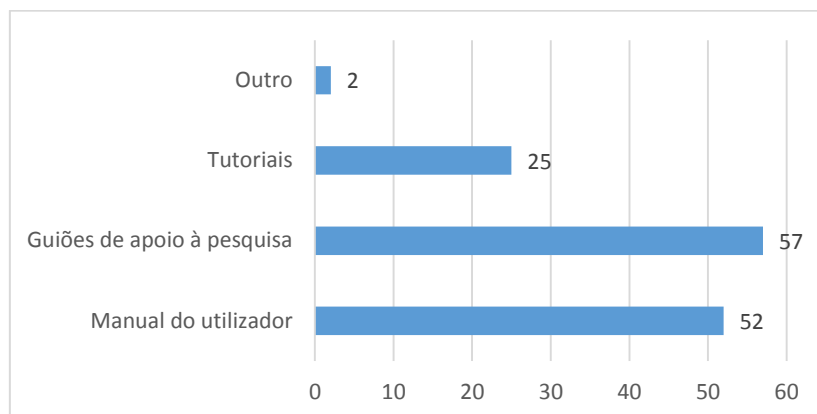


Gráfico 3.3 - Documentos para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação.

A grande maioria dos inquiridos disponibiliza para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação, o manual de utilizador e o guião de apoio à pesquisa. Os tutoriais são utilizados por 25 dos respondentes.

A preocupação com a formação dos alunos na pesquisa, recuperação, seleção e avaliação da informação tem vindo a crescer gradualmente. Constata-se essa realidade essencialmente nas bibliotecas escolares, mas já existem bibliotecas municipais que disponibilizam apoio nesse processo e documentos orientadores. A formação dos alunos nas literacias, onde se inclui todo o processo de pesquisa, é uma necessidade fulcral na sociedade do séc. XXI envolvida num nevoeiro informacional

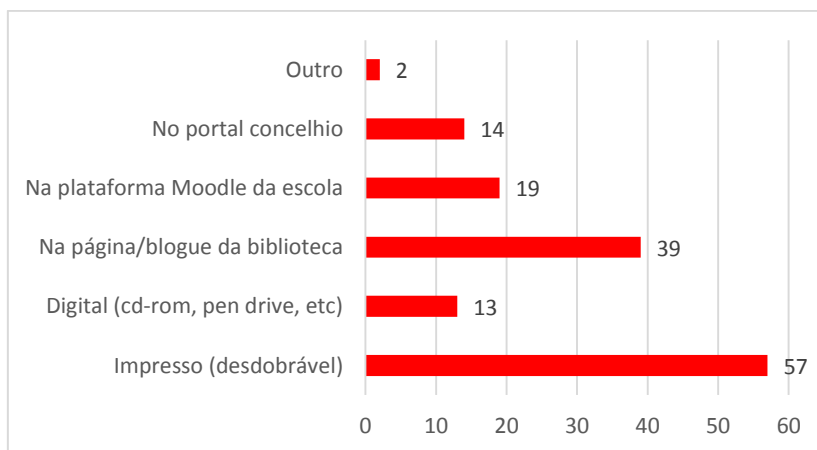


Gráfico 3.4 - Indique a (s) forma (s) como esses documentos são disponibilizados

Relativamente ao meio de disponibilização dos documentos referidos na questão anterior, verifica-se um claro destaque para o impresso ou desdobrável, seguido pela disponibilização dos blogues e páginas das bibliotecas. Nota-se ainda uma reduzida taxa de utilização de suportes digitais, da plataforma *Moodle* ou do portal concelhio para a divulgação de documentos.

Constatamos que o impresso ainda predomina em muitas bibliotecas, mas muito se tem evoluído nesse sentido nas bibliotecas escolares, verificando-se que em muitas delas o digital e o impresso se conjugam, existindo já bibliotecas escolares em que o uso de recursos digitais ultrapassa o uso dos recursos físicos. Parece-nos, pela observação direta que vamos fazendo no trabalho de terreno, que muitas bibliotecas municipais ainda não deram o salto para uma biblioteca 2.0.

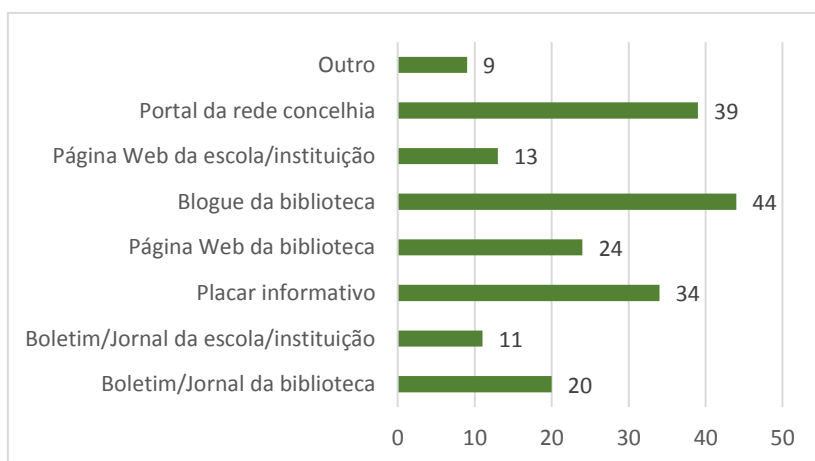


Gráfico 3.5 – Instrumento (s) de divulgação das novidades do catálogo coletivo

Relativamente aos meios de divulgação das novidades do catálogo, notamos um claro destaque para o blogue da biblioteca, o portal da rede concelhia e o placar informativo. Os meios de divulgação menos utilizados são os boletins ou jornais e a página Web da escola ou instituição a que a biblioteca pertence.

Consideramos que as respostas traduzem fielmente a realidade. Os boletins das bibliotecas escolares, maioritariamente em formato digital, têm vindo a impor-se como meio de divulgação de atividades, notícias e sugestões. A qualidade também tem vindo

a melhorar e, por isso, acreditamos que se tornará um bom meio de divulgação junto da comunidade escolar.

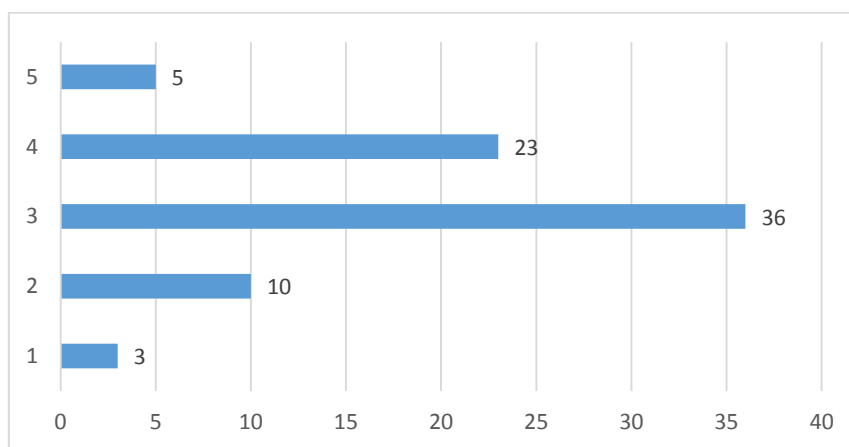


Gráfico 4 - Relativamente ao catálogo coletivo concelhio/interconcelhio os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?

•Grau de satisfação

Pedi-se nesta questão que os intervenientes usassem a escala numérica de 1 a 5, sendo que 1 é o menos relevante e 5 o mais relevante. Nota-se uma dificuldade clara na avaliação da relevância deste parâmetro. Dos 77 inquiridos que respondem a esta questão 46,7 % classifica-a no ponto mediano de 3. Relativamente às restantes classes verifica-se que 36,3% classifica os resultados nas classes de relevância superior, sendo que desses apenas 6,4% atribuem a classificação máxima de 5.

Comparando as respostas dadas nesta questão com algumas das respostas apresentadas na parte IV, referente ao catálogo coletivo, poderemos inferir que os médios índices de satisfação aqui apresentados poderão corresponder às questões que menos valorizaram o catálogo na parte referida e que se prendiam com o incentivo à leitura, a ligação ao currículo e à aprendizagem.

5. Sugira, no máximo de três, novas funcionalidades que gostaria de ver associadas ao catálogo coletivo.

Das sugestões apontadas, essas ferramentas já constam do catálogo, o que revela falta de informação sobre as potencialidades do mesmo, o que remete para a necessidade urgente de formação na utilização do catálogo como ferramenta pedagógica da Web 2.0.

Capítulo VI – Considerações finais

6.1. Conclusões

Com este estudo pretendemos avaliar as redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas, um objeto de investigação muito pouco estudado em Portugal, em virtude da sua criação ter uma história recente no nosso país.

Trata-se de um estudo de paradigma descritivo, uma vez que pretende descrever para posterior interpretação, análise e reflexão as redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas formalmente constituídas. Como instrumento principal da recolha de dados recorreu-se a um inquérito por questionário por considerarmos o instrumento mais adequado ao tipo de estudo realizado.

Ao longo da análise dos resultados, fomos tecendo considerações, fazendo inferências, apresentando justificações para alguns resultados suportadas na revisão da literatura feita para este estudo e, pontualmente, na experiência profissional da investigadora, enquanto participante ativa destas redes. No entanto, cumpre-nos sintetizar algumas conclusões sobre a investigação levada a cabo, de acordo com os objetivos traçados para a realização da mesma.

Assim, a primeira conclusão a retirar do estudo consiste na certeza de que a formação contínua e especializada realizada pelos professores bibliotecários, essencialmente nas áreas das TIC e das literacias, se revelaram fundamentais nas práticas desenvolvidas nas bibliotecas, uma vez que a quase totalidade dos inquiridos são imigrantes digitais. Além disso, a experiência na função é outro aspeto relevante, indicador de alguma estabilidade na coordenação da biblioteca escolar.

Relativamente ao segundo objetivo traçado, que consistia na caracterização das redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas, no que diz respeito à respetiva conceção, atualização e dinamização, apesar de alguns constrangimentos detetados, verificados pela análise dos dados, a criação de redes de bibliotecas foi um processo inovador e indutor de mudança, quer nas bibliotecas escolares, quer nas bibliotecas municipais, sendo essencial o crescimento sustentado das mesmas. O facto de se partilharem práticas e recursos, e de se desenvolverem estratégias de trabalho colaborativo cria sinergias propícias à mudança. Relativamente à atitude da rede, entendendo-se, neste contexto, uma rede de pessoas ligadas por objetivos comuns, com uma missão comum – promover as literacias: da leitura, da informação, digitais e dos media, essenciais ao desenvolvimento pessoal e profissional de uma comunidade,

constatamos que, face aos resultados obtidos através do questionário, algumas redes são verdadeiras comunidades de prática. Para Wenger (2006), *comunidades de prática são grupos de pessoas que partilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem a fazer melhor quando interagem regularmente*. Acreditamos que as redes concelhias tendem a crescer como verdadeiras comunidades de práticas-“*practioners*”-, segundo o mesmo autor, que partilham a identidade da rede, desenvolvem um conjunto partilhado de recursos e de ferramentas, em suma, que comungam a mesma prática.

Na realidade, os recursos humanos constituem o aspeto mais importante para o sucesso de uma rede, embora suportada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

Porém, não podemos concluir esta reflexão sem apresentar alguns pontos fracos verificados pela análise dos resultados e que se prendem com os dois últimos objetivos traçados para a realização deste estudo. O primeiro prende-se com a caracterização do portal concelhio, das respetivas funcionalidades e das ferramentas integradas numa plataforma agregadora de conteúdos, de recursos e de pessoas. O segundo objetivo tem a ver com o conhecimento e a utilização do catálogo coletivo como ferramenta pedagógica da Web 2.0.

Relativamente à rentabilização do portal, para muitos dos participantes deste estudo, aquele limita-se quase a uma montra de divulgação de atividades, de notícias e de eventos, não havendo a preocupação de o alimentar com recursos digitais de valor pedagógico, tirando partido das potencialidades da panóplia de tecnologias da Web 2.0. No entanto, a grande maioria dos intervenientes no estudo, considera que o portal é importante porque dá visibilidade à rede e cria uma responsabilidade acrescida às bibliotecas na publicação de recursos com qualidade.

Relativamente ao uso do catálogo coletivo, verificamos que este não é rentabilizado como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0. Para muitos dos intervenientes neste estudo, a única funcionalidade do catálogo conhecida e/ou usada, consiste no seu acesso *online*, não explorando as outras potencialidades já referidas, tais como a colocação de “*tags*”, a elaboração de comentários e recensões de livros ou de outros recursos, e a possibilidade da ligação do catálogo a outros sites e páginas Web que podem disponibilizar mais informações relacionadas com o autor, a obra, ou o assunto em estudo. Paradoxalmente, quase todos os inquiridos consideram o catálogo uma ferramenta importante com imensas mais-valias. No entanto, estamos conscientes

de que muito há ainda a fazer para potenciar este instrumento ao serviço da leitura e da aprendizagem.

Apesar de algumas limitações, acreditamos que os objetivos do nosso estudo foram globalmente atingidos. Detetadas as ameaças que podem fragilizar o crescimento sustentado das redes, esta investigação poderá ser útil para melhorar os pontos fracos e consolidar as boas práticas verificadas.

Por conseguinte, o trabalho futuro na perspetiva da RBE poderá passar pela elaboração de um manual de boas práticas no sentido de maximizar as potencialidades destas redes de colaboração, impulsionando as comunidades de práticas e minimizando eventuais constrições. Na perspetiva da investigadora, poderá passar pela apresentação de um plano de projeto e sua concretização, após autorização, no âmbito de uma rede que coordena, com vista a impulsionar o uso das ferramentas da Web 2.0 (e Web 3.0) que possam expandir as funcionalidades disponíveis no portal e no catálogo.

6.2. Limitações do estudo

Uma das limitações do estudo relacionou-se com a quase inexistência de estudos em Portugal nesta área, o que não nos permitiu partir para a investigação com um conhecimento mais profundo do tema, nem nos foi possível avaliar se tem havido alguma evolução no desenvolvimento e consolidação destas redes de bibliotecas. Outra limitação prendeu-se com o facto de a investigadora não poder dedicar-se exclusivamente a este estudo, quer pela falta de tempo para tal, quer pela dispersão geográfica das redes.

6.3. Sugestões para futuras investigações

Conscientes de que este estudo não se esgota aqui, para um conhecimento mais profundo do funcionamento das redes concelhias e interconcelhias de bibliotecas escolares, sugerimos um estudo comparativo entre um grupo de redes concelhias que use diversos instrumentos de recolha de dados, aplicados em diferentes momentos, tais como entrevistas e grelhas de observação, a fim de se implementar um processo de melhoria das fragilidades detetadas e observar o respetivo desenvolvimento.

Referências

- Partnership for 21st Century Skills*. (2009). Obtido em 26 de Novembro de 2012, de Above & Beyond. The Story of the 4 Cs: <http://www.p21.org/tools-and-resources/abovebeyond4cs>
- Alvim, L. (2007). Blogues e Bibliotecas: construir redes na Web 2.0. *Cadernos BAD*, p. 44.
- Asla - American School Library AssociationAsla. (2007). *Standards for the 21st learner*. Obtido em 6 de 12 de 2012, de ASLA: http://www.ala.org/aasl/sites/ala.org.aasl/files/content/guidelinesandstandards/learningstandards/AASL_LearningStandards.pdf
- Azuma, R. T. (4 de Agosto de 1997). A Survey of Augmented Reality. *In Presence: Teleoperators and Virtual Environments*, 6, pp. 355-385.
- Barabási, A. L. (2002). *Linked. The New Science of Networks*. Cambridge, Massachusetts: Perseus Publishing.
- Baran, P. (1964: 1,2,3). *On Distributed Communications: I Introduction to Distributed Communications Networks*. in Memorandum RM-3420-PR. Santa Monica: The Rand Corporation.
- Bell, J. (2004a, p.19). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bell, J. (2004b, p.118). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bouchard, P. (2011). Las promesas de la red y sus implicaciones. Em : El impacto da las redes sociales en la enseñanza y el aprendizaje. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)*, pp. Vol. 8; pp. 272-287. Disponível em <http://rusc.uoc.edu/ojs/index.php/rusc/article/view/v8n1-bouchard/v8n1-bouchard>. Consultado em 14 de março de 2013.
- Calçada, T. (20 de Maio de 2008). *Bibliotecas Escolares, Bibliotecas Públicas: parceria ou partilha?* Obtido em 14 de Dezembro de 2012, de DGLB-Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas: http://rcbp.dglb.pt/pt/noticias/Documents/Intervencao_TeresaCalcada.pdf
- Calixto, J. A. (1996, 69). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação*. Lisboa: Caminho.
- Canário et al., R. (1994:22). *Mediatecas Escolares: Génese e Desenvolvimento de uma Inovação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008a, p.231). *Metodologia da Investigação. guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008b, pp. 153-164). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008c, p.231). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Casey, M. (21 de Outubro de 2005). *LibraryCrunch*. Obtido em 23 de 11 de 2012, de Working Towards a Definition of Library 2.0:
http://www.librarycrunch.com/2005/10/working_towards_a_definition_o.html
- Casey, M., & Savastinuk, L. (21 de Maio de 2010). *Library Journal*. Obtido em 23 de Novembro de 2012, de Library 2.0:
<http://lj.libraryjournal.com/2010/05/technology/library-2-0/>
- Castells, M. (2005: 606-607). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2007:19). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Conde, E. (2006, p.15). *A integração das TIC na biblioteca escolar*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Costa (coord.) et al., F. (2009, p.28). *Avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.
- Costa (coord.) et al., F. (2009a:141-142). *Avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.
- Das, L. H. (2008). *Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho*. Obtido em 5 de 12 de 2012, de Newsletter RBE, nº3:
http://www.rbe.mec.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0005.htm
- Davis, M. (Outubro de 2008). *Semantic Wave 2008 Report*. Obtido em 17 de Dezembro de 2012, de Project 10 X's:
http://www.eurolibnet.eu/files/REPOSITORY/20090507165103_SemanticWaveReport2008.pdf
- D'Oliveira, T. (2007, p.15). *Teses e Dissertações : Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: RH Editora.
- Drucker, P. F. (2001). *Management Challenges for the 21st Century*. New York: HarperCollins.

- Eisenberg, M., & Miller, D. (2002). This man wants to change your job. *School Library Journal*, v. 48 nº 9 46-50. acedido em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA240047.html> em 27.Novembro 2012.
- Franco, A. (2012). *Escola de Redes*. Obtido em 10 de dezembro de 2012, de Como tecer redes?: <http://escoladeredes.net/>
- Garcia, C. S. (2009). La Biblioteca 2.0: de la Biblioteca Expositiva a la Biblioteca Interactiva. *II Conferência Internacional. Bibliotecas para a Vida II* (pp. 399-413). Évora: Colibri/Biblioteca Pública de Évora.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993, p.2). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Gonçalves, V. (2007). *A Web Semântica no Contexto Educativo. Um sistema para recuperação de objectos de aprendizagem baseado nas tecnologias para a Web Semântica, para o e-Learning e para os agentes*. Bragança: Dissertação de Doutoramento: Instituto Politécnico de Bragança. Obtido em 14 de Dezembro de 2012, de Biblioteca Digital IPB: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/620/1/tese_phd_vg.pdf.
- Gonçalves, V., & Carrapatoso, E. (Setembro de 2006a). Rumo a uma Web mais inteligente. *Eduser*, p. 205.
- Gonçalves, V., & Carrapatoso, E. (Setembro de 2006b). Rumo a uma Web mais inteligente. *EduSer nº 2*, p. 206.
- Henri, J. (2001). Proceedings of the fifth international forum on research in school librarianship. *Thinking and informing: a reality check on class teachers and teacher librarians* (pp. 119-128). Seattle, Washington: IasI: P. Hughes & L. Selby.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005a, p.84). *Investigação por questionário. 2ª edição revista e corrigida*. Lisboa: Sílabo.
- IFLA/UNESCO. (1994). *Manifesto para a Biblioteca Pública*. Obtido em 9 de Dezembro de 2012, de IFLA: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>
- IFLA/UNESCO. (1999a). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Rede de Bibliotecas Escolares.
- IFLA/UNESCO. (1999b). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.
- IFLA/UNESCO. (1999c). *Manifesto da IFLA/ UNESCO da Biblioteca Escolar*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.

- King, D. L. (24 de Agosto de 2007). *David Lee King*. Obtido em 23 de Novembro de 2012, de Library 2.0 Ripples - Another Go at the Graph:
<http://www.davidleeking.com/2007/08/24/library-20-ripples-another-go-at-the-graph/#.Ua4zV0BvNsd>
- Kruk, S. R., & McDaniel, B. (2010:58). *Semantic Digital Libraries*. Galway-Ireland: Springer.
- Kuhlthau, C. (9-12 de julho de 2001). *Rethinking Libraries for the Information Age School: Vital Roles in Inquiry Learning*. Obtido em 6 de 12 de 2012, de IASL:
<http://www.iasl-online.org/events/conf/keynote-kuhlthau2001>.
- Kuhlthau, C. (3-7 de julho de 2006). *Information literacy through guided inquiry: Preparing students for the 21st century*. Obtido em 6 de 12 de 2012, de IASL:
<http://www.iasl-online.org/events/conf/2006/conference2006-speakers.html>
- Lengel, J. G. (2012). *Education 3.0: Seven Steps to Better Schools*. New York: Teachers College Press.
- Maness, J. M. (19 de Junho de 2006). *Webology, Vol.3, Number 2*. Obtido em 23 de 11 de 2012, de Library 2.0 Theory: Web 2.0 and its implications for Libraries:
 Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries
- Ministério da Educação e Ciência. (20 de 11 de 2012). *Aprender com a biblioteca escolar [em linha]*. Obtido em 5 de 12 de 2012, de Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares: <http://www.rbe.mec.pt/np4/681.html>
- Monteiro, M. (2012). Tecnológicas avançam ara a internacionalização. *Diário Económico (Suplemento)*, iv.
- Moura, A., & Carvalho, A. A. (14-16 de 2007). Aprender Línguas Estrangeiras no Second Life:Reações dos Alunos ao Ambiente. *Actas do Simpósio Internacional de Informática Educativa* (pp. 14-16). Porto - ESE-IPB:
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7151/1/Moura%26Carvalho-SIIE-2007.pdf>.
- NCLIS. (2008). *School Libraries Work!* Obtido em 6 de 12 de 2012, de NCLIS:
http://www.scholastic.com/content/collateral_resources/pdf/s/slw3_2008.pdf
- Nunes, M. B. (2008). *Novas coleções e novas formas de acsso à informação na biblioteca escolar*. Obtido em 2 de Dezembro de 2012, de Rede d Bibliotecas Escolares. Newsletter Nº 3:
http://www.rbe.mec.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0056.htm

- O'Reilly, T. (7 de Julho de 2005). *O'Reilly Xml.com*. Obtido em 23 de 11 de 2012, de Is Web 2.0 Killing the Semantic Web?:
http://www.oreillynet.com/xml/blog/2005/10/is_web_20_killing_the_semantic.html
- O'Reilly, T. (30 de 09 de 2005a). *What is Web 2.0?* Obtido em 23 de 11 de 2012, de O'Reilly Spreading the knowledge of innovaters:
<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>
- O'Reilly, T. (30 de 09 de 2005b). *What is Web 2.0? Design Patterns and Business Models for the Next Generation*. Obtido em 23 de 11 de 2012, de O'Reilly Spreading the knowledge of Innovators:
<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>
- Pereira, A. (2007). *A Escola e o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares .Um estudo sobre os processos de desenvolvimento das bibliotecas integradas na RBE. Tese de Mestrado*. Lisboa: Repositório Digital da Universidade Aberta.
<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/575/1/LC346.pdf> . Obtido em 3 de Março de 2013.
- Ponte, J. P. (1997:59). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto.
- Prensky, M. (5 de Outubro de 2001). *On the Horizon - MCB University Press*. Obtido em 23 de Novembro de 2012, de Digital Natives, Digital Immigrants:
<http://pt.scribd.com/doc/9799/Prensky-Digital-Natives-Digital-Immigrants-Part1>
- Quivy, R., & Van, C. L. (2005, p.189). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RBE. (31 de Janeiro de 2011). *Programa para a criação de catálogos colectivos*. Obtido em 3 de 11 de 2012, de Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares. Portal RBE:
http://www.rbe.mec.pt/np4/file/88/PCCRBE_programa.pdf
- RBE. (15 de Maio de 2013). *Guião abreviado para edição em Joomla*. Obtido em 16 de Maio de 2013, de RBE: <http://www.rbe.mec.pt/np4/913.html>
- RBE. (15 de Maio de 2013). *Redes de Bibliotecas e Catálogos Coletivos. Instalação. Admnnistração. Utilização*. Obtido em 16 de Maio de 2013, de RBE:
<http://www.rbe.mec.pt/np4/914.html>
- Santos, L. (21 de Agosto de 2012). *Em defesa das bibliotecas públicas*. Obtido em 28 de Março de 2013, de Notícia BAD. Jornal dos profissionais da informação: <http://www.jornalprofissionaisdainformacao.pt>
- Santos, N. R. (2012). *A Rede de Bibliotecas Escolares do Porot como Comunidade de Prática e a Identidade dos Prodeedores Bibliotecários: Um Estudo de Caso*.

Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Sousa, P. B. (12 de Janeiro de 2009). *Cascais leva Fernando Pessoa para o mundo virtual*. Obtido em 27 de Novembro de 2012, de A Informação: <http://a-informacao.blogspot.pt/2009/01/cascais-leva-fernando-pessoa-para-mundo.html>
- Sprang, J. (28 de Abril de 2009). *Ontario Public School Board's*. Obtido em 26 de Novembro de 2012, de What if? Technology in the 21st Century Classromm: http://www.opsba.org/index.php?q=news/what_if_technology_in_the_21st_century_classroom
- Todd, R. (9-12 de julho de 2001). *Transitions for preferred futures of school libraries*. Obtido em 6 de 12 de 2012, de IASL: <http://www.iasl-online.org/events/conf/virtualpaper2001.html>
- Todd, R. (2010). Aprendizagem na escola na era da informação: oportunidades, resultados e caminhos possíveis. *Noesis*, 82, pp. 24-29.
- Todd, R. (2011). *O que queremos para o futuro das bibliotecas escolares*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.
- Veiga et al., I. (1966a). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Veiga et al., I. (1996b). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Veiga et al., I. (1996c). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da educação.
- Vitorino, M. J. (2006). *Diretrizes da IFLA/UNESCO para as Biblioteas Escolares*. Lisboa: Rede de Biblioteas Escolares.
- Vollmer, C. (24 de Fevereiro de 2009). *Digital Darwinism*. Obtido em 5 de Janeiro de 2013, de Strategy + Business: <http://www.strategy-business.com/article/09106?pg=all>
- Watts, D. J. (2003). *Six Degrees. The Science of a Connected Age*. New York: W.W.Norton & Company, Inc.
- Yin, R. (2010a, p.138). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Yin, R. (2010b, p.139). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

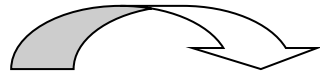
Zmuda, A., & Harada, V. (2008). *Librarians as learning specialists: meeting the learning imperative for the 21st century*. Westport: Libraries Unlimited.

Anexos

Anexo I- Da Web 1.0 à Web 3.0: Conceitos e Tecnologias

Da WEB 1.0 à Web 3.0

Conceitos



Web 1.0 (1966)	Web 2.0(2006)	Web 3.0 (2010)
<p>250.000 <i>sites</i></p> <p>► Modelo “pull” (centradas nos motores de busca):</p> <ul style="list-style-type: none"> -Adquirir -Armazenar -Emprestar -Encontrar <ul style="list-style-type: none"> • Altavista • Google • Páginas pessoais • Listas de endereços 	<p>80.000.000 <i>sites</i></p> <p>► Modelo “push”:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Adquirir -Armazenar -Difundir -Interagir ▪ Está em todo o lado; ▪ Sem barreiras; ▪ Convida à participação ▪ Usa sistemas flexíveis ▪ ”best-of-breed”(The best product of its type), baseado em componentes ▪ Organização centrada no utilizador ► prestadora de bons serviços; <ul style="list-style-type: none"> • Web como plataforma • Inteligência coletiva • Rating • Participativa; Interativa; mais democrática 	<p>► Foco nos 3 I’s:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Institucionalização – Preparar o caminho da geração seguinte -Inovação – Agir de forma diferente -Imaginação – Mudar as regras <ul style="list-style-type: none"> • Web - Uma grande base de dados • Metadados e lógica formal • Ontologias • Agente de utilizador e sistemas informáticos capazes de efetuar inferências e raciocínios • Computação em nuvem • Ubiquidade • Pesquisa semântica <p>-Blogues Semânticos:</p> <p>http://www.w3.org/2001/sw/Europe/showcase/sem-blog.html</p> <p>SemiBlog: http://www.semi-blog.com/</p> <p>Haystack: http://haystacksearch.org/</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação unilateral (one-way communication) • Read-only (apenas de leitura) • Foco na publicação • Websites/páginas pessoais estáticos • Directórios (Taxonomia) • Britannia online 	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação bi/multilateral • Conexões e construção de comunidades • Read-Write (leitura e escrita) • Foco na participação • Interligação (Hipertexto) • Tagging (Folksonomy) • Syndication via RSS • Wikipedia • Library Thing (http://pt.librarything.com/) 	<p>The Sem Blog: http://thesemblog.com/ Structured Blogging: http://readwrite.com/2005/12/13/structured_blog#awesm=~oa0q3uZ80Ut21T</p> <p>-Wikis semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Semântica mediaWiki • SemperWiki : http://eyaloren.org/semperwiki.html • Platypus • Dbpedia: http://dbpedia.org/About • Rhizome: http://rhizome.org/ <p>-Pesquisa Semântica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • SWSE: http://www.swse.org/ • Swoogle: http://swoogle.umbc.edu/ • Intellidimension: http://www.intellidimension.com/ • notitio.us: http://aran.library.nuigalway.ie/xmlui/handle/10379/552 <p>-Bibliotecas Digitais Semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • JeromeDL • BRICKS • FEDORA • Greenstone • SIMILE • Gallica • Libris • Biblioteca Pública Digital dos Estados Unidos (DPLA) • Biblioteca Nacional de Espanha • Biblioteca Nacional de França • British Library
---	---	--

		<p>-Fóruns Semânticos e Portais de Comunidades:</p> <ul style="list-style-type: none">• SIOC: http://sioc-project.org/• OpenLink DataSpaces: http://semanticweb.org/wiki/OpenLink_Data_Spaces <p>-Redes Sociais Semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none">• FOAF: http://www.foaf-project.org/• People Aggregator: http://sourceforge.net/projects/peepagg/ <p>-Espaços Semânticos de Informação Social:</p> <ul style="list-style-type: none">• Golden Cosmos: http://www.golden-cosmos.com/• Nicer: http://nicergraphics.com/• Gnowsis: http://www.iks-project.eu/community/partners/gnowsis
--	--	--

Da WEB 1.0 à Web 3.0

Tecnologias⁵

Web 1.0	Web 2.0	Web 3.0
<ul style="list-style-type: none"> • Altavista • Google • E-mail • Páginas pessoais (estáticas) 	<p>-Software para criação de redes sociais (social networking):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hi5 (http://hi5.com/) • Orkut (http://www.orkut.com/) • Messenger (http://get.live.com/messenger/) • Facebook (http://www.facebook.com/) • Blogs <p>-Ferramentas de escrita colaborativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Wikis • Podcast • Google Docs & Spreadsheets • Share Point Services • Blogs 	<p>-Bases de Dados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • FreeBase (http://www.freebase.com/) • Eioba (http://www.eioba.com/)⁶ <p>-Motores de Pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bing (http://www.bing.com/)⁷ • Semantic Box – novo motor de busca capaz de interpretar o significado das palavras. Utilizado para empresas, intranet e sites • Tumbup (http://tumbup.com/)⁸ • Exalead(http://www.exalead.com/search/web/)⁹ • Hakia (http://www.hakia.com/)¹⁰ • True Knowledge (http://www.trueknowledge.com/)¹¹ <p>-Plataformas de Ensino:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Talis (http://www.talis.com/)¹²

⁵ Consultadas em 5 de junho de 2013

⁶ Trata-se de uma base de dados exclusivamente dedicada à colecção de documentos de valor informativo ou formativo.

⁷ Pretende compreender a linguagem humana. Localiza e organiza respostas.

⁸ Motor de recomendação baseado na Web semântica

⁹ Softwares que permitem colectar, analisar e estruturar grandes volumes de dados

¹⁰ Realiza a análise de frases no momento da pesquisa

¹¹ Procura responder às perguntas a partir de uma base de dados com conhecimentos e conexões

¹² Plataforma para criação de aplicações semânticas na Web. Os “desenvolvedores” podem criar, compartilhar e reutilizar informações nessa plataforma cujo objectivo é facilitar o desenvolvimento das aplicações semânticas.

	<p>-Ferramentas de comunicação online:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Messenger • Skype • Voip • Googletalk <p>-Ferramentas de publicação de vídeos online</p> <ul style="list-style-type: none"> • YouTube • Google Vídeos • Yahoo Vídeos • Sapo Vídeos <p>-Ferramentas de publicação de fotos online:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Flickr • Picasa • Sapo Fotos <p>-Ferramentas de Social Bookmarking:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Del.icio.us • Digg • BlinkList • Social Bookmarks <p>-Plataformas de e-learning:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Moodle • Atutor • Dokeos 	<ul style="list-style-type: none"> • The Mosaic Project (http://www.mosaicproject.org/) • Luisa Project (http://www.luisa-project.eu/) • Prolearn Project (http://www.prolearn-project.org/) • ARIADNE (http://www.ariadne-cms.org/) • GEM (http://www.gemconsortium.org/) • SMETE DigitalLibrary (http://www.mura.org/2012/06/smete-org-and-the-smete-open-federation/) • EDUTELLA (http://www.edutella.org/edutella.shtml) <p>-Rede Social:</p> <p>-Twine (http://www.evri.com/)-Twine é uma ferramenta inteligente para pesquisa e criação de conteúdos favoritos pela internet. Um recurso semelhante ao Twine é utilizado por serviços como o Flickr e o Facebook, relacionando imagens e pessoas. O Twine será o 1º a fazer isto com informações</p> <p>-WIKI:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Thinkbase (http://thinkbase.cs.auckland.ac.nz/)¹³ • The Brain (http://www.thebrain.com/) <p>-LAMS (Learning Activity management System)</p>
--	---	--

¹³ Mapa Mental do Conhecimento do Mundo

	<ul style="list-style-type: none">• Claroline• Docebo• Blackbord <p>-Ambientes de realidade/interacção virtual:</p> <ul style="list-style-type: none">• Second Life• Habbo• The Sims Online• Why Ville	
--	--	--

Anexo II - Questionário

Questionário

O presente questionário enquadra-se no âmbito de uma dissertação de Mestrado em "TIC na Educação e Formação" da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

Com este questionário pretende-se verificar a continuidade e a atualidade das redes concelhias de bibliotecas, bem como conhecer o uso do portal concelhio e a rentabilização do catálogo coletivo como ferramenta pedagógica, entre outras tecnologias ao dispor dos bibliotecários.

Os dados recolhidos são confidenciais e a sua autoria ficará do conhecimento exclusivo da investigadora.

É indispensável para o sucesso deste trabalho que responda a este questionário, solicitando a maior sinceridade nas suas respostas.

Antecipadamente grata pela sua disponibilidade.

Rosário Caldeira

mrcaldeira@gmail.com

* Required

Por favor assinale a sua resposta nas seguintes questões.

1. **1. Idade ***

Mark only one oval.

- menos de 29 anos
 de 30 a 39 anos
 de 40 a 49 anos
 mais de 49 anos

2. **2. Função ***

Mark only one oval.

- Bibliotecário Municipal
 Coordenador Interconcelhio da RBE (CIBE)
 Professor Bibliotecário

3. **3.1. Número total de horas de formação na área das bibliotecas ***

Mark only one oval per row.

	sem formação	menos de 50 horas	de 50 a 100 horas	de 100 a 250 horas	mais de 250 horas
Nº total de horas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. 3.2. Tipo e conteúdos de formação. *

Para cada área de formação seleccione o grau mais elevado. Por exemplo, se possui formação contínua em TIC e Mestrado em TIC, seleccione a opção Mestrado

Mark only one oval per row.

	Sem formação	Formação contínua	Formação especializada/pós-graduada	Mestrado	Doutorame
Organização e Gestão de Bibliotecas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tratamento Documental/Ciências Documentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação Educacional Multimédia/Produção de documentos áudio/vídeo/multimédia/digitais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
TIC	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gestão de equipamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Formação para a(s) literacia(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. 4. Experiência profissional nestas funções. *

Os professores bibliotecários devem considerar os anos de exercício como coordenadores de biblioteca, antes da entrada em vigor da Portaria nº 756/2009 de 14 de Julho que cria a função de professor bibliotecário.

Mark only one oval.

- 1 ano
- de 2 a 5 anos
- de 6 a 10 anos
- mais de 10 anos

II - REDES CONCELHIAS/INTERCONCELHIAS DE BIBLIOTECAS

6. 1. Quantifique a importância de uma rede concelhia/interconcelhia de bibliotecas. *

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	
menos importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mais importante

7. **2. Hierarquize as dificuldades encontradas na criação da rede a que pertence. ***

Considere 1 a dificuldade mais relevante e 7 a menos relevante.

Mark only one oval per row.

	1	2	3	4	5	6	7
Falta de hábitos de trabalho colaborativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uniformização de procedimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Constituição de equipas de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cumprimento de prazos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificuldades técnicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desconhecimento de uma filosofia de rede	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. **3. Na sua opinião, uma rede concelhia de bibliotecas é: ***

Considere 1 o item mais relevante e 5 o menos relevante.

Mark only one oval per row.

	1	2	3	4	5
Um grupo de trabalho formalizado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma comunidade de prática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma estrutura de colaboração e partilha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um grupo de profissionais com objetivos comuns	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma rede de informação e de conhecimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. **4. Indique quem, na sua opinião, lidera o processo de criação de uma rede concelhia/interconcelhia de bibliotecas. ***

Mark only one oval.

- Biblioteca Municipal
- Professor Bibliotecário
- CIBE
- Other: _____

10. 5. Existe uma identidade coletiva na rede onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s)? *

Mark only one oval.

- Sim
 Não

AS QUESTÕES DE 6 A 7 DIRIGEM-SE APENAS AOS COORDENADORES INTERCONCELHIOS

A participação dos CIBE neste estudo termina na questão 7.
Grata pela sua colaboração.

11. 6. A(s) rede(s) concelhia(s)/interconcelhia(s) em que participou na respetiva criação ainda se mantêm ativas?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

12. 6.1. Se respondeu Não à questão anterior indique o(s) motivo(s)

13. 7. De que forma acompanha as redes de bibliotecas do seu território?

Check all that apply.

- Participa nas reuniões de trabalho do grupo concelhio/interconcelhio
 Disponibiliza formação ao grupo quando solicitada
 Participa nas atividades da rede
 Supervisiona o portal
 Other: _____

A PARTE III E IV DO QUESTIONÁRIO DESTINA-SE APENAS AOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECÁRIOS MUNICIPAIS

III - PORTAL CONCELHIO/INTERCONCELHIO

14. 1. Qual a sua participação na atualização do portal da rede concelhia a que pertence.

Indique uma ou mais opções.

Check all that apply.

- Atualização do catálogo coletivo
- Divulgação de notícias
- Divulgação de atividades
- Indicação de sugestões de leitura
- Resposta às questões/sugestões dos utilizadores
- Nenhuma
- Other: _____

15. 2. Indique a periodicidade da atualização do portal.

Mark only one oval.

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Sempre que se justifique
- Raramente

16. 3. Com que frequência visita o portal

Mark only one oval.

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Raramente
- Nunca

17. 4. Indique o seu grau de concordância em relação à listagem que refere os principais fatores que dificultam a manutenção/atualização do portal.

Mark only one oval per row.

	Concordo totalmente	Concordo	Indeciso(a)	Discordo	Discordo totalmente
A inexistência de competências tecnológicas por parte dos responsáveis por essa tarefa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de apoio por parte dos órgãos diretivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de tempo por parte dos responsáveis por essa tarefa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de formação no domínio das tecnologias por parte dos responsáveis por essa tarefa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de motivação por parte dos responsáveis por essa tarefa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. O portal como uma plataforma da Web 2.0

18. 5.1. Indique o grau de concordância em relação a cada uma das afirmações que se seguem relativas ao interesse pedagógico de um portal concelhio/interconcelhio de bibliotecas.

Mark only one oval per row.

	Concordo totalmente	Concordo	Indeciso(a)	Discordo	Discordo totalmente
Encoraja a partilha e acrescenta dinamismo e interatividade aos trabalhos desenvolvidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao que é publicado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite uma maior divulgação das atividades e práticas das bibliotecas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Confere uma grande visibilidade às bibliotecas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Possibilita a disponibilização de	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

recursos educativos digitais para os utilizadores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite a divulgação da informação de forma mais ágil e rápida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Possibilita a disponibilização de documentos essenciais para os utilizadores (catálogos; guiões de pesquisa; guias de utilizador).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Potencia o trabalho em rede.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite a disponibilização e acesso permanentes ao catálogo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Constitui-se como uma ferramenta de marketing	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os utilizadores sentem-se mais motivados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A comunidade, em geral, conhece melhor os recursos existentes nas bibliotecas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As bibliotecas são mais inovadoras e procuram estar sempre atualizadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. 5.2. O portal tem ligação às páginas e blogues das bibliotecas da rede?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

20. 5.3. O portal tem ligação a outras páginas Web de interesse pedagógico e de interesse público?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

21. 5.4. O portal tem ligação a uma rede social?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

22. 5.5. Se respondeu Sim à questão anterior, indique qual.

23. 5.6. O portal integra ferramentas da Web 2.0?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

24. 5.7. Se respondeu Sim à questão anterior, assinale qual/quais da seguinte lista.

Check all that apply.

- Blogue
 RSS
 Wiki
 Podcast
 Vodcast
 Slideshare
 Scribd
 Issuu
 Picasa
 Other: _____

25. 5.8. Que ferramentas de desenvolvimento de conteúdos (online ou offline) utiliza na criação de objetos de informação para publicação no portal?

Check all that apply.

- Adobe pdf creator ou similar
- Editor de e-book
- Jclie
- Hot Potatoes
- Quizfaber
- Quicklessons
- Story Builder
- Inklewriter
- Audacity
- Podomatic
- Movie Maker
- Other: _____

26. 5.9. A que instrumentos recorre para medir o impacto do portal nas escolas/bibliotecas municipais?

Pode seleccionar mais do que uma opção.

Check all that apply.

- Questionários
- Checklists
- Estatísticas de acesso
- Entrevistas
- Não é medido
- Other: _____

27. 6. Relativamente ao portal concelhio onde a(s) sua(s) biblioteca(s) está/estão integrada(s), os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	
menos relevante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mais relevante

28. 7. Sugira, no máximo de três, novas funcionalidades a integrar no portal. Se não tiver sugestões passe para a questão seguinte.

**A PARTE IV DO QUESTIONÁRIO DESTINA-SE APENAS AOS
PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECÁRIOS
MUNICIPAIS**

IV - CATÁLOGO COLETIVO

Utilização numa perspectiva de ferramenta pedagógica da Web 2.0 em contexto letivo e em contexto livre.

29. 1. Indique o grau de concordância em relação a cada uma das seguintes afirmações relativas ao interesse comum do catálogo coletivo.

Mark only one oval per row.

	Concordo totalmente	Concordo	Indeciso(a)	Discordo	Discordo totalmente
Fomenta a leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite o acesso livre e permanente à informação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite a economia de tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Valoriza o trabalho em rede	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Disponibiliza uma maior oferta de recursos aos utilizadores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificulta o respeito pela propriedade e controlo dos catálogos de cada biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Potencia o aumento de requisições domiciliárias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Constitui-se como uma ferramenta pedagógica que facilita a criação de espaços colaborativos on line	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Favorece a aprendizagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite a ligação ao currículo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facilita o empréstimo interbibliotecas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Potencia uma catalogação cooperativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não garante a uniformidade de critérios biblioteconómicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aumenta a responsabilidade das bibliotecas relativamente ao tratamento da informação e dos recursos documentais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. 2. O catálogo coletivo é utilizado como uma ferramenta pedagógica da Web 2.0 em contexto letivo?

Mark only one oval.

- Sim
 Não

31. 2.1. Se respondeu Sim, selecione uma ou mais opções da seguinte lista.

Check all that apply.

- Fazer resenhas a livros
 Elaborar resumos de livros
 Colocar etiquetas/tags personalizadas
 Estabelecer ligações entre o catálogo e páginas Web
 Realizar trabalhos de pesquisa
 Realizar pesquisas bibliográficas
 Other: _____

3. Formação do utilizador

32. 3.1. A sua biblioteca dinamiza sessões de formação em pesquisa, recuperação e seleção de informação.

Mark only one oval per row.

	Sim	Não
Para alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para assistentes operacionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para a comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

33. 3.2. A sua biblioteca disponibiliza documentos para apoio à pesquisa, recuperação e seleção da informação.

Mark only one oval.

- Sim
 Não

34. 3.3. Se respondeu Sim à questão anterior, indique qual/quais.

Check all that apply.

- Manual do utilizador
- Guiões de apoio à pesquisa
- Tutoriais
- Other: _____

35. 3.4. Indique a(s) forma(s) como esses documentos são disponibilizados.

Check all that apply.

- Impresso (desdobrável)
- Digital (cd-rom, pen drive, etc)
- Na página/blogue da biblioteca
- Na plataforma Moodle da escola
- No portal concelhio
- Other: _____

36. 3.5. Indique o(s) instrumento(s) de divulgação das novidades do catálogo coletivo.

Check all that apply.

- Boletim/Jornal da biblioteca
- Boletim/Jornal da escola/instituição
- Placar informativo
- Página Web da biblioteca
- Blogue da biblioteca
- Página Web da escola/instituição
- Portal da rede concelhia
- Other: _____

37. 4. Relativamente ao catálogo coletivo concelhio/interconcelhio os resultados obtidos na relevância da partilha correspondem ao que esperava?

Mark only one oval.

	1	2	3	4	5	
menos relevante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mais relevante

38. 5. Sugira, no máximo de três, novas funcionalidades que gostaria de ver associadas ao catálogo coletivo.

Powered by
 Google Drive

Anexo III – E-mail dirigido ao (s) diretor (es) das escolas integradas nas redes concelhias do estudo solicitando colaboração na resposta a um questionário

Bragança, 12 de abril de 2013

Exmo(a) Sr(a) Director(a) / Presidente da CAP:

Chamo-me Maria do Rosário Caldeira, sou coordenadora interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares e professora do Q.N.D. no Agrupamento de Escolas Miguel Torga em Bragança.

Encontro-me, de momento, a realizar uma investigação que pretende verificar a continuidade e a atualidade das redes concelhias/interconcelhias de bibliotecas formalmente constituídas que constam do Portal da Rede de Bibliotecas Escolares, bem como conhecer o uso do portal concelhio e a rentabilização do catálogo coletivo como ferramenta pedagógica. A investigação está integrada no Mestrado em “Tic Educação e Formação” da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, orientada pelo Professor Doutor Vítor Barrigão Gonçalves.

Porque este questionário constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação, solicitamos a V. Ex^a se digne autorizar a sua aplicação à Professora Bibliotecária da Escola/Agrupamento que superiormente dirige. No caso de haver mais do que uma Professora Bibliotecária, o mesmo deverá ser respondido pela Professora Bibliotecária Coordenadora da Equipa.

O referido questionário pode ser acedido a partir do link: https://docs.google.com/forms/d/13rm66AAJbGTbm8HmQXaGEIzSSlqCOQHArDo8nZrEntY/vie_wform, sendo que o tratamento dos dados será agregado e será ainda salvaguardado o anonimato da escola e da professora bibliotecária.

Cumpre-me, ainda, informar, que deste estudo foi dado conhecimento à Senhora Coordenadora Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, Dr.^a Teresa Calçada, que, de imediato, o apoiou uma vez não existir qualquer investigação sobre esta temática.

Agradeço desde já toda a atenção que puder dar a este assunto.

Certa do bom acolhimento deste meu pedido, apresento os melhores cumprimentos.

Caso necessitem de mais algum esclarecimento, disponibilizo os meus contactos, bem como o do Professor Vítor Gonçalves.

Maria do Rosário Caldeira

Telem: [963391873](tel:963391873)

e-mail: mrcaldeira@gmail.com / rosario.caldeira@mail-rbe.org

Professor Vítor Gonçalves: vg@ipb.pt

Atenciosamente,

Maria do Rosário Caldeira

Anexo IV – E-mail dirigido ao (s) PB coordenadores das bibliotecas das escolas integradas nas redes concelhias do estudo

Caros colegas,

Chamo-me Maria do Rosário Caldeira e sou coordenadora interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares. Estou, de momento, a elaborar a dissertação de Mestrado em "TIC na Educação e Formação" na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, cuja temática se prende com o estudo das redes concelhias/interconcelhias oficialmente criadas e que constam no Portal da RBE. Desse estudo dei conhecimento à Senhora Coordenadora da RBE, Dr.ª Teresa Calçada, que, desde logo, o apoiou uma vez que não existe qualquer estudo sobre essa temática.

Os vossos contactos foram-me cedidos pelos meus colegas coordenadores interconcelhios que acompanham os territórios das bibliotecas municipais onde exercem funções.

Assim, venho solicitar a vossa colaboração para o preenchimento do questionário que se segue, sublinhando, desde já, que do vosso apoio dependerá o sucesso do meu trabalho. Para tal, basta disporem de 15 minutos do vosso tempo.

Peço, ainda, que o mesmo seja submetido até ao próximo dia 30 de abril pelas 23:00H

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

https://docs.google.com/forms/d/13rm66AAJbGTbm8HmQXaGEIZSSlqCOQHArDo8nzzrEntY/vie_wform

Caso necessitem de mais algum esclarecimento, disponibilizo os meus contactos, bem como o do Professor Vítor Gonçalves.

Maria do Rosário Caldeira

Telem: 963391873

e-mail: mrcaldeira@gmail.com / rosario.caldeira@mail-rbe.org

Professor Vítor Gonçalves: vg@ipb.pt

Com os melhores cumprimentos.

Rosário Caldeira

**Anexo V – E-mail dirigido aos bibliotecários municipais
solicitando colaboração na resposta a um questionário**

Exmos Senhores Bibliotecários /Exm^{as} Senhoras Bibliotecárias,

Chamo-me Maria do Rosário Caldeira e sou coordenadora interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares. Estou, de momento, a elaborar a dissertação de Mestrado em "TIC na Educação e Formação" na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, cuja temática se prende com o estudo das redes concelhias/interconcelhias oficialmente criadas e que constam no Portal da RBE. Desse estudo dei conhecimento à Senhora Coordenadora da RBE, Dr.^a Teresa Calçada, que, desde logo, o apoiou uma vez que não existe qualquer estudo sobre essa temática.

Os vossos contactos foram-me cedidos pelos meus colegas coordenadores interconcelhios que acompanham os territórios das bibliotecas municipais onde exercem funções.

Assim, venho solicitar a vossa colaboração para o preenchimento do questionário que se segue, sublinhando, desde já, que do vosso apoio dependerá o sucesso do meu trabalho. Para tal, basta disporem de 15 minutos do vosso tempo.

Peço, ainda, que o mesmo seja submetido até ao próximo dia 30 de abril pelas 23:00H

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

<https://docs.google.com/forms/d/13rm66AAJbGTbm8HmQXaGEIZSSlqCOQHArDo8nZrENTY/viewform>

Caso necessitem de mais algum esclarecimento, disponibilizo os meus contactos, bem como o do Professor Vítor Gonçalves.

Maria do Rosário Caldeira

Telem: 963391873

e-mail: mrcaldeira@gmail.com / rosario.caldeira@mail-rbe.org

Professor Vítor Gonçalves: vg@ipb.pt

Com os melhores cumprimentos.

Rosário Caldeira